UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

Rosali Maria Nunes Henriques

Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais

Rio de Janeiro, 2014

Henriques, Rosali Maria Nunes.

Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais/ Rosali Maria Nunes Henriques – 2014.

160 f. : il. 30 cm

Orientadora: Dra.Vera Dodebei.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais.

1. Memória. 2. Internet. 3. Facebook. 4. Nativos digitais. 5. Patrimônio digital. 6. Rastros digitais. I. Dodebei, Vera. II.Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutora em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio.

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Vera Dodebei

Rosali Maria Nunes Henriques

Rio de Janeiro, 2014

Banca Examinadora

_____
Profª Drª VERA LÚCIA DOYLE LOUZADA DE MATTOS DODEBEI (Orientadora)
(PPGMS – UNIRIO)

_____
Profª Drª CHRISTINA FERRAZ MUSSE
(PPGCOM – UFJF)

_____
Profª Drª ROSA INÊS DE NOVAIS CORDEIRO
(PPGCI – UFF)

_____
Profª Drª LEILA BEATRIZ RIBEIRO
(PPGMS – UNIRIO)

_____
Prof. Dr. SÉRGIO LUIZ PEREIRA DA SILVA
(PPGMS– UNIRIO)

À memória dos meus pais, que me deixaram
como legado: a vida, a paixão e o sonho.

Para Paulo e Théo: minhas fontes de inspiração.

O Profissional da memória

Passeando presente dela
pelas ruas de Sevilha,
imaginou injetar-se
lembranças, como vacina,

para quando fosse dali
poder voltar a habitá-las,
uma e outras, e duplamente,
a mulher, ruas e praças.

Assim, foi entretecendo
entre ela e Sevilha fios
de memória, para tê-las
num só e ambíguo tecido;

foi-se injetando a presença
a seu lado numa casa,
seu íntimo numa viela,
sua face numa fachada .

Mas desconvivendo delas,
longe da vida e do corpo,
viu que a tela da lembrança
se foi puindo pouco a pouco;

já não lembrava do que
se injetou em tal esquina,
que fonte o lembrava dela,
que gesto dela, qual rima.

A lembrança foi perdendo
a trama exata tecida
até um sépia diluído
de fotografia antiga.

Mas o que perdeu de exato
de outra forma recupera:
que hoje qualquer coisa de um
traz da outra sua atmosfera.
João Cabral de Melo Neto

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de "memória", como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.
Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa de doutorado é um longo percurso. Durante este período muitas pessoas me ajudaram a trilhar o árduo caminho da pesquisa. Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, a Profa. Dra. Vera Dodebei, que acolheu com entusiasmado as minhas ideias, me incentivando a buscar caminhos alternativos e colaborando para que a pesquisa fosse concluída com êxito.

Não posso deixar de agradecer à Capes/CNPq que me agraciou com uma bolsa de pesquisa, sem a qual não seria possível me dedicar em tempo integral aos trabalhos que uma empreitada dessa envergadura necessita.

Aos colegas e professores do curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que, nas constantes trocas acadêmicas, partilharam comigo seu conhecimento e sua sabedoria.

Aos professores que aplicaram os questionários aos nativos digitais, disponibilizando suas turmas e seus horários de aula. No ensino médio público de Juiz de Fora: Rosângela Maria Nunes Henriques de Oliveira, Rogéria Nunes Henriques, Alessandra dos Anjos Henriques e Luciano Severino. Nos cursos de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora: Alexandre Mansur Barata, Valéria Leão Ferenzini e Paulo Roberto Figueira Leal. E, é claro, aos jovens que se dispuseram a me ajudar na pesquisa e na tarefa de entender o universo da memória no *Facebook*.

Para minha irmã Rosália Maria Nunes Henriques Huaira e meu cunhado Carlos Alberto Huaira Contreras que, com habilidade e conhecimento estatístico, me ajudaram na elaboração dos questionários e no processamento da pesquisa quantitativa sobre os jovens nativos digitais e na pesquisa qualitativa com o grupo de jovens do *Facebook*.

Ao Paulo Boaventura e Sandra Medeiros Albernaz, por sua amizade e por me fazerem sentir tão acolhida nas minhas estadias no Rio de Janeiro. Principalmente à Sandra, pelas conversas em torno do tema da memória, pelas dicas e pela troca de informações.

Aos membros do grupo de pesquisa “Comunicação, Cidade, Memória e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelas contribuições e trocas efetuadas durante as discussões sobre a memória na contemporaneidade.

À Ana Paulo Severiano que leu, releu e revisou os capítulos e, como nativa digital, me deu preciosos conselhos sobre o uso das redes socais pelos jovens. À amiga Andrea Rivelli Thomas que me ajudou na elaboração do *abstract*.

Para Paulo que foi sempre o meu esteio, minha força e meu incentivo para continuar os estudos, prescindindo da minha presença em Juiz de Fora, lidando sozinho com a casa e com a educação de nosso filho, durante as minhas ausências. E, para Théo, que não sabe o que a mãe faz, mas que sentiu a sua falta durante esses anos.

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar as relações entre memória e *internet* a partir de autores do campo da Memória Social, tendo como foco principal a discussão sobre como os jovens lidam com as questões de lembrança e esquecimento na rede mundial de computadores, e a partir de análise de conteúdo postado no *Facebook*. O foco da pesquisa está centrado em três eixos que se entrelaçam: a **memória** enquanto campo de estudo, a ***internet*** como uma nova tecnologia que está mudando comportamentos, e o **patrimônio**, que vem sendo afetado por estes novos comportamentos. As redes sociais *online*, além de serem locais de convívio social, tornaram-se espaços de registros de memória dos jovens, possibilitando uma preservação ainda que não intencional do patrimônio digital. Os rastros digitais que resultam desses registros memoriais transformam o *Facebook* em um lugar de memórias e colaboram para a preservação da memória social *online*. Tendo como objeto empírico o conteúdo postado no *Facebook*, por um grupo de jovens de 15 a 25 anos, apresentaremos uma análise de como as redes sociais podem ser armazenadoras de patrimônio digital e aglutinadoras de memória social.

Palavras-chave: Memória, *Internet*, *Facebook*, Nativos Digitais, Patrimônio Digital, Rastros Digitais.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the relationship between memory and the Internet from the point of view of authors within the field of social memory. Its main focus is the discussion on how young people deal with issues of remembering and forgetting on the worldwide web through the analysis of the content posted on *Facebook*. The research is centered on three pillars that intertwine: the memory while a field of study, the internet as a new technology that is changing behaviors, and the heritage, which has been affected by these new behaviors. Online social networks, in addition to be places of social interaction, became spaces for memory records of young people, enabling, even if unintentionally, the preservation of digital heritage. The digital footprints resulting from these memorials records transform *Facebook* into a place of memories and collaborate for the preservation of social memory *online*. Having as an empirical object the content posted on Facebook by a group of young people aged between 15 and 25 years old, we will present an analysis of how social networks can become the storage of digital heritage and social memory.

Keywords: Memory, Internet, Facebook, Digital Natives, Digital Heritage, Digital Footprint.

SUMÁRIO

LISTA DAS FIGURAS E GRÁFICOS 13

INTRODUÇÃO 15

PARTE I - CONTEXTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, *INTERNET* E PATRIMÔNIO 33

1. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E RASTROS DIGITAIS NA *INTERNET* 33

1.1 A virtualidade da memória 34

1.2 Rastros digitais e a preservação do patrimônio 43

1.3 Narrativas de memória e a *internet* 52

1.4 A visualidade na era da fotografia digital 59

2. PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS ONLINE: OS NATIVOS DIGITAIS E O FACEBOOK 65

2.1 Os nativos digitais e a memória do presente 66

2.2 Estudo de caso: os alunos do ensino público da cidade de Juiz de Fora 71

2.3 A presença da *internet* no cotidiano dos nativos digitais 75

PARTE II – RASTROS MEMORIAIS NAS REDES SOCIAIS 81

3. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NO *FACEBOOK* 81

3.1 As redes sociais e a representação do “eu” 82

3.2 Lembrar e esquecer no *Facebook*: análise do material coletado 96

3.3 Podemos falar de preservação da memória no *Facebook*? 104

4. “O MACHISMO NOSSO DE CADA DIA”: ANÁLISE DA FAN PAGE DE UMA JOVEM NO FACEBOOK 112

4.1 Surgimento e configuração 113

4.2 Análise do conteúdo 118

CONSIDERAÇÕES FINAIS 127

REFERÊNCIAS 132

ANEXOS 145

Anexo I - Questionário aplicado aos nativos digitais 145

Anexo II - 1º Questionário aplicado aos jovens do Facebook 148

Anexo III – 2º Questionário aplicado aos jovens do Facebook 154

Anexo IV - Listagem para catalogação de dados postados no Facebook 159

LISTA DAS FIGURAS E GRÁFICOS

Figuras

Figura 1 – Fazenda de servidores do *Facebook*, em Forest City, North Carolina. 51

Figura 2 – Diagrama da tríade da visão fotográfica. 63

Figura 3 – Fotografias que mostram as escolhas de novos Papas (em 2005 e em 2013) 64

Figura 4 – Primeira versão do *Facebook* 85

Figura 5 – Imagem do vídeo da minha história pessoal no *Facebook* 88

Figura 6 – Charge postada no *Facebook*, em 25/04/2012 104

Figura 7 – Foto da intervenção em publicidade no metrô Belém em São Paulo 113

Figura 8 – *Post* compartilhado pela *fan page* em 25/11/2012 119

Figura 9 – *Post* mais comentado e compartilhado do mês de setembro, publicado 01/09/2013 121

Gráficos

Gráfico 1 – Número de alunos por faixa etária. 72

Gráfico 2 – Idade em que acessou a *internet* pela primeira vez 73

Gráfico 3 – Local de acesso à *internet* pela primeira vez 74

Gráfico 4 – Frequência de acessos à *internet* 74

Gráfico 5 – Uso do *MSN* pelos grupos de jovens 76

Gráfico 6 – Uso do *e-mail* pelos jovens 78

Gráfico 7 – Uso do *Facebook* pelos jovens 79

Gráfico 8 – Uso do *Orkut* pelos jovens 80

Gráfico 9 – Frequência de acesso à *internet* 97

Gráfico 10 – Uso da *internet* 98

Gráfico 11 – Frequência no *Facebook* 99

Gráfico 12 – Números dos formatos das ações 102

Gráfico 13 – Ações no *Facebook* 103

Gráfico 14 – Assuntos mais postados no *Facebook* 103

Gráfico 15 – Uso mais intenso do *Facebook* 105

Gráfico 16 – Hábito de consultar que postou 107

Gráfico 17 – Apaga os *posts* anteriores da linha do tempo 108

Gráfico 18 – Equipamento utilizado para fotografar 109

Gráfico 19 – Localização dos fãs 117

Gráfico 20 – Quadro comparativo: gênero dos fãs 118

Gráfico 21 – Postagens do mês de setembro 120

Gráfico 22 – Pico do “curtir” durante mês de setembro 120

Gráfico 23 – Alcance da publicação 122

Gráfico 24 – Denúncias e ocultar publicações, mês de setembro 123

Gráfico 25 – Números de “descurtidas” do mês de setembro 123

INTRODUÇÃO

> Antigamente, eu guardava coisas dentro de uma caixa bonita - fotos, diários, embalagens de chocolate, bilhetes de cinema, cartas. Uma delas eu recebi do namoradinho que eu tive aos 14 anos: o texto é tão inocente que quase 15 anos se passaram sem que eu consiga jogá-la fora. Hoje, cada história e cada coisa se convertem em um tanto de *bits* e me parece muito mais fácil se desfazer delas. Deleto os e-*mails*, as fotos, as mensagens de texto - e, se for realmente necessário, alguns protagonistas do enredo. E pergunto: agora é assim que a gente esquece?
> Ana Paula Severiano, 27 anos[1]

Um dia, quando eu estava imersa em um daqueles dilemas que uma pesquisa acadêmica nos proporciona, vi este *post* de uma amiga no *Facebook*. Eu havia mudado o objeto empírico da minha pesquisa, que não dava conta das questões que eu levantara durante as disciplinas cursadas no doutorado, e estava em busca de um caminho que melhor sintetizasse os novos rumos do trabalho a ser desenvolvido. A única certeza que eu tinha é que gostaria de trabalhar com as relações entre a *internet* e a memória, mas não sabia de que modo abordar a questão. Este pequeno texto me alertou para o cerne do problema que eu deveria enfrentar. Eu pude compreender que deveria estudar o comportamento dos jovens em relação aos processos de lembrança e de esquecimento que ocorrem na dinâmica comunicativa da *internet*, tendo como foco principal as redes sociais *online*.

Uma das questões que me intrigaram desde o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado[2] era como a *internet* estava mudando a forma como as pessoas se relacionavam com a memória. O tema, é interessante notar, põe em jogo as teorias da memória como tecnoinformação, pois os jovens têm usado a tecnologia de forma a trazer novos elementos para o campo da memória. Naquela ocasião, uma pergunta ficou sem resposta, pois não cabia no escopo da pesquisa original: como a memória pode ser afetada pela *internet* e vice-versa? Partindo

[1] Comentário postado no *Facebook* em 29/01/2012.
[2] No mestrado em Museologia, defendido em 2004 na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, desenvolvi uma pesquisa sobre os museus virtuais, tendo como estudo de caso o Museu da Pessoa, um museu virtual de histórias de vida criado em São Paulo em 1991.

dessa questão inicial, tive o desejo de continuar enfocando a *internet* em meus estudos acadêmicos, mas sob o prisma da Memória Social, campo de estudo no qual eu poderia abordar com mais desenvoltura o tema que muito me intrigava. Só pude retomar os estudos em 2010, quando ingressei no Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO. Com o passar do tempo, a *internet* veio adquirindo novas facetas e novos usos e a realidade que eu estudei, entre os anos de 2003 e 2004, já não é a mesma de hoje. Nesse período surgiram, com maior ênfase, as redes sociais e o uso da *internet* ganhou uma nova faceta: o de um mural de registros de experiências, ideias e memórias.

A *internet* surgiu na década de 1960 nos meios militares e, posteriormente, migrou para a área acadêmica, mas seu uso se popularizou a partir de 1993, quando o governo dos Estados Unidos transferiu sua gestão para a iniciativa privada. Na década de 90 do século XX, as conexões rapidamente se alastraram para o mundo inteiro. No Brasil não foi diferente. Como na maioria dos países desenvolvidos, ou em desenvolvimento, o início do acesso comercial no Brasil aconteceu no ano de 1995. Em 1996, já havia cerca de 110 mil usuários, e ao final desse mesmo ano a *internet* já contava com cerca de um milhão de usuários (NICOLACI-DA-COSTA,1998).

Podemos definir a *internet*[3] como uma rede de nós de distribuição descentralizada e que liga milhões de computadores espalhados pelo mundo inteiro. Mas a *internet* é muito mais do que isso. Surgida como uma ideia de conexão entre computadores em rede, com caráter militar e acadêmico, tornando-se um meio de comunicação na década de 1990, a *internet* tem sofrido várias modificações ao longo do tempo, seja na forma de acesso, cada vez mais simplificado, seja na velocidade de conexão, cada vez mais ágil. Sua importância ultrapassa o campo da tecnologia da comunicação, pois ela acabou por se tornar imprescindível em várias áreas do conhecimento. É uma autêntica revolução da tecnologia da informação que pode ser comparada, segundo Castells (2002), ao que foi o

[3] Para este estudo iremos trabalhar a concepção de *internet* como uma rede de computadores, não somente a infraestrutura, mas a dinâmica da comunicação entre os computadores. Para tanto, iremos diferenciá-la da *World Wide Web*, ou *Web* que é a maneira de acessar as informações na internet (seja através de páginas HTML ou em outros formatos). A *internet* também abrange a *web*, mas também possui uma série de outros componentes para seu funcionamento.

surgimento de novas fontes de energia para a Revolução Industrial. No entanto, temos que ficar alerta em relação ao deslumbramento pela *internet*, como se ela fosse uma solução para resolver todos os males do mundo. E, tal como nos alerta Felinto (2011, p. 44), é preciso ficar atento às "narrativas triunfalistas da cibercultura", pois a maioria dos autores tende a passar ao "leitor uma sensação de maravilhamento tecnológico, entusiasmo infantil e desprezo por tudo aquilo que é antigo", quando na verdade é necessário estudar o fenômeno da *internet* dentro de sua conjuntura, assim como foi feito em relação a outros fenômenos no passado.

Nessa análise, cabe-nos verificar o que é realmente uma mudança de comportamento a partir do uso das novas tecnologias e o que é comportamento herdado de outras tecnologias. Conforme nos alerta Jost (2011, p. 100), "Se os meios usados para acessar os conteúdos audiovisuais são inegavelmente novos, resta saber se eles são sintoma de comportamentos radicalmente novos, e qual será o impacto desses novos usos*"*. Não nos cabe aqui discutir a importância da *internet*[4], mas indagar se as redes sociais estão modificando o comportamento das pessoas em relação à construção de memórias ou se, simplesmente, há a reprodução de ações memoriais já existentes em outros meios e formatos de produção e comunicação de informação e conhecimento.

Mas o que a memória tem a ver com a *internet*? Podemos afirmar que o que postamos nas redes sociais é parte da nossa memória social? Segundo Virilio (2006), a *internet* fez surgir uma nova memória: a memória do presente. Essa memória é aquela do imediatismo, dos acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo. Nesse sentido, ao postar um comentário no *Twitter* ou no *Facebook*, sobre uma obra de arte vista num museu ou um fato ocorrido naquele momento, estamos produzindo uma memória do presente. O registro e o compartilhamento quase instantâneo de uma ação não permite o distanciamento temporal entre presente e passado, o que faz parecer que a memória é complemento, ou como afirma Virilio (2006, p. 94) "a memória é uma linguagem,

[4] Francisco Rüdiger (2011) analisa vários posicionamentos frente a esta polêmica, mostrando os prós e os contra de cada teoria.

um utensílio de comunicação". Como consequência, essa memória instantânea da *internet* parece lutar o tempo todo contra o esquecimento, ao optar por um transbordamento ou um retraimento (LE GOFF, 2003).

Na *internet* proliferam *sites* de histórias que incentivam a rememoração: são *blogs*, comunidades virtuais, *sites* de museus e de projetos de incentivo ao arquivamento de histórias de vida. Muitos desses projetos sobre eventos traumáticos, como o Holocausto, pessoas desaparecidas, massacres em massa ou guerras civis, abrem espaço para que as pessoas possam conhecer as histórias daqueles que viveram determinados acontecimentos e, assim, poderem lutar, talvez, contra o esquecimento. No entanto, o excesso de informação comunicado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário e relegar ao esquecimento essa memória dos acontecimentos (HUYSSEN, 2000). Huyssen questiona se esse excesso de memória não acabaria produzindo um "explosivo" esquecimento e que muito do que consumimos hoje, como memórias de massa, não seriam "memórias imaginadas". Estas seriam mais fáceis de serem esquecidas do que aquelas por nós vividas. Segundo ele, "Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer" (HUYSSEN, 2000, p. 20). Nesse sentido, também Eco (1999), em entrevista publicada em 1999, já alertava para a crise da memória a partir do acúmulo de informações produzido pela *internet*. Para Eco (1999), a *internet* seria uma espécie de "um imenso Funes[5]", pois "até o presente a sociedade filtrava para nós, por intermédio dos manuais e das enciclopédias" e com o advento da *internet* "ampliamos nossa capacidade de estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem". O autor adverte que um pouco de esquecimento é necessário para o equilíbrio da memória.

[5] No conto "Funes, o memorioso", o escritor argentino Jorge Luís Borges conta a história de um homem, que após uma queda de um cavalo passa a lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Esta situação leva a um esgotamento de Funes, pois não consegue abrir espaço para novas criações de lembranças e ele acaba falecendo por problemas no pulmão.

A memória é seletiva, não guardamos tudo, mas apenas uma parcela do que nos aconteceu durante a vida, ou é assim que lembramos. E nem sempre o que guardamos é aquilo que queremos guardar e nem selecionamos o que guardar, mas o que restou em nossa memória, pois, como afirma Le Goff (2003, p. 25), “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”. Assim também é a dinâmica da memória social na *internet*. O que se preserva não é necessariamente o que se quis preservar, mas o que o acaso ou o infortúnio permitiu. Da mesma forma, em relação à memória individual podemos afirmar que quando efetuamos registros de nossa memória na *internet* estamos compartilhando esta memória com outras pessoas de nosso círculo social. Essa ação poderia ser considerada uma ação de preservação de memória, (preservação por excesso) ou meramente um excesso de memória, tal como afirma Huyssen (2000)?

O excesso de memória na *internet*, no entanto, pode apresentar duas faces: de um lado, o excesso pode significar uma maior disseminação de conteúdo e, portanto, maiores possibilidades de preservação; por outro lado, o excesso pode ser apenas excedente. Como afirma Dodebei e Gouveia (2008), “Disseminar a informação é também uma forma de proteção, dentro da perspectiva da memória em movimento. Pensamos que o sentido de acumulação deva ser revisto. A cultura do acúmulo parece estar em jogo, um jogo que oscila entre lembrar e esquecer”. A produção e a reprodução de registros memoriais na *internet*, principalmente nas redes sociais, provocam um excesso de informações que disseminadas poderão servir à preservação da memória digital. Nesse aspecto, estamos trabalhando com o conceito de preservação através da ampla divulgação: quanto mais viral um conteúdo for, mais chances ele tem de ser preservado, pois será replicado em diferentes *sites*, ampliando suas possibilidades de preservação (DODEBEI, 2011).

A *internet* é também um espaço de autoria. Benjamin (1994), em seu texto “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, já preconizava que a diferença entre autor e público estava a ponto de desaparecer após o surgimento do cinema. Com a *internet* essa diferença fica cada vez menor, na medida em que

há mais espaços de registro de histórias, ideias e opiniões. Com o surgimento da *web* 2.0, o crescimento dos *blogs* e das redes sociais *online*[6] (tais como *Orkut*, *MySpace* e *Facebook*) e o surgimento de *microblogs* (como o *Twitter*, por exemplo) aumentaram as possibilidades de interação na *internet*. No entanto, quando falamos ou estudamos a *internet* não podemos falar somente de uma internet, mas de várias "*internets*". Podemos afirmar que cada "*internet*" possui características próprias que a diferencia das outras. Nas listas de discussões e *sites* acadêmicos, por exemplo, a linguagem usada para a comunicação é a do meio acadêmico. Nas salas de bate-papo são usadas expressões e códigos específicos da *internet*, mas que refletem a linguagem oral, ou seja, são típicos da oralidade. Entendemos que a *internet*, nesse caso específico, reproduz a oralidade, pois a escrita na *internet*, como defende Freitas (2006, p. 35) "coloca nos mesmos planos a exterioridade da oralidade e a interioridade da escrita". Recuero (2012) afirma que a linguagem na *internet* é uma escrita "oralizada", pois há uma adaptação da linguagem escrita à oralidade. Ao estudar os *chats* e as conversas em *blogs* e *fotologs*, Recuero (2012) aponta que a conversação no ambiente virtual simula a conversação oral. Para Lévy (1993), o surgimento da *internet* é tão importante quanto a passagem das culturas orais para a cultura escrita, pois conjuga características das sociedades orais, quando as mensagens eram recebidas no momento exato da emissão, com elementos dos meios de comunicação atuais (escrita, televisão, rádio), permitindo a comunicação mesmo sem o contato direto com o receptor da mensagem. Ele propõe um quadro com três polos do espírito: polo da oralidade primária (mito), polo da escrita (teoria) e polo informático-mediático (simulação). Segundo Dodebei (2000), em momento algum Lévy propõe que um polo se sobreponha ao outro, mas que convivam ao mesmo tempo. Assim, mesmo com grandes componentes da linguagem oral, como nos *chats*, por exemplo, a linguagem na *internet* é híbrida. Ela tende a ser

[6] Embora atualmente falemos em rede social para designar as redes sociais *online* na *internet*, o conceito de rede social é bem mais amplo e anterior ao surgimento das novas tecnologias. Qualquer rede que tenha como objetivo ligar pessoas ou organizações é uma rede social. As principais características das redes sociais são a porosidade, a capilaridade e as relações não hierárquicas. No entanto, para facilitar o estudo vamos utilizar a nomenclatura "rede social" para designar somente os *sites* e os aplicativos das redes sociais *online*.

uma linguagem mais imagética nas redes sociais, principalmente no *Instagram* e mais “oralizada” em *chats* e no *Whatsapp*.

Assim, dentre as inúmeras possibilidades de estudar as relações entre memória e *internet*, nos debruçamos sobre a forma como os nativos digitais lidam com a rede. Em nossa pesquisa, nos interessou compreender os discursos escritos e imagéticos das redes sociais. O que os jovens postam? O que eles curtem? O que eles compartilham? Expressão criada pelo educador canadense Prensky (2001a), “nativo digital” define pessoas que nasceram após o advento da *internet*, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta tecnologia em sua fase adulta[7]. Prensky (2001a) afirma que um dos problemas atuais é que a geração de imigrantes digitais quer ensinar aos nativos digitais como utilizar a *internet*, principalmente na escola. Na visão desse autor, esta situação seria uma incoerência, pois os jovens, nativos digitais, vão encontrar, com maior facilidade, os caminhos a seguir dentro do universo da *internet*.

Quando discutimos o uso da *internet* pelos nativos digitais, não queremos ensinar, mas sim queremos compreender como esta nova geração lida com a produção de memórias no ambiente virtual. O fato de dominarem uma tecnologia, muito mais do que seus pais e seus professores, não significa necessariamente que dominam as discussões sobre essa mesma tecnologia. Estamos em sintonia com Livingstone (2011, p. 13), quando ela afirma que “dominar uma tecnologia significa manejar não só o *hardware*, mas tudo o que a *internet* oferece a seus usuários”. É preciso entender os processos mentais por trás do desejo e da vontade de preservação da memória, seja na *internet* ou em outros espaços da vida. Assim, nossa intenção é indagar o que essa geração pensa sobre o que deve ser preservado, como deve ser preservado ou porque não devemos ter preocupação com a memória para o futuro.

Embora o objetivo inicial da pesquisa não fosse o uso das redes sociais pelos nativos digitais, aos poucos os estudos empreendidos durante o doutorado nos

[7] Na pesquisa optamos por definir o universo de nativos digitais abrangendo jovens com idades entre 15 e 25 anos.

levaram a querer estudar o fenômeno dessas redes sob o ponto de vista hipotético de depositárias de fragmentos de memória. Os pressupostos que movem a pesquisa são os de que as TICs[8], principalmente a *internet*, têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com a memória. As narrativas de memória sempre foram sobre um passado, a partir de um presente e para um determinado futuro, pois, segundo Benjamin (1994, p. 211) "A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração". Desde os mais primitivos tempos, passando pelos *griots*[9], pela tradição oral, pela história oral ou em diários de meninas[10], as narrativas de memória foram sempre na perspectiva do presente, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro. Ao postarem fotos e textos em tempo real no *Facebook*, os usuários da *internet* estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. O registro é do momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo, mediada pelo espaço virtual da *internet*, o ciberespaço. Segundo Van Dijck (2007), memórias mediadas são atividades e objetos que apropriamos para recriar um senso de passado e de futuro. Para esta autora, a tecnologia e a mídia, longe de serem instrumentos externos para "exploração" de versões do passado, ajudam a constituir um sentido de passado - tanto em termos de nossa memória individual, quanto da memória coletiva. E Van Dijck pergunta: "Como nossas ferramentas de mídia moldam o nosso processo de lembrar e vice-versa?" (VAN DIJCK, 2007, p. 2) Nossas memórias são permeadas pelas novas tecnologias e fazem delas instrumento de lembrança e esquecimento. Lembrar e esquecer, assim como na vida, atuam paralelamente na *internet*.

[8] Tecnologias de Informação e Comunicação.
[9] *Griots* são os contadores de histórias, geralmente idosos, nas culturas tradicionais africanas.
[10] Um exemplo muito interessante de um diário publicado é a obra de Helena Morley "Minha Vida de Menina" que retrata o cotidiano de uma jovem na Diamantina dos anos de 1893 a 1895.

Canavilhas (2004) aponta que a *internet* comprime o tempo, não apenas o tempo entre emissão e recepção da mensagem, mas o tempo da memória, afirmando que, desta forma, passamos a ter um passado-presente e um presente-presente. Da mesma forma, Barbosa (2013, p. 364) aponta que o encolhimento do espaço de experiência faz com que o passado pareça mais distante em relação ao futuro, "na medida em que a expectativa não pode se fixar no futuro, o próprio presente se situa entre um passado superado e um futuro que recua em direção ao presente, construindo-se uma espécie de eterno-presente".

Sabemos, no entanto, que a memória é sempre sobre um passado e que é sempre feita no presente, mas até que ponto esse tempo passado é um tempo imediato no momento da ação? Segundo Bergson, quando falamos sobre o presente, falamos de uma linha indivisível que separa o passado do futuro, pois o presente real, concreto "estende-se ao mesmo tempo sobre o meu passado e sobre meu futuro", pois, "o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre" (BERGSON, 2010, p. 161).

Discutimos, assim, a produção de vestígios e rastros digitais nas redes sociais, entendendo os rastros digitais como representações digitais que deixamos na rede mundial de computadores. Rastros são como pegadas na areia[11], eles apontam o caminho percorrido por nós e por nossos dados na *internet*. E não são exclusivamente as informações que nós postamos na rede mundial de computadores, mas também aqueles dados que inserimos em serviços governamentais, em sites de transações financeiras, comentários em *blogs* e *sites* de outras pessoas, entre outras tantas informações que somos obrigados a fornecer em *sites* para entrar na rede.

Seriam as redes sociais espaços de preservação e divulgação da memória das pessoas na *internet*? O excesso de informação produzida nas redes sociais tem por intenção garantir as lembranças ou seria apenas um processo de comunicação instantânea, que visa compartilhar virtualmente aquilo que é impossível realizar no mesmo espaço físico entre emissor e receptor? Ou seja, o

[11] Também pode ser usada a expressão "pegada digital" no lugar de rastro digital, que é uma tradução direta da palavra em inglês *digital footprint*.

tempo é real e as imagens postadas dão a ilusão de que os espaços da ação são os mesmos. O Museu da Pessoa[12], objeto de estudo de nosso mestrado e um bom exemplo a ser citado, é um museu virtual que tem como objetivo a preservação das memórias das pessoas na *internet* (HENRIQUES, 2004). Embora sua criação seja anterior ao fenômeno das redes sociais, o volume de registros na *internet* não é maior do que aqueles encontrados em *sites* de redes sociais, tais como *Facebook,* por exemplo[13]. No entanto, embora com um volume menor de acessos e de recebimento de narrativas, o Museu da Pessoa tem como objetivo a patrimonialização da memória na *internet*, diferentemente da proposta do *Facebook*, cujo objetivo é a socialização das pessoas.

No Museu da Pessoa qualquer pessoa pode ter sua história preservada e divulgada através da rede mundial de computadores, pois basta se cadastrar e enviar sua história para o portal de memórias. No ato de registrar sua história no Museu da Pessoa, seja através da gravação de um depoimento ou enviando sua narrativa pela *internet*, a pessoa está imbuída por um desejo de memória, de preservação de sua história para a posterioridade. Este desejo de memória e patrimonialização estaria presente também no ato de postar e compartilhar uma foto no *Facebook*? Acreditamos que de forma intencional, ou não, as redes sociais *online* acabaram por se tornar uma espécie de "lugar de memórias" ao lado de espaços tradicionais de preservação de memórias, como museus e arquivos. O conceito de "lugar da memória" foi definido por Nora em sua obra "*Lieux de la mémoire*". Para Nora (1984), os museus, institutos históricos, casas de cultura, monumentos, entre outros, são lugares de memória, pois permitem criar laços de identificação com as pessoas. Os lugares da memória, tal como defendido por Nora, nos transportam para as memórias de outros tempos, de outros acontecimentos. O autor pensa os lugares de memória como algo sacralizado e como o único espaço possível para a memória nos dias de hoje. Nesse sentido, a hipótese que move nossa pesquisa é a de que as redes sociais, além de suas funções comunicativas e sociais, tornaram-se espaços de registro e

[12] O Museu da Pessoa foi fundado em 1991 e desde 1996 possui um *site* de memórias na *internet*. É uma experiência brasileira e que deu origem a outros museus do mesmo gênero em Portugal, Estados Unidos e Canadá, criando uma rede de memórias na *internet*. www.museudapessoa.net.
[13] O Museu da Pessoa recebe em torno de 40 histórias por mês.

“preservação” de memórias, e o *Facebook*, por exemplo, acaba reivindicando para si um “lugar de memórias” na *internet*. Para responder a esta questão fomos conversar com os nativos digitais no *Facebook* e observar o comportamento de seus *posts* em relação ao equilíbrio entre lembrança/esquecimento, balança que permite a existência da memória individual e social.

Posto isso, o objetivo principal de nossa pesquisa é verificar a existência de registro de narrativas dos jovens no *Facebook* e a produção de rastros memoriais digitais. Para isso, é preciso identificar, no contexto da Memória Social, as relações entre produção e registro de memória na *internet* para compreender os processos de rememoração e esquecimento efetuados pela/e na rede mundial de computadores. E por fim, discutir o conceito de rastros digitais e analisar sua configuração, com base nas postagens em redes sociais efetuadas pelos jovens nativos digitais.

A *internet* é uma realidade ainda nova em termos históricos e, por isso, a metodologia para trabalhar conteúdos também deverá ser nova. Como em qualquer pesquisa nas Ciências Humanas, no campo da Memória Social o objeto a ser pesquisado deve ser construído pelo pesquisador. Como se trata de analisar novas formas de comunicação faz-se necessária a construção de uma metodologia que torne elucidativo o material coletado, pois, conforme nos alerta Vigotski (2007, p. 59), “qualquer abordagem fundamentalmente nova de um problema científico leva, inevitavelmente, a novos métodos de investigação e análise”. E, a construção de um objeto de pesquisa pressupõe a pesquisa em documentos que possam comprovar ou refutar a hipótese sugerida no escopo do trabalho.

A pesquisa empírica, tendo como objeto de estudo a *internet*, é algo novo nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, tendo se iniciado na década de 90 do século XX. Segundo Recuero et al (2013, p. 17), “a *internet* pode ser tanto *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto *local de pesquisa* (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento de pesquisa* (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)”. Em nosso estudo, o *Facebook* não é objeto *de* pesquisa, pois não nos interessa estudar a

dinâmica de seu funcionamento, mas o uso que dele fazem os jovens nativos digitais, no tocante aos registros do cotidiano. Mas é o local de pesquisa, uma vez que nos utilizamos de métodos de observação para obter as informações de que precisamos para comprovar nossas hipóteses.

Assim como em outros campos do conhecimento, a pesquisa empírica na *internet* necessita de instrumentos para uma melhor eficácia. Uma questão recorrente é se usamos a pesquisa quantitativa ou qualitativa. Uma pesquisa quantitativa é sempre mais complexa, pois depende de amostragens consistentes. E, segundo Recuero et al (2013, p. 65) "Devido às dimensões, ao dinamismo e à heterogeneidade da *internet*, a representatividade estatística só costuma ser possível com amostras muito grandes, compatíveis com análises quantitativas de larga escala, que constroem panoramas e permitem visualizar padrões gerais". O universo dos jovens brasileiros entre 15 a 25 anos no *Facebook*, por exemplo, está na casa dos milhões. Se formos nos ater à questão da amostragem, teríamos um número gigantesco de dados para coletar, compilar e processar.

Para obter resultados com base nas hipóteses levantadas no projeto, partimos de uma metodologia híbrida, levando em conta as especificidades do objeto a ser estudado. Nesse caso, optamos por uma metodologia de amostragem chamada de Intencionais, por Recuero et al (2013), ao propor estratégias e critérios de amostragem em pesquisas de *internet*. Na sistematização proposta pelas autoras, o tipo de amostra Intencional são aquelas "qualitativas, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise" (RECUERO et al, 2013, p. 78). Utilizamos a Teoria Fundamentada como método de pesquisa, proposta como método, por Glasser e Strauss, em seu livro *The Discovery of Grounded Theory*, em 1967, que parte de uma questão fundamental para o início do trabalho. Segundo Recuero et al (2013), os métodos utilizados pela Teoria Fundamentada podem ser variados e abranger a aplicação de questionários, entrevistas e trabalho de observação do campo.

A primeira pergunta quanto vamos pesquisar um determinado objeto empírico é por onde começamos? Partindo do conceito de Prensky (2001a), buscamos

entender quem são os jovens nativos digitais e como eles se comportam no que tange à *internet* e seu uso. Falar em jovens nativos digitais é discorrer sobre um púbico bem alargado, pois abrange jovens que já manipulam a rede mundial de computadores, mesmo sem serem alfabetizados, até aqueles nascidos pouco depois do advento da *internet* comercial, em 1995. Optamos por definir o perfil dos nativos digitais na faixa etária compreendida entre os 15 e 25 anos.

Depois de definido o público a ser abrangido pela pesquisa, surgiu a segunda questão metodológica: que instrumentos de pesquisa utilizar? Decidimos, em conjunto com nossa orientadora, aplicar um questionário (Anexo I) cujo objetivo foi o de entender o perfil dos jovens e o uso que eles fazem da *internet*. Por questões práticas, escolhemos aplicar o questionário em jovens da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Efetuamos um levantamento dos alunos do ensino médio e superior da rede pública da cidade, entre os meses de novembro e dezembro de 2011 e obtivemos um universo de 405 alunos entre 15 e 25 anos, sendo 275 alunos do ensino médio e 130 alunos do ensino superior, estes últimos distribuídos em vários cursos. Esta pesquisa, de caráter exploratório, tinha como objetivo conhecer o universo dos jovens nativos digitais.

Ao mesmo tempo, definimos um grupo focal com o objetivo de analisar o conteúdo postado no *Facebook* por alguns jovens. Em conversa com nossa orientadora surgiu a ideia de produzir um projeto-piloto com o objetivo de entender o universo dos nativos digitais a partir de suas postagens no *Facebook*. O primeiro passo foi convidar amigos do nosso círculo social no *Facebook* para indicar jovens com o perfil selecionado. No entanto, esta primeira abordagem não obteve resultados satisfatórios, pois apenas três pessoas responderam ao apelo. A segunda abordagem foi mais direta. Entramos em contato através de mensagem pelo próprio *Facebook* com jovens de nosso círculo social, para convidá-los diretamente e aos seus amigos, ao mesmo tempo em que conversávamos com colegas para indicar seus filhos e sobrinhos para participarem da pesquisa. Ao todo, selecionamos 31 jovens com idades entre 15 e 25 anos e produzimos um projeto-piloto durante o mês de março de 2012. Para a realização do projeto-piloto, a escolha desses jovens obedeceu a três critérios

básicos: possuir idades entre 15 e 25 anos, ter perfil no *Facebook* e ser ativo nessa rede social. No caso da pesquisa, era necessário que este jovem fosse bem ativo, ou seja, que postasse comentários, textos e fotos na rede social, uma vez que somente através desse material seria possível uma análise do conteúdo compartilhado. Embora uma grande parcela de jovens possua perfil na rede, muitos deles não têm uma postura ativa. Nesse caso, a análise do conteúdo ficaria prejudicada devido à escassez de dados. Algumas técnicas estatísticas foram aplicadas para definir os grupos analisados. A análise fatorial foi utilizada para determinar variáveis (fatores) conceituais a partir de algumas opiniões mensuradas sobre a *internet* e o *Facebook*. E, finalmente, foram criados grupos (segmentos) de usuários a partir da análise de agrupamento (*clusters*) (HAIR et al, 2005). A esse grupo de jovens aplicamos o primeiro questionário (Anexo II), com adaptações necessárias para cumprir com os objetivos da pesquisa. Uma mudança pequena, mas fundamental, foi necessária no segundo questionário. Diferentemente dos jovens de Juiz de Fora, para o grupo de acompanhamento era necessário haver uma identificação do autor, uma vez que um dos objetivos era entender o perfil de cada jovem pesquisado. Embora eles tenham sido identificados durante o processo da pesquisa, optamos por não identificá-los durante a apresentação dos resultados. Dessa forma, esperamos contribuir para que a privacidade dos jovens seja preservada.

O processo de pesquisa teve continuidade com este mesmo grupo de 31 jovens com idades entre 15 e 25 anos no *Facebook*, no período de outubro a dezembro de 2012. Por se tratar de um universo muito grande de usuários, com características bem específicas, estabelecemos que iríamos estudar apenas jovens brasileiros. Alertamos, no entanto, que se trata de uma pesquisa de caráter exploratório e que não tem a intenção de apresentar uma amostragem significativa. A ideia era trabalharmos os conteúdos de forma qualitativa e não quantitativamente. Esta observação virtual, ou acompanhamento virtual, foi efetuada diariamente e teve como objetivo analisar cada tipo de conteúdo postado. A partir do material coletado fizemos uma análise para compreender os discursos escritos ou imagéticos postados no *Facebook*.

Para a coleta dos dados utilizamos dois tipos de ferramentas, para dois tipos diferentes de estratégias: uma primeira estratégia foi contabilizar o tipo de informação postada na rede social *Facebook*, com vistas a analisar o fluxo e a frequência das postagens. Para isso, preenchemos formulários do programa *Microsoft Excel* com os códigos estabelecidos em uma tabela por tipo, formato e assunto, a fim de, posteriormente, proceder à análise estatística do material, tal como fizemos no projeto-piloto. A segunda estratégia teve como objetivo entender o universo do material postado na rede *Facebook* e se debruçou sobre o conteúdo propriamente dito. Para a coleta de dados, utilizamos o aplicativo *Evernote*. Lançado em 2008, este aplicativo permite salvar conteúdos de sites e organizá-los por notas ou assuntos. Cada postagem efetuada por um dos 31 jovens nativos digitais escolhidos para a pesquisa foi devidamente arquivada e categorizada no aplicativo e pode ser acessada através de buscas pelas anotações. O uso desse aplicativo facilitou a análise do material, uma vez que a organização da informação no *Facebook* não permite a busca por tipo de conteúdo.

Ao fim da pesquisa, aplicamos um segundo questionário (Anexo III) aos jovens do grupo focal no *Facebook*. O objetivo foi de entender a dinâmica de uso dos jovens e estabelecer uma relação entre o início da pesquisa e o período final da coleta de dados. Além disso, a partir dos dados coletados durante a observação virtual, sentimos a necessidade de fazer perguntas direcionadas aos jovens, com o objetivo de entender as posturas em relação ao uso do *Facebook* e o seu cotidiano.

Analisando o conjunto de dados coletados durante a pesquisa, verificamos que seria interessante efetuarmos uma entrevista presencial com uma das jovens do grupo que possuísse alta conectividade. Assim, realizamos em São Paulo, no mês de setembro de 2013, uma entrevista temática em profundidade com uma das jovens do grupo focal e que gerencia uma *fan page* no *Facebook* sobre ativismo feminista.

Para facilitar a leitura, organizamos a apresentação dos resultados da pesquisa em duas partes. Na primeira delas, enfocamos os estudos teóricos no campo da

memória social, da *internet* e do patrimônio digital, além de promover uma reflexão sobre os rastros digitais e a questão da visualidade na era da fotografia digital. Além disso, abordamos, na primeira parte, o conceito e a configuração dos nativos digitais, a partir de um estudo de caso na cidade de Juiz de Fora. Na segunda parte, analisamos o objeto empírico da pesquisa: o uso do Facebook pelos jovens nativos digitais. Por uma questão didática, subdividimos tanto a primeira parte quanto a segunda em capítulos menores que organizam o pensamento em torno dos temas propostos.

Parte I – Contextos teórico-conceituais da relação entre memória, *internet* e patrimônio

1. Memória, patrimônio e rastros digitais na internet

1.1 *A virtualidade da memória*

Nesse subcapítulo, o foco é a construção da abordagem teórica sobre a memória, com base nos autores clássicos da memória, tais como Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur. Tendo como base a obra de Henri Bergson, discutimos o conceito de virtual, traçando paralelo com autores como Pierre Lévy, Philippe Quéau e Bernard Deloche.

1.2 *Rastros digitais e a preservação do patrimônio*

No segundo subcapítulo teórico nosso objetivo é analisar o conceito de rastro digital e qual a sua importância para o processo de preservação da memória na *internet*. Além disso, analisamos o conceito de patrimônio digital, sob a ótica da memória social, tendo como base os estudos de Vera Dodebei sobre a temática.

1.3 *As narrativas de memória na* internet

Entender os processos de narração e registros de memória é o foco desse subcapítulo que tem nos autores Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin seus principais suportes.

1.4 *A visualidade na era da fotografia digital*

Quando falamos sobre redes sociais não podemos deixar de abordar a questão imagética. O ato fotográfico e a presença de imagens digitais no cotidiano das pessoas é foco desse subcapítulo, tendo como base autores como Roland Barthes, Philippe Dubois e Susan Sontag.

2. Preservação das memórias online*: os nativos digitais e o* Facebook

2.1 Os nativos digitais e a memória do presente

O objetivo deste subcapítulo é fazer uma análise teórica do conceito de nativo digital e suas implicações com a memória e a *internet*.

2.2 Um estudo de caso: os alunos do ensino público da cidade de Juiz de Fora

Neste subcapítulo analisamos o perfil dos jovens nativos digitais no Brasil, com base em pesquisa efetuada com os jovens da cidade de Juiz de Fora.

2.3 A presença da internet *no cotidiano dos jovens nativos digitais*

O terceiro subcapítulo analisa os dados da pesquisa obtidos junto aos jovens nativos digitais de Juiz de Fora, com base em autores que trabalham o tema.

Parte II – Rastros memoriais nas redes sociais

3. Memória e Patrimônio no Facebook

3.1. As redes sociais e a representação do "eu"

O surgimento e a configuração do *Facebook* e de outras redes sociais é o objeto de análise neste subcapítulo, no qual trabalhamos também a questão do público e do privado nas redes sociais.

3.2 Lembrar e esquecer no Facebook: análise do material coletado

Neste subcapítulo apresentamos os resultados do trabalho de coleta de dados efetuados junto ao grupo focal no *Facebook*.

3.3 Podemos falar de preservação da memória no Facebook*?*

No terceiro subcapítulo sobre o objeto da pesquisa apresentamos mais resultados e discutimos o tema da preservação da memória *online* via *Facebook*.

4. O "Machismo nosso de cada dia": análise da fan page *de uma jovem no* Facebook

4.1 Surgimento e configuração

O objetivo deste subcapítulo é apresentar a *fan page* de mobilização feminista no *Facebook*, cuja jovem compõe o grupo de nativos digitais, objeto de nossa pesquisa.

4.2 Análise do conteúdo

O conteúdo postado pela jovem nativa digital, no mês de setembro de 2013, é objeto de análise neste subcapítulo no qual apresentamos o tipo de postagens mais comuns e suas implicações no dia a dia da jovem nativa digital.

PARTE I - CONTEXTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, *INTERNET* E PATRIMÔNIO

1. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E RASTROS DIGITAIS NA *INTERNET*

A *internet* é um poderoso meio de divulgação de histórias e memórias. Ela pode e deve ser usada como um instrumento de preservação de registros e evitar processos institucionalizados de esquecimento. No entanto, como nos alerta Huyssen (2000), o excesso de memória produzido na sociedade atual pode tornar-se, na verdade, mecanismo ao serviço do esquecimento. Embora possua uma grande capacidade de armazenamento e agilidade para divulgar informações e notícias, as informações divulgadas pela *internet* são passíveis de manipulações e *hoaxes*[14]. Mas como se opera a dinâmica de memória e esquecimento na *internet*?

O estudo da dinâmica da memória na *internet* traz algumas questões que devem ser consideradas. Uma delas é problemática da memória, situada entre dois momentos: lembrança e esquecimento. Mas podemos afirmar que o passado existe virtualmente em nossas mentes e que a memória é, por essência, virtual? Qual o sentido de virtualidade que nos aponta Bergson? Ao lidarmos com a memória na *internet* não podemos deixar de mencionar três temáticas que se entrelaçam: a produção de narrativas de memória e os rastros digitais que dela resultam e, por fim, a dinâmica da preservação desse patrimônio digital na rede mundial de computadores. As redes sociais são espaços de interação e afetividade, mas principalmente de troca. E, essas trocas, têm, na maioria das vezes, um forte componente visual. Nas redes sociais proliferam esses elementos, seja através de fotografias ou de imagens.

[14] *Hoaxes* em tradução literal do inglês significa farsa, embuste. Trata-se de histórias e farsas recebidas por e-mail ou postadas em redes sociais.

1.1 A virtualidade da memória

> A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. Primo Levi (2004, p. 19)

A palavra memória tem sua origem etimológica em *Mnemosýne*, a mãe de todas as musas na mitologia grega. Ao estudar a civilização grega, Vernant (1990) aponta que uma das funções da deusa *Mnemosýne* era presidir a função poética. E que, possuído pelas musas, o poeta se transformaria no intérprete dos desejos da deusa, relembrando o passado heroico. Ele é parte integrante do processo, pois conhece o passado, mas situa-se no tempo presente. Então qual seria a função da memória para os gregos, pois, segundo Vernant: "A memória não reconstrói o tempo: não o anula tampouco" (VERNANT, 1990, p 137)? A memória para os gregos, responde o autor, seria a ponte entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Para Vernant, no entanto, "a rememoração do passado tem como contrapartida necessária o 'esquecimento' do tempo presente" (VERNANT, 1990, p. 144). Vernant relata que no oráculo de Lebadeia havia duas fontes, *Léthe* (esquecimento) e *Mnemosýne* (memória), e que, nos ritos purificatórios, o consultante deveria em primeiro lugar beber da primeira fonte (*Léthe*) para esquecer a sua história e seu passado. E, ao beber da segunda fonte (*Mnemosýne*), ele guardaria o que havia vivido, não tudo o que viveu, mas extratos de sua vida. Desse modo, as lembranças não estariam prontas em nossa memória, mas fariam parte do processamento de rememoração.

Aristóteles (apud YATES, 2007), em sua obra "*De memoria et reminiscentia*", faz uma distinção clara entre memória e reminiscência (lembrança). Ele aponta que a lembrança seria a recuperação do conhecimento ou da sensação vivida, enquanto que a memória é o processo de recuperação dessas sensações. A memória é sacralizada (VERNANT, 1990. DETIENNE, 1988) e "através de sua memória o poeta tem acesso direto, mediante uma visão pessoal, aos acontecimentos que evoca; tem o privilégio de entrar em contato com o outro mundo" (DETIENNE 1988, p. 17).

Assim, tal como nos aponta Vernant (1990), ao estudar a mitologia grega, a memória precisa do esquecimento para a sua existência, pois lembrar e esquecer são suas funções primordiais. Sem lembrança não há memória, e sem esquecimento também não. Em eventos traumáticos, tal como o Holocausto, por exemplo, o desejo de deixar registrados os fatos tais como eles aconteceram faz parte do processo de tentar esquecer o que se passou e evitar que se repitam. Nesse sentido, Levi (2004), em sua obra autobiográfica "Os afogados e os sobreviventes", alerta para o desejo do esquecimento de muitos dos sobreviventes dos campos de concentração nazista, no que ele denomina de "memória da ofensa". No entanto, ele afirma que essa memória está sempre ancorada no contexto dos fatos e não é cópia fiel dos mesmos, pois a memória não é a reprodução exata dos acontecimentos. Um dos riscos ao analisar as memórias de determinado autor é esperar que os fatos por ele narrados sejam cópia fiel dos acontecimentos. Quando estudamos as memórias de uma determinada pessoa, seja através de gravações de depoimentos orais, ou mesmo em obras biográficas, não podemos deixar de levar em conta o fato de que a memória não é uma fotografia precisa dos fatos, mas as sensações que restaram dos fatos vividos. Não se trata de reproduzir os fatos, tarefa praticamente impossível, mas lembrar do que se passou. E isso é a memória. Ela é seletiva e, portanto, como Levi mesmo afirma, falaz.

O desejo de driblar o esquecimento seria o *leitmotiv* de quem registra suas memórias? Esse desejo também motiva as memórias familiares e pessoais registradas em obras, às vezes clássicas, como em Marcel Proust e Pedro Nava, às vezes de forma mais rudimentar através de diários íntimos. Esse desejo de deixar sua memória registrada pode ter várias origens, mas a principal é driblar a morte e o esquecimento. A memória também não é um mecanismo com botão de liga e desliga, que nos faz lembrar apenas do que nos interessa. As lembranças e os esquecimentos são aleatórios e não possuem uma relação lógica de casualidade, pois, conforme nos aponta Huyssen (2000), não há uma oposição entre lembrança e esquecimento, ambas são partes do mesmo processo.

As sociedades necessitam do esquecimento tanto quanto da lembrança, pois o esquecimento é necessário para a nossa própria sobrevivência. Nesse sentido, podemos fazer referência a obra de Borges, “Funes, o memorioso”, que, ao lembrar de todos os detalhes de todos os dias em que vive, acaba por viver apenas para lembrar e não lembrar para viver. Da mesma forma que a lembrança constante é um perigo para a memória, o esquecimento excessivo prejudica as nossas funções sociais. É no equilíbrio entre lembrança e esquecimento que reside a memória. Mas, segundo Ricoeur (2007), de certa maneira podemos falar em distorção da memória quando falamos em esquecimento. Baseando-se na obra “Matéria e Memória” de Bergson, Ricoeur retoma a discussão sobre a problemática do esquecimento e dos rastros no processo de desencadeamento da memória. Para Ricoeur (2007, p. 448), “não é mais o esquecimento que a materialidade põe em nós, o esquecimento por apagamento dos rastros, mas o esquecimento por assim dizer de reserva ou de recurso”. Em seu entendimento, o esquecimento não se apoia na materialidade, ou seja, no apagamento desses rastros. Ao fazer um esboço fenomenológico da memória, o autor faz uma distinção entre memória e lembrança. Para ele, a memória encontra-se sempre no singular, nas manifestações do nosso cérebro e espírito, e as lembranças estão no plural, pois participam do processo desencadeador da memória.

Levi (2004), quando narra suas experiências vividas no campo de concentração de Auschwitz, faz parte daquele grupo de pessoas que resolveu não se calar diante das atrocidades cometidas pelos nazistas. Ele relata a preocupação dos nazistas em destruir as câmaras de gás e os fornos crematórios no outono de 1944 como forma de apagar a memória, destruindo as provas do extermínio. Segundo Levi, essa “guerra contra a memória”, promovida pelo Terceiro Reich, foi perdida não somente pelos vestígios dos campos que restaram, mas também graças aos testemunhos dos sobreviventes. Conforme nos aponta Todorov (2000), essa atitude também está presente na destruição de monumentos astecas que os espanhóis promoveram nas colônias latino-americanas como forma de suprimir a grandeza dos vencidos. A essa atitude Todorov dá o nome de “supressão da memória”, uma tentativa de suprimir a memória do que aconteceu como forma de apresentar outra realidade. Nesse sentido, a memória é sempre

vista como um inimigo nos regimes totalitários, nos quais o total esquecimento é sempre providencial e, tal como aponta Le Goff (2003, p. 422), “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva”.

O outro perigo da memória é em relação ao seu excesso. Conforme vimos anteriormente, Huyssen (2000) nos alerta para o *boom* da memória nos dias de hoje, quando vivemos uma avalanche de movimentos nostálgicos: moda retrô e obsessiva musealização. Esse terror ao esquecimento, principalmente nas questões relativas ao Holocausto, acaba produzindo, segundo Huyssen, uma sociedade obcecada pela memória. Ele afirma que este medo acabou produzindo uma enxurrada de filmes, documentários e livros sobre o assunto. No entanto, como afirma Baudrillard (1991, p. 67) ao discorrer sobre o Holocausto em sua obra “Simulacros e simulação”: “o esquecimento da exterminação faz parte da exterminação, pois o é também da memória, da história, do social, etc”. E, que o Holocausto é um acontecimento televisivo, pois tenta “aquecer” um acontecimento histórico frio. Se, por um lado, existe a preocupação em produzir filmes, documentários e estudos sobre o tema, para que a sociedade não se esqueça do acontecimento e, dessa forma, possa evitar um novo evento dessa natureza, por outro lado, o excesso de informações sobre o assunto pode vir a produzir uma memória excessiva, tal como nos alerta Huyssen (2000).

Huyssen (2000) afirma que o que precisamos é de uma discriminação e rememoração produtiva, e que a cultura de massa e o ciberespaço são compatíveis com isso. Todorov (2000) também se preocupa com esse excesso de memória. Para esse autor, o culto à memória é fruto de uma nostalgia na sociedade europeia, principalmente entre os franceses, em relação a um passado que já não existe mais. Esse medo do esquecimento, segundo Chartier (2007), dominou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade, obcecadas pelos registros escritos das mais variadas formas. Santo Agostinho já preconizava: “Mas aquilo de que nos lembramos, é pela memória que o retemos; ora, sem nos lembrarmos do esquecimento não poderíamos absolutamente, ao ouvir esse nome, reconhecer a realidade que significa; se assim é, é a memória

que retém o esquecimento" (apud RICOEUR, 2007, p. 111). O esquecimento é tão necessário à memória quanto a lembrança, pois não há memória sem esquecimento. No entanto, o equilíbrio entre esses dois movimentos é muito frágil, pois por vezes há um esquecimento total, tanto individualmente como socialmente, e em outras ocasiões excesso de memória. Como equilibrar esta balança considerando a memória coletiva ou social?

Ao falarmos de memória social, não podemos deixar de mencionar a obra de Halbwachs. Discípulo de Durkheim, Halbwachs apresenta uma memória com um caráter eminentemente social. Segundo o autor, a memória coletiva é o trabalho de um grupo social que articula suas lembranças em quadros sociais comuns, compartilhadas por todo o grupo. Para Halbwachs (1994), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. A memória coletiva passa por um constante processo de reconstrução e de busca de significados e, por isso, ele separa o social (que pertence à sociedade) do coletivo (que pertence a um grupo). É lícito afirmar que a memória narrada nas autobiografias é individual, mas também pertence ao universo da memória coletiva, tal como foi descrita por Halbwachs. E esta memória não é somente coletiva, ela é social, porque está impregnada pelo nosso universo social. Halbwachs (2006) distingue dois tipos de memória, uma interna, ou interior, e outra externa. Nesse caso, a memória individual seria uma memória interna, do indivíduo, enquanto que a memória coletiva seria externa. Nesse sentido, os registros de memória nas redes sociais, embora pertençam ao escopo da memória individual, porque são eventos e fatos ocorridos com cada de um nós, pertencem a essa memória externa, coletiva, de que nos fala Halbwachs (2006).

Ao discutirmos os conceitos de memória e de narrativa é preciso deixar claro de quê memória estamos falando. A memória enquanto processo de lembrança e esquecimento ou os processos de rememoração? Segundo Pomian (2000, p. 507), quando falamos em memória estamos falando em vestígios. E os vestígios são representações da realidade, pois "toda memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada". No entanto, toda reconstrução do passado é sempre imperfeita porque

é marcada pela dúvida. E a arte da memória, na visão de Pomian, é a arte da linguagem, pois é a partir das narrativas orais ou escritas que um indivíduo se torna depositário da memória de seu grupo. É o que podemos chamar de memória coletiva. Mas, podemos afirmar que a memória possui um caráter virtual ou é apenas uma reprodução do físico, pois, segundo Bergson (2010, p. 158), “Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado?”.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a virtualidade da memória é preciso entender a dimensão do virtual. A palavra virtual deriva do latim *virtus*, que significa potência e força (LEVY, 1996). Mas também está presente na palavra grega *virtuale*, cuja concepção de algo que existe em potência, e não em ato, foi preconizada por Aristóteles (LEVY, 1996). O conceito de virtual foi amplamente estudado por vários autores. Dentre os vários autores que se debruçaram sobre o tema destacamos a contribuição de Quéau (1995), autor que questiona a noção de realidade e considera que o virtual deve ser entendido como uma outra experiência do real, ou seja, como um novo sistema de representação. Repensando o conceito aristotélico de potência, Queáu faz uma analogia entre o esboço de desenho que antecede a obra de arte para explicar o virtual. Nesse caso, o virtual reside na possibilidade, potência, no que pode vir a ser. Segundo Quéau (1995), no entanto, é preciso distinguir a potência do virtual, pois o potencial pode ser transformado em atual, enquanto o virtual é uma presença real. Quéau discorda de Lévy, pois, segundo ele, o virtual está mais próximo do conceito de potência das teorias físicas contemporâneas, do que do conceito preconizado por Aristóteles, que via na potência uma atitude para receber uma forma. Para Quéau (1995), o virtual também pode propor novas faces de interação e de comunicação entre as pessoas.

Lévy (1996), baseando-se em Deleuze (2000) e na filosofia escolástica, afirma que o virtual é o que existe em potência e não em ato, pois “(…) o virtual não se opõe ao real, mas ao atual” (LÉVY, 1996, p. 16), uma vez que virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. Lévy faz uma clara distinção entre atualização e virtualização. Para Lévy, a virtualização não é

necessariamente a mutação de algo real em não-real, pois a virtualização desloca o centro de gravidade do objeto considerado. Lévy não vê a virtualização como uma ameaça e sim como um complemento. Fazendo um contraponto a essas ideias, Echeverría (2000) questiona o papel da virtualização em oposição à atualização que tanto entusiasma Lévy. Para Echeverría, as reflexões de Lévy sobre as tecnologias virtuais mostram-se inadequadas para uma análise filosófica, pois partem de um conceito apenas etimológico da palavra. Nesse caso, o virtual não deixaria de ser também o real, mas o possível e o imaginado.

Outro autor que se debruça sobre as questões do virtual é Deloche. Em sua obra "*Le Musée Virtuel*", Deloche (2001) trabalha o conceito de virtual sob um ponto de vista estético. Para este autor, a virtualidade engloba a ideia de síntese (simulação do real) e de imagem numérica. Segundo o autor, o virtual renova profundamente o status da imagem, modificando a sua relação com a arte. Para Deloche, é preciso distinguir o virtual do digital, pois a digitalização de uma determinada imagem não é necessariamente a criação de uma imagem virtual. Nesse caso, o virtual não se confunde com o irreal ou o imaterial. Deloche (2001) afirma que a arte é um artefato, um produto artificial que a pessoa interpõe entre ele mesmo e o mundo. Nesse caso, a virtualização consiste em passar de um artefato a outro artefato, como uma espécie de substituição. Assim como Lévy, Deloche trabalha com os conceitos de Deleuze, em que "o virtual possui uma plena realidade enquanto virtual" (DELEUZE, 2000, p. 342). Para Deleuze, deve-se evitar, contudo, confundir o virtual com o possível, pois "(...) o possível opõe-se ao real; o processo do possível é, pois, uma «realização»" (DELEUZE, 2000, p. 345).

O filósofo francês Bergson (2010), em sua obra "Matéria e Memória", publicada originalmente em 1896, se debruça sobre os aspectos psicológicos da memória, enfatizando o papel do espírito, mas também da matéria nos processos de lembrança e esquecimento. Para Bergson, a percepção tem um papel fundamental nesse processo, pois "não há percepção que não esteja impregnada de lembranças" (BERGSON, 2010, p. 30). Nessa lógica, perceber é lembrar. Ele acredita numa memória pura, baseada nas lembranças que o cérebro acumula ao

longo de nossa existência e que “o papel teórico da consciência na percepção exterior (...) seria o de ligar entre si, pelo fio contínuo da memória, visões instantâneas do real” (BERGSON, 2010, p. 73).

Para Bergson (2010) há dois tipos de memória: a memória hábito, aprendizado obtido à custa da repetição e necessário para a vida em sociedade, e a memória pura, feita de lembranças de caráter não-mecânico. O autor distingue três termos: a lembrança-pura, a lembrança-imagem e a percepção. Para ele, o passado permanece inteiramente dentro da nossa memória. Os processos de lembrança e esquecimento não são separados, mas parte do mesmo mecanismo. Para Bergson (2010), o passado é essencialmente virtual, e se torna atual a partir das percepções e das lembranças.

Em sua obra “Memória e Vida”, Bergson (2006a, p. 47) aponta que a memória “não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro”, mas o acúmulo de experiências que se encontram em estado puro dentro de nosso cérebro. Ao discutir as diferenças entre o possível e o real, Bergson (2006b) afirma que o possível é menos do que o presente, ou seja, as possibilidades precedem a existência das coisas. Este sentido de virtualidade em Bergson é um sentido de possibilidades, pois

> O possível é, portanto, a miragem do presente no passado; e, como sabemos que o porvir acabará por ser presente no passado, como o efeito de miragem continua sem descanso a se produzir, dizemo-nos que, em nosso presente atual, que será o passado amanhã, a imagem de amanhã já está contida ainda que não a consigamos apreender. (BERGSON, 2006b, p. 115).

Talvez pela presença maciça dos termos virtuais no cotidiano da *internet* (comunidades virtuais, bate-papo virtual, etc) as pessoas tendem a entender o virtual como algo não real e na dinâmica da comunicação na *internet*, como algo presente somente no ciberespaço. É importante salientar que não há uma oposição entre o que é virtual e o que é real. Concordamos com Turkle (1999) quando ela diz que é um erro afirmar que existe separação entre vida real e vida virtual, como se a vida virtual não pertencesse à realidade. O virtual é parte do real, seja ele enquanto potência seja enquanto configuração na rede mundial de

computadores. Para esta autora, as fronteiras são cada vez mais permeáveis, principalmente com o surgimento das novas tecnologias de comunicação.

O virtual deve ser entendido, assim, como parte do real e não descolado de sua existência. Podemos questionar também o sentido do que é real e o que não é real. Baudrillard (1991, p. 33), ao discorrer sobre os simulacros e as simulações, afirma que vivemos em uma época em que é difícil distinguir o que é real do que é simulação e que vivemos "a histeria característica do nosso tempo: histeria da produção do real e da reprodução do real". Castells (2002, p. 459), apoiando-se em Baudrillard e Barthes, aponta que "não há separação entre 'realidade' e representação simbólica". Para Castells (2002, 459), a realidade sempre foi virtual, pois "é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica". As realidades são feitas de símbolos que lhe são atribuídos, por isso, segundo o autor, podemos falar em virtualidade real como

> (...) um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais do mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transforma em experiência. (CASTELLS, 2002, p. 459).

Complementando a proposição de Castells (2002), Silva (2009) afirma que o real é o que existe de fato, é o não fictício. A dimensão do real e a dimensão do virtual são as mesmas, a grande diferença está na carga simbólica de cada realidade.

1.2 Rastros digitais e a preservação do patrimônio

> Antigo provérbio chinês diz que há três coisas que nunca voltam atrás: a palavra proferida, a flecha desferida e a oportunidade perdida. Fosse reescrito há poucos anos, o sábio chinês teria incluído um quarto item no ditado: informação largada na *internet*. (TEIXEIRA, 2011).

Em primeiro lugar, gostaríamos de discutir o conceito de rastro. Segundo Gagnebin (2006), esse conceito conduz a uma problemática na abordagem sobre a memória. Para a autora existe uma ligação entre rastro e memória, já abordada por Aristóteles, Freud, Santo Agostinho e Proust. Para ela, a memória vive essa tensão entre presença e ausência desses rastros. De um lado, os rastros indicam a presença da memória, mas a sua ausência também demonstra que o processo de lembrança e esquecimento foi efetivado. A autora aponta que os rastros são marcados também pela não intencionalidade. Assim como acontece com nossas lembranças, nem sempre os rastros são que o queremos guardar, mas o que restou de vestígios de uma determinação ação. Gagnebin (2006) se apoia em Levinas pra discutir a fixação dos rastros. Levinas (1993) faz uma distinção entre signo e rastro.

> O rastro não é um signo como outro. Mas exerce também o papel de signo. Pode ser tomado por um signo. (...) Tudo se dispõe em uma ordem, em um mundo, onde cada coisa revela outra ou se revela em função dela. (...) Aquele que deixou rastros ao querer apagá-los, nada quis dizer nem fazer pelos rastros que deixou. Ele decompôs a ordem de forma irreparável. Pois ele passou absolutamente. Ser, na modalidade de deixar um vestígio, é passar, partir, absolver-se. (LEVINAS, 1993, p. 75-76).

Levinas acentua o caráter não-intencional dos rastros, sejam eles do ladrão que tenta apagar os seus vestígios ao roubar uma casa, do historiador que busca vestígios de civilizações antigas, ou o caçador que busca elementos que o levem à sua presa. Ao discorrer sobre a permanência dos rastros, Gagnebin (2006) aborda sobre a questão do apagamento dos rastros, sejam eles de um extermínio, tal como aconteceu no Holocausto descrito por Levi em suas obras, ou o desaparecimento dos corpos de mortos pelas ditaduras sul-americanas.

Apagar os rastros, afirma Gagnebin (2006), é negar a própria existência do assassínio. Sem rastros, não há assassinato.

Ricoeur aponta que a grande dificuldade em discutir a significação do rastro reside num fato simples: “Todos os rastros estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade” (2007, p. 434). Em sua obra “A memória, a história e o esquecimento”, Ricoeur (2007) nos alerta sobre o esquecimento e o apagamento dos rastros. Ele discute que, embora em termos clínicos o esquecimento seja uma distorção da memória, em termos sociais o uso da palavra distorção não está completamente correto. Para o autor, em certos aspectos podemos falar em distorção da memória quando o esquecimento e o apagamento são uma ameaça à memória. Ele aponta que o esquecimento é parte integrante da memória, que não pode ser dissociado dos processos de lembrança.

Ao conjunto de informações postadas na internet, o que chamamos de rastros digitais, Palfrey e Gasser (2011) chamam de dossiê digital. Esses dossiês possuem dois tipos de informações: um de caráter público e que pode ser buscado por qualquer pessoa via busca simples no *Google*, e informações mais confidenciais, tais como número de telefone, de documentos e que não se encontram abertas ao público. No entanto, como em qualquer serviço, este tipo de informação pode vazar para o público se o dado não for manipulado de maneira correta. O fato de serem confidenciais não impede, no entanto, que por um ataque de um *hacker* ou por um descuido, elas sejam disponibilizadas para o público.

Mas esses nossos rastros digitais não são necessariamente controlados por nós. Segundo Palfrey e Gasser, “o problema com relação ao rápido crescimento dos dossiês digitais é que as decisões sobre o que fazer com as informações pessoais são tomadas por aqueles que detêm as informações” (2011, p. 62). Muitas de nossas informações pessoais não estão sob o nosso controle, pois uma vez lançada na *internet* perdemos o controle sobre elas. Estas informações vão se acumulando e se transformando em rastros digitais na *internet.* Mesmo nas redes sociais, por exemplo, o fato de não querermos participar de um *site* desse

tipo, não exclui a nossa presença, pois fotos onde aparecemos poderão ser postadas sem o nosso consentimento por nossos amigos ou familiares. E a presença nas redes sociais começa bem cedo, antes mesmo do nascimento, através de ultrassons e imagens 3D dos rostos dos bebês nos úteros maternos, postados por suas mães ou pais.

Podemos afirmar que os rastros digitais são a nossa identidade pessoal na rede mundial de computadores. E essa identidade pessoal virtual não é muito diferente da nossa identidade física. Nesse aspecto, estamos de acordo com Turkle (2006), quando ela afirma que é um erro falar em vida real diferente da vida virtual, como se fosse outra forma de vida. O que somos na *internet* não é diferente do que somos no nosso cotidiano. Assim como em uma gravação de história de vida ou em uma autobiografia, o que passamos de nós é o que queremos que os outros saibam e não o que realmente somos. É a nossa persona social. Concordamos também com Turkle (2006, p. 291) quando ela afirma que na internet, "não estamos experimentando múltiplas identidades, estamos brincando com diferentes aspectos do eu". Uma foto que postamos nas redes sociais ou um comentário em um *blog*, que esteja de forma parcial ou totalmente disponível na *internet*, diz muito sobre o que somos e o que pensamos. Essa identidade digital é parte da nossa memória social, são os vestígios que deixaremos de nossa existência, seja nas redes sociais ou nos *blogs* pessoais. São nossas narrativas de memória na *internet*. É parte do nosso patrimônio digital.

Em relação ao patrimônio digital é preciso, em primeiro lugar, elucidar o conceito, separando-o em duas partes: patrimônio e digital. Patrimônio vem da palavra latina *patrimonium* e significava, no interior da sociedade romana, a transmissão de bens e heranças (HARTOG, 1998). Para Chagas (1996), o termo patrimônio está vinculado a uma herança paterna, passada de pai para filho no seio da sociedade. O conceito de patrimônio nacional, concebido como patrimônio de domínio público, acessível a todo cidadão, surgiu após a Revolução Francesa (CHOAY, 2006. HERNANDEZ, 2002). Após os atos de vandalismo cometidos durante o período revolucionário, surge, entre os especialistas, a ideia de que o patrimônio deveria ser tutelado pelo Estado para evitar que ele fosse destruído

por problemas políticos ou religiosos. Segundo Choay (2006), foi a partir de medidas tomadas pelos revolucionários, para a salvaguarda dos bens da nobreza, que corriam o risco de serem destruídos, que o patrimônio começa a ser entendido como uma questão crucial na Europa.

Quanto ao conceito de digital é necessário esclarecer que ele só é possível a partir de um processo de digitalização, enquanto o virtual já é uma realidade em si, conforme vimos anteriormente. Para Gubern (1996), a imagem digital é uma matriz de números, contida na memória de um computador, ou seja, a imagem digital é a representação de uma imagem real, em formato informático (código binário). O autor utiliza os postulados de Aristóteles sobre a potência e faz uma distinção entre a produção da imagem e o seu resultado. A potência, para Aristóteles é possibilidade do vir a ser. Quanto ao digital, ele se configura no campo da representação. Nesse sentido, podemos dizer que o digital é a representação em código binário de um determinado conteúdo. A digitalização é a transformação de algo físico em objeto digital ou binário. Diferentemente dos objetos nascidos digitais, os objetos digitalizados possuem um rastro físico. Um exemplo de um objeto nascimento digital é a arte fractal que tem sua origem em uma equação matemática.

O surgimento da *internet* é um marco para o nascimento do conceito de patrimônio digital. No entanto, enquanto uma categoria de pensamento, utilizando o conceito preconizado por Gonçalves (2009), o patrimônio digital ainda é muito discutido e discutível. Como esse autor aponta, “o patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir” (GONÇALVES, 2009, p. 31). Partindo dessa premissa, então como podemos definir o que é patrimônio digital e como agir para a sua preservação? O patrimônio digital seria aquele produzido em forma de código binário e disponibilizado pela *internet*? Porque é preciso deixar claro a diferença entre a digitalização de um patrimônio e a criação digital de um determinado patrimônio? Ao digitalizarmos um determinado patrimônio de um museu e criarmos um museu virtual, por exemplo, estamos ampliando a capacidade de divulgação daquele patrimônio. Nesse caso, o patrimônio físico já existe. O digital está sendo usado como uma representação

ou uma simulação do físico. O segundo caso, seria daquele patrimônio nascido digitalmente. Aí entrariam todo tipo de informações em forma de texto, imagens, vídeo e uma série de documentos criados digitalmente, sejam através de aparelhos digitais, tais como câmeras fotográficas, *tablets* ou celulares, ou através da *internet*.

A discussão sobre o patrimônio digital aparece pela primeira vez durante a 32ª Conferência da Unesco, em 2003, quando discute-se o conceito de patrimônio imaterial. Durante a convenção foi aprovada a Carta do Patrimônio Imaterial e discutido um projeto de carta para o patrimônio digital[15]. Em seu preâmbulo, o documento aponta que o projeto de carta é uma declaração de princípios e que o objetivo é ajudar os estados membros a definir suas políticas nacionais e atender ao interesse público para a preservação do patrimônio e acesso ao patrimônio digital. Segundo a Unesco[16], o patrimônio digital é

> (...) composto de materiais digitalizados de valor permanente que devem ser mantidos para as gerações futuras. O patrimônio digital emana de diferentes comunidades, indústrias, setores e regiões. Nem todos os materiais digitais são de valor duradouro, mas aqueles que são exigem preservação ativa.

Na realidade, o que vemos são algumas iniciativas tímidas de alguns governos ou instituições sobre a matéria[17], havendo ainda há um longo caminho a ser trilhado. Uma discussão que é sempre pertinente em relação aos patrimônios é a questão da perda. José Reginaldo Gonçalves, ao discutir o processo de criação do IPHAN no Brasil, discute a retórica da perda sempre presente na maioria dos discursos sobre o patrimônio. Para o autor, "O patrimônio é narrado como num processo de desaparecimento ou destruição, sob a ameaça de uma perda definitiva" (GONÇALVES, 2002, p. 31). Para ele, há uma oposição entre a construção de um patrimônio cultural e sua destruição. Nesse sentido, a ameaça ao patrimônio é

[15] Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001311/131178f.pdf. Acesso em: 24/02/2014.
[16] UNESCO. Concept of Digital Heritage. Disponível em: http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/access-to-knowledge/preservation-of-documentary-heritage/digital-heritage/concept-of-digital-heritage/. Acesso em 03/04/2014. Tradução livre.
[17] Exemplo de uma instituição que tem trabalhado para a preservação do patrimônio digital é o site Internet Archives, cujo objetivo é armazenar a memória da internet. Disponível em: www.archive.org.

também uma ameaça à nação. Esse discurso da perda reflete-se na questão do patrimônio digital. Ao contrário de outros patrimônios tais como, sítios, monumentos e/ou o patrimônio imaterial, o patrimônio digital sofre ainda de falta de definições claras sobre o seu próprio conceito.

Dessa maneira, para entendermos a discussão sobre patrimônio digital é preciso estudar as características da *internet*. Para Castells (2002), o surgimento da *internet* permitiu a criação de um novo paradigma: o da tecnologia da informação e aponta cinco características sobre ele[18]. A primeira característica é a sua **matéria-prima,** que é a informação, ou seja, são tecnologias para agir sobre a informação e não apenas informação para agir sobre a tecnologia. Um segundo aspecto diz respeito à **penetrabilidade dos efeitos** das novas tecnologias. Todas as atividades humanas são moldadas pelo novo meio tecnológico, salienta o autor. Como terceira característica ele aponta a **lógica de redes** como um elemento essencial neste novo paradigma. Em quarto lugar surge a **flexibilidade**, ou a possibilidade de reconfiguração das redes e organizações. E, por fim, a quinta característica do paradigma tecnológico é a possibilidade de **integração** entre os sistemas, ou seja, a convergência tecnológica entre equipamentos eletrônicos. Neste sentido, Negroponte (1996) defendia que a convergência tecnológica seria o grande passo para o futuro; ela possibilitaria ao homem cada vez mais usufruir das novas tecnologias que fazem parte de seu cotidiano. No entanto, devemos elucidar o quanto as novas tecnologias podem influenciar na preservação do patrimônio digital.

Choay (2006) alerta para as mudanças na questão espacial, principalmente com o desenvolvimento do ciberespaço e chega a cunhar a expressão “urbanismo de redes”. Na concepção da autora, a lógica de conexão distingue-se das lógicas tradicionais de articulação do espaço. Para Choay (2006), as redes permitem ao homem libertar-se das limitações espaciais. No entanto, ela alerta para duas consequências negativas do processo de rede. A primeira diz respeito à arquitetura, pois os edifícios passam a ser concebidos em conjunto. A segunda

[18] Para a definição do paradigma da informação, Castells baseou-se na concepção de paradigma tecnológico enunciado por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi.

consequência é o desaparecimento progressivo das malhas e dos ambientes articulados e contextualizados.

Ao discutirmos o conceito de patrimônio digital não podemos deixar de analisar as proposições da professora Dodebei. Para a autora, “O conceito em uso de patrimônio digital tangencia a ideia de patrimônio virtual, quer dizer, o patrimônio intangível ou imaterial circulando na web, em contraposição ao conceito de patrimônio edificado, de ‘pedra e cal’” (DODEBEI, 2005, p. 3). Além disso, ela afirma que é necessária a definição de um conceito aberto para o patrimônio digital, pois ainda é um assunto muito novo no nosso cotidiano (DODEBEI, 2011). Como encontra-se em construção, é preciso delinear as propriedades do patrimônio digital, pois, de acordo com a autora, o conceito sofre as “transformações produzidas pelas novas dimensões de tempo e de espaço” (DODEBEI, 2008, p. 27). Dodebei distingue o virtual, ligado ao conceito filosófico de Bergson, do digital, ligado à cibernética e que tem em Lévy um defensor. A digitalização, ou seja, a transformação de um objeto físico em um objeto digital é o processo pelo qual um determinado patrimônio físico torna-se digital. Mas a autora afirma que “Ao transformar textos, sons e imagens em *bytes*, a digitalização facilita a compreensão de que a dicotomia do atributo matéria aplicado ao patrimônio é uma construção não essencial de natureza operacional” (DODEBEI, 2008, p. 28). Assim, Dobedei alerta para o fato de que a matéria física não é necessariamente essencial para a atribuição de valor patrimonial.

Se ainda discutimos como devemos preservar os patrimônios mais tradicionais, o que fazer quando se trata de patrimônio nascido digitalmente? A questão que se coloca é que o excesso de informação produzida e disponibilizada na *internet* através de *sites*, *blogs* e comunidades virtuais aponta para um excesso, como nos diz Huyssen (2000), mas também há de se criar estratégias de preservação. Nesse caso, o patrimônio digital, assim como os patrimônios mais consolidados, sofre de acasos e fatalidades na sua preservação. Ao mesmo tempo em que sabemos que alguns acasos acabam por preservar patrimônios de “pedra e cal”, em outros casos, algumas fatalidades nos fazem perder parte de determinado patrimônio. Dessa maneira, acreditamos que uma das formas de preservação do

patrimônio digital seja a da disseminação das informações em servidores diferentes.

Um exemplo interessante sobre essa temática da preservação do patrimônio digital é em relação às redes sociais. Quando uma pessoa posta fotos no *Facebook* ou no *Orkut*, inconscientemente ela acaba por ter uma atitude de preservação da sua memória, uma vez que suas fotos estarão preservadas nos servidores dessas instituições. No entanto, seria ingenuidade acreditar que essas instituições são instituições de memória, embora não se negue o papel delas na dinâmica da sociedade atual. As redes sociais são organizações privadas e que não tem como objetivo principal a preservação da memória social, mas a socialização e comunicação entre seus membros. Nesse caso, qual seria o papel das tradicionais instituições de memórias, tais como museus e centros de memória na preservação do patrimônio digital? Primeiro, é preciso fazer uma diferenciação entre o que é patrimônio digital, nascido de uma digitalização de patrimônio, daquele nascido digital, tais como relatos e arte eletrônica. O patrimônio nascido digitalmente não possui rastros físicos além do digital, ou seja, são apenas códigos binários, *bits* e *bytes*. Trata-se, portanto, de um patrimônio cuja preservação é essencial. No entanto, com base em que critérios será feita essa preservação? Sabemos que políticas públicas demandam muito tempo de discussão e que a carta de 2003 é apenas o início da história. Não se trata somente de discutir a reprodução de acervos no ambiente virtual através de *sites* e museus virtuais, mas de preservar o que está sendo criado virtualmente.

> Ao perguntarmos qual é, hoje, o papel dos media na construção da memória do mundo, a resposta não poderia ser outra: eles funcionam como instrumentos da amnésia ao promoverem o esvaziamento dos fatos. Mas para que estes não devassem tudo, o mundo cria memória viva porque precisa preservar o que tem, tornando-se num vasto museu. O instante cede à memória informática e a vida torna-se mediatizada, auto-referenciada. (MARCONDES, 1996, p. 309).

Assim como a memória pressupõe seleção, como nos afirma Todorov (2000), a preservação do patrimônio também precisa passar por um processo de seleção. Nem tudo será preservado. Mas como definir critérios do que é preciso ser preservado no conjunto do patrimônio que nasceu digital? Do ponto de vista pessoal, os nossos registros fotográficos efetuados diretamente através de um

celular e postados no *Facebook* ou no *Instagram*, por exemplo, são rastros de nossa existência e que estão apenas no formato digital. Seria essa a forma de esquecimento que nos alerta a epígrafe que abre esse estudo?

Figura 1 – Fazenda de servidores[19] do *Facebook*, em Forest City, North Carolina
Fonte: http://www.datacenterknowledge.com/the-facebook-data-center-faq/

[19] No original em inglês *Server Farm*. A fazenda de servidores do *Facebook*, no estado da North Carolina, ocupa uma área de 300 mil metros quadrados, e está nos planos da empresa construir uma nova fazenda de servidores em Oregon com 147 mil metros quadrados.

1.3 Narrativas de memória e a *internet*

> É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. (RICOEUR, 2007, p. 108).

Quando discutimos sobre a relação entre memória e *internet*, não podemos deixar de abordar os processos de registros de narrativas sobre o passado, seja através de textos ou de imagens postadas nos *sites*, *blogs* ou nas redes sociais. Em primeiro lugar, podemos fazer uma breve digressão sobre o fenômeno das narrativas. As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida. Nesse caso, é a visão atual do mundo que é transmitida na narrativa. Por isso, a atividade de contar história é sempre temporal. Para Bosi, que trabalhou com narrativa de idosos moradores da cidade de São Paulo, "A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o 'em si' do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa" (BOSI, 1994, p. 88).

Ainda sobre a forma como as pessoas narram suas histórias, é importante lembrar que as narrativas não são apenas através da fala, mas dos gestos, do nosso corpo. Além disso, nossa história não é somente o que narramos, mas os objetos que nos acompanham durante a nossa vida.

> O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 1994, p. 90).

Benjamin (1994), no ensaio "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", discute o papel do narrador e das narrativas tradicionais na modernidade. Para o autor, instalou-se uma crise da memória e da narração, pois "a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção*."* (BENJAMIN, 1994, p. 201). No entanto, ele alerta que este não é um fenômeno recente ou uma característica "moderna". Para ele, o que vai

causar a morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno, pois ele não alimenta as tradições orais. É preciso, dessa forma, resgatar as narrativas orais, pois:

> Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994. p. 205).

Benjamin defende que as narrativas orais se baseiam muito na experiência que é passada de pessoa a pessoa, ou seja, nossa história não é somente o que narramos e o que lembramos de nossa vida, mas também de outras vidas que se entrelaçam com a nossa trajetória: as histórias de nossos antepassados que nos foram narradas por nossos pais, tios e avós. Para Benjamin (1994), as melhores narrativas escritas são aquelas em que não há distinção entre a oralidade e a escrita, uma vez que elas alimentam a tradição oral. Gagnebin (1994) afirma que, no entanto, ao fazermos uma análise apressada do texto "O Narrador", de Benjamin, ficamos com a ideia de que ele vaticina a morte da narrativa, mas o que Benjamin reforça é a sensação de apagamentos dos rastros, sensação advinda daqueles que estiveram nas trincheiras na Primeira Guerra Mundial. Segundo Gagnebin (1994) Benjamin faz uma diferenciação entre a palavra *Erfahrung* (experiência) que se opõe à palavra *Erlebnis* (vivência). A vivência permite ao burguês deixar os rastros de sua existência em sua casa, na possessão da imensidão de objetos pessoais, principalmente de veludo. Para Benjamin (1994), o veludo significa algo que permite a aderência dos restos memoriais, em contraponto ao vidro, presente nas casas desprovidas de objetos que evocam memórias.

As memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro, pois "a memória dá ao homem a ilusão de uma unidade com seu passado, mas o faz sempre da perspectiva do presente" (CAMPOS, 1992, p. 51). O processo de contar e recontar episódios de nossa vida pode ser feito de várias formas, em livros autobiográficos, diários, etc. As memórias registradas em livros, ou mesmo através da *internet*, não podem ser dissociadas de um processo ficcional, pois ninguém recorda e registra

exatamente como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou. De acordo com Lyotard (1989, p. 52), “A forma narrativa obedece a um ritmo, ela é a síntese de uma métrica que compassa o tempo em períodos regulares e de uma acentuação que modifica o comprimento ou a amplitude de alguns deles”.

Ao falarmos de narrativas, sejam elas produzidas no contexto da internet ou não, não podemos deixar de abordar a obra da Bakhtin, pois o autor, e seu círculo[20], constroem uma teoria enunciativa a partir de pressupostos do materialismo dialético, cuja linguagem é dialógica e onde o narrador está localizado em um tempo e espaço. É este lugar do mundo ocupado pelo narrador que faz a sua história ser diferente das histórias de outros narradores. É na especificidade de suas memórias que reside a sua plenitude.

Bakhtin/Volochínov (2010a), em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, ao discordar de algumas teorias da linguística, aponta que a linguagem não é nem um produto de normas rígidas da língua, como afirmava a corrente do objetivismo abstrato, e nem um produto somente do psiquismo e do interior, como afirmavam os adeptos da corrente do subjetivismo individualista. A enunciação, segundo Bakhtin, é um produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, pois não existe interlocutor abstrato. Nos pressupostos bakhtinianos é preciso supor um horizonte social e um auditório social na enunciação. E a palavra comporta duas faces, pois “Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto de interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 2010a, p. 117). Para o círculo bakhtiniano é a situação social imediata que define a enunciação, e o centro organizador não se situa no interior, e sim no exterior. Por isso, não existe voz isolada na enunciação.

Para Bakhtin (2010a), o autor é antes de tudo um prisioneiro de sua época, mas ao mesmo tempo a obra literária está além de seu tempo. Bakhtin (2010a) afirma que não se pode estudar uma determinada literatura isolada de sua cultura, mas

[20] O Círculo de Bakhtin era composto por estudiosos russos especialistas em linguagem e que tinham como líder Mikhail Bakhtin.

as grandes obras foram produzidas séculos antes de sua criação. Para o autor é na grande temporalidade – um tempo além de seu tempo – que residem as grandes obras. Em sua concepção, os autores estão dentro da grande temporalidade: desse tempo maior, estendido que abarca tudo.

Um dos pilares da “arquitetônica” de Bakhtin é o dialogismo. Discutindo a palavra diálogo, Bakhtin dá um sentido diferente de outros autores, que a usam no sentido mais estreito (FARACO, 2009). Bakhtin trabalha o dialogismo como conceito, mas, principalmente, como categoria filosófica. O círculo bakhtiano está preocupado não com os turnos do diálogo face a face, mas com as forças que atuam nessa troca de enunciados e que condicionam o diálogo, ou seja, o movimento dialógico. Para o círculo bakhtiano o que interessa são os sentidos resultantes da enunciação. As relações dialógicas, no entanto, são mais amplas e complexas do que o diálogo face a face, pois além de serem constituidoras do diálogo concreto, elas fundamentam o contexto social do enunciado. Para Bakhtin (2010a), a posição de um sujeito social é importante na compreensão das relações dialógicas, e não exclusivamente os componentes linguísticos presentes nos seus enunciados.

Na obra “A Estética da criação verbal”, Bakhtin (2010b) discute o papel do autor e da personagem na atividade estética. Conforme o autor, a personagem é construída pelo autor com base na sua própria imagem e a literatura é uma luta consigo mesmo. Ele aponta uma distinção entre o autor-pessoa e o autor-criador. As personagens, para Bakhtin, se desligam do processo de criação e passam a levar vida autônoma em relação ao autor-criador. Assim, as personagens dos romances ganham vida e se distanciam de seu criador. Quando analisa o papel do autor na atividade estética, Bakhtin (2010b) aponta uma distinção entre o corpo interior e o corpo exterior. O corpo interior seria o *eu* e o corpo exterior, o *outro*. E é na relação entre o *eu* e o *outro* que se constroem as narrativas. Dessa forma, ele distingue o *eu-para-o-outro* (representação do eu devolvida pelo outro), o *eu-para-mim* (representação que o *eu* faz de si próprio) e o *outro-para-mim* (representação que o eu constrói do outro).

Sobre a obra autobiográfica, Bakhtin diz entender "(...) por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente[21] imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida" (BAKHTIN, 2010b, p. 139). A enunciação é a narração de sua trajetória de vida. O autor é parte integrante da narrativa. Nesse caso, há uma coincidência entre o narrador e a personagem (herói). No caso da autobiografia, os "outros" têm fundamental importância na narração, uma vez que muitas das histórias nos foram narradas por nossos familiares, tais como nascimento, origem, etc. Bakhtin afirma que sem os outros, nossas narrativas não teriam "unidade biográfica axiológica", uma vez que o grupo social é muito importante na constituição da subjetividade do sujeito, pois o ser humano é percebido na coletividade e na família.

Bakhtin (2010b) aponta dois tipos de autobiografia: o aventuresco-heróico e o social-de-costumes. O primeiro se baseia na vontade de ser herói, de ser amado e na aceitação pelos outros. O autor aspira à glória e se baseia num individualismo imediato e ingênuo. A vontade de ser amado é a segunda motivação desse tipo de narrativa, pois o amor determina a carga emocional da narrativa. E o último elemento é o desejo de ser aceito pelos outros, de superar a fabulação da vida. Para Bakhtin (2010b, p. 147), "a vida biográfica do primeiro tipo é uma espécie de dança em ritmo lento (...); aqui todo o interno e todo o externo procuram coincidir na consciência axiológica do outro; o externo procura interiorizar-se, o interno exteriorizar-se". O segundo tipo, o social-de-costumes, cujo principal elemento é o social, possui dois planos: o herói está deslocado do plano interior e as outras personagens são representadas de forma transgrediente. Nos dois tipos, Bakhtin aponta que o autor é sempre um ingênuo, está ligado à personagem por uma relação de parentesco e que ele é o elemento constitutivo da obra de arte. Ambos, autor e personagem, pertencem ao mesmo universo de valores. Bakhtin afirma que o ato da biografia é unilateral e não existe o *eu* e o *outro*, mas dois *outros*. Isso porque o autor vive a "incoincidência consigo mesmo e com sua personagem" (BAKHTIN, 2010b, p. 151). Mas o que Bakhtin pode nos elucidar em relação aos processos narrativos de memória na *internet*?

[21] Bakhtin utiliza o termo transgrediente para designar "fora do que está sendo pensado".

Conforme vimos anteriormente sobre a memória do presente, Virilio (2006, p. 103) afirma que para o aparecimento de uma memória coletiva na *internet* é preciso que haja narrativa, e que "a memória do tempo presente consiste em dilatar esse tipo de narrativa". Mas como é o processo de narração e memória na *internet*? Podemos afirmar que as narrativas na *internet* são diferentes das narrativas orais ou escritas? Sobre este aspecto é interessante verificar que Santaella (2007, p. 84) afirma que "O computador não nos coloca apenas diante de um novo tipo de tecnicidade, mas traz consigo uma linguagem "cíbrida", ou seja, o hibridismo sígnico e midiático que é próprio do ciberespaço". Esse hibridismo, próprio do ciberespaço, chamado também hipermídia, possibilita a integração desses conteúdos. Segundo Santaella (2007, p. 85),

> Diferentemente da revolução gutenberguiana, a hipermídia não incide apenas no modo como se produz e reproduz a escrita. Embora também envolva esse aspecto, a hipermídia vai muito além. Trata-se de uma nova maneira de se produzir o texto escrito na sua fusão com as outras linguagens, algo que transforma a escrita no seu âmago, colocando em questão a natureza mesma da escritura e dos seus potenciais.

Sobre o uso do *Facebook* no registro de narrativas, a professora britânica Garde-Hansen (2009) afirma que as histórias pessoais apresentadas pelo *Facebook* não são necessariamente a nossa vida tal como ela se passou, nesse caso, não é absolutamente correto afirmar que os jovens utilizem as redes sociais para registrar sua história, mas como um espaço de registro de acontecimentos. Para a autora, o poder da palavra escrita e da linearidade ajuda a organizar e decodificar o passado de forma ordenada e temporal, mas sozinhos não dão conta dos processos de lembrança e esquecimento que enriquecem a memória. Dessa maneira, conforme a autora, não são apenas os registros pessoais (textos, fotos, etc.) no *Facebook* que apresentam uma narrativa sobre cada pessoa, mas também as contribuições dos amigos transformam a página pessoal em um arquivo pessoal digital de histórias. Para Garde-Hansen (2009), as redes sociais são um sintoma da necessidade de apresentar espaços de identidade, de histórias e de memória na *internet*.

Murray (2003), em seus estudos sobre as narrativas de jogos *online* na *internet*, aponta quatro propriedades essenciais no ambiente digital que o torna um

poderoso veículo de criação literária. Segundo esta autora os ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. Em termos procedimentais, ela aponta que o ambiente digital é um motor, no qual os procedimentos colaboram com as estruturas das narrativas. Ou seja, as redes sociais fomentam os registros dessa memória cotidiana, apresentando aplicativos e formas de elaboração de narrativas de memória. Em segundo lugar, ela aponta que os ambientes digitais favorecem a participação e a interação entre as pessoas. Como os ambientes digitais são imersivos, ela aponta que eles favorecem a espacialidade e o enciclopedismo. Segundo a autora, a *internet* possibilita a criação de narrativas em forma de mosaicos, formando justaposições, tal como acontecem nas narrativas do cinema. As narrativas registradas nas redes sociais seriam mosaicos que possibilitam uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços. Nesse sentido,

> (...) o computador oferece-nos maneiras de dominar a fragmentação. (...) Ele nos proporciona um caleidoscópio multidimensional, com o qual podemos reagrupar os fragmentos tantas vezes quantas quisermos, e permite que transitemos entre padrões alternados de organização em mosaicos. (MURRAY, 2003, p. 155).

Deve-se salientar que a narrativa esteve sempre presente na história do homem, desde as culturas orais primárias, até a era das novas tecnologias (ONG, 1998). Em sua obra “O gesto e a palavra”, Leroi-Gourham (1983, p. 59) afirma que a história da memória pode ser dividida em cinco períodos: “o da transmissão oral, o da transmissão escrita por meio de tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica”. Com base nessa classificação podemos afirmar que as narrativas ganharam contornos novos, mas a essência da narração é a mesma desde os primitivos *griots* até as redes sociais, pois não há grandes mudanças nas formas narrativas. A partir do desenvolvimento da escrita e, posteriormente, com o surgimento das mídias (fotografias, vídeos), algumas mudanças foram efetuadas na forma, mas não no conteúdo das narrativas. Nas redes sociais, assim como no diário de Helena Morley, por exemplo, o que está sendo narrado são os eventos cotidianos. A convivência entre as formas narrativas é a chave para entender a dinâmica das histórias na *internet*, sejam elas publicadas em *blogs* ou nas redes sociais.

1.4 A visualidade na era da fotografia digital

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. SONTAG (2004, p. 14)

Houve uma grande transformação nos processos de produção e reprodução de imagens, desde os primórdios da fotografia, no século XIX, até os dias de hoje. As primeiras máquinas fotográficas digitais surgiram nos Estados Unidos na década de 60 do século XX. E, a partir de 2003, quando os aparelhos celulares começaram a ser produzidos com aplicativos de câmera fotográfica e de vídeo, a popularização da fotografia tornou-se inevitável. Hoje, uma família não se desloca mais a um estúdio para ser fotografada, como era hábito no início do século XX. As próprias crianças da família podem efetuar essa fotografia familiar, seja através de um *smartphone* ou de um *tablet*.

Mas o que é o ato fotográfico? Em sua obra "O ato fotográfico" Dubois (1993, p. 52) afirma que "As fotografias, propriamente falando, não têm significação em si mesmas: seu sentido é externo a elas; está determinado, em essência, pela relação efetiva com seu objeto (o que mostra) e com sua situação de enunciação (com o que olha)". Segundo Dubois (1993, p. 15), a foto não é apenas uma imagem, "mas um 'ato icônico', pois ela inclui recepção e contemplação". O autor aponta três percursos na análise histórica da fotografia: num primeiro momento, a fotografia como espelho do real, num segundo, a fotografia como transformação do real e, por fim, a fotografia como traço de um real. Nessa primeira corrente, a fotografia denotaria e seria um espelho da realidade e predominou no século XIX. A partir do estruturalismo, já no século XX, a fotografia irá ganhar um caráter de transformação do real, como "codificador de aparências". "A fotografia deixa de aparecer como transparente, inocente e realista por essência" (DUBOIS, 1993, p. 42). A terceira corrente tem, em Barthes, e sua obra "A Câmera Clara", o seu primeiro mentor. Barthes estudou a fundo a questão da representação no ato fotográfico. Segundo Barthes (1984, p. 115), a pintura pode simular a realidade, enquanto que "na fotografia jamais posso negar que a *coisa esteve lá*" (grifos do

autor). Este autor afirma que uma foto é um objeto a partir de três práticas: fazer, suportar, olhar. Quem faz é o operador, o fotógrafo. O espectador somos nós, que olhamos a fotografia, e por fim, o fotografado, e que a foto é sempre invisível, pois não é ela que vemos, mas o resultado da luz que incidiu sobre o papel. Segundo Barthes (1984, p. 21), "a fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é de ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico". A fotografia, de acordo com o autor, é um atestado que o fato realmente existiu. Nesse sentido, tanto Barthes (1984) quanto Dubois (1993) veem a fotografia como uma prova de existência de um fato.

Em consonância com ambos os autores, para Sontag, o ato de fotografar é um ato de captar o momento, pois "as fotos fornecem um testemunho" (SONTAG, 2004, p. 16). Para ela, a luz que reflete e incide sobre o papel fotográfico capta o momento presente. Sontag afirma que a fotografia tornou-se um rito social e, ao mesmo tempo, em um instrumento de poder. Em sua obra "Sobre Fotografia", publicada originalmente em 1977 nos Estados Unidos, a autora aponta o papel da fotografia como uma afirmação de ritual de comemoração: o ritual do casamento, o batizado ou como uma crônica visual da família: os primeiros passos do bebê, seus primeiros dentinhos, etc. Para ela, as fotografias dão "às pessoas a posse imaginária de um passado irreal", mas também "as ajudam a tomar posse de um espaço" (SONTAG, 2004, p. 19). Além disso, em relação à popularização do turismo, as fotos, afirma a autora, "oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou". Sobre esse período, Sontag afirma que o ato de fotografar é em essência, "um ato de não-intervenção". Ela situa o fotógrafo como um *voyeur* que capta a indiscrição do momento presente. A autora afirma que não é errado dizer que as pessoas têm compulsão para fotografar e "tudo existe para terminar numa foto" (SONTAG, 2004, p. 35), parafraseando Mallarmé que dizia que tudo no mundo existe para terminar num livro.

Estudando o ato fotográfico, não podemos deixar de abordar a obra do filósofo tcheco Flussser, falecido em 1991. Flusser, que passou 32 anos de sua vida no Brasil, onde lecionou na Escola Politécnica da USP, era um pensador que se

debruçou sobre os modos da técnica, mas sem influência da semiótica ou da linguística. Sua obra reflete uma filosofia da imagem que, segundo Machado (1998), está mais próxima da cibernética do que propriamente da semiótica. Flusser inicia seu estudo sobre a fotografia fazendo uma análise da palavra imaginação, raiz da palavra imagem. Ao criar uma tentativa de glossário para uma futura filosofia da imagem, ela afirma que a imaginação é a "capacidade para compor e decifrar imagens" (FLUSSER, 1998, p. 24). A imagem, segundo o autor, "são mediações entre o homem e o mundo" (FLUSSER, 1998, p. 29), pois representam o mundo. Ele separa a imagem pura e simples da imagem técnica, produzido por aparelhos de fotografia ou de vídeo. O fotógrafo é aquele profissional que manipula e reproduz as imagens. No entanto, além disso, o papel do fotógrafo é produzir "símbolos, manipula-os e armazena-os" (FLUSSER, 1998, p. 42). O gesto de fotografar, para Flusser, é "uma série de saltos" (1998, p. 53), pois o fotógrafo precisa pular as barreiras que se interpõem entre espaço-tempo, no que ele denomina de "dúvida". E que "A fotografia enquanto objeto tem valor desprezível. Não faz sentido querer possuí-la. O seu valor está na informação que transmite" (FLUSSER, 1998, p. 67). Conforme o autor,

> A mania fotográfica resulta numa torrente de fotografias. Uma torrente-memória que a fixa. Eterniza a automaticidade inconsciente de quem fotografa. (...) Uma viagem à Itália, documentada fotograficamente, não registra as vivências, os conhecimentos, os valores do viajante. Registra os lugares onde o aparelho o seduziu para apertar o gatilho. Os álbuns são memórias "privadas" apenas no sentido de serem memórias de aparelhos. Quanto mais eficientes se tornarem os modelos dos aparelhos, tanto melhor atestarão os álbuns, a vitória do aparelho sobre o homem. É a "privacidade" no sentido pós-industrial do termo. (FLUSSER, 1998, p. 74).

Kossoy (2007, p. 134) afirma que existem dois tempos da fotografia: o primeiro, fixa o acontecimento, a ação, e o segundo, seria o tempo da representação. O primeiro diz respeito ao próprio ato fotográfico e é volátil, enquanto que o segundo fixa o tempo da imagem, tornando-a uma representação daquele momento. Kossoy alerta que vivemos um tempo da saturação das imagens *online*. E que "A matéria-prima da imagem fotográfica é a aparência – selecionada, iluminada, maquilada, produzida, inventada, reinventada – objeto da representação" (KOSSOY, 2007, p. 155).

Silva (2008) questiona a fotografia como reprodução da realidade. Para ele, a foto é o efeito de luz do momento fotografado. Segundo o autor, com o surgimento da fotografia digital os álbuns fotográficos, o principal arquivo de suporte do século XX, desapareceram. Na verdade, a forma como lidamos com os nossos registros visuais foi se modificando ao longo do século XX e desaguou no século XXI na forma de álbuns virtuais. Nossos álbuns não são mais um conjunto de fotografias em papel organizadas ou uma caixa de papelão onde armazenamos nossos registros fotográficos. Os álbuns digitais estão organizados em aplicativos, tais como *Picasa* ou *Flickr*, ou acumulados nas redes sociais *online*.

Segundo Santaella (2005, p. 29), o surgimento da fotografia digital coloca em crise os princípios definidores do paradigma fotográfico, pois "as tradicionais ontologias da fotografia, que assumiam uma divisão clara entre signo e referente, foram abaladas pela imagem digital". A autora afirma isso por causa da facilidade de manipulação e simulação que a fotografia digital pode sofrer através de *softwares* de manipulação de imagem.

Em 2013 houve a popularização do *selfie*[22]. O *selfie* nos transporta a um movimento no qual não é mais necessária a presença de uma terceira pessoa para o ato de fotografar. Segundo Silva (2008), a foto é um ato teatral e o que a fotografia capta é a sua condição de máscara da realidade. Nesse sentido, podemos afirmar que a ida a um estúdio, seja para a clássica fotografia de família, com os meninos vestidos de marinheiros, do início do século XX, ou para uma fotografia do casamento, reafirma este ato teatral de que nos fala o autor. Esta teatralidade também está presente nos *selfies* e no exagero à fixação em imagem dos momentos. Silva (2008) propõe uma tríade da visão fotográfica representada no diagrama abaixo:

[22] *Selfie* é um neologismo da palavra inglesa *self-portrait* e designa um autorretrato feito através de um celular *smartphone* e compartilhada nas redes sociais. Também pode ser feito com uma câmera digital ou *webcam*. Em 2013, ela foi eleita pelo Dicionário Oxford como palavra do ano, por seu uso ter aumentado 17.000%. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html.

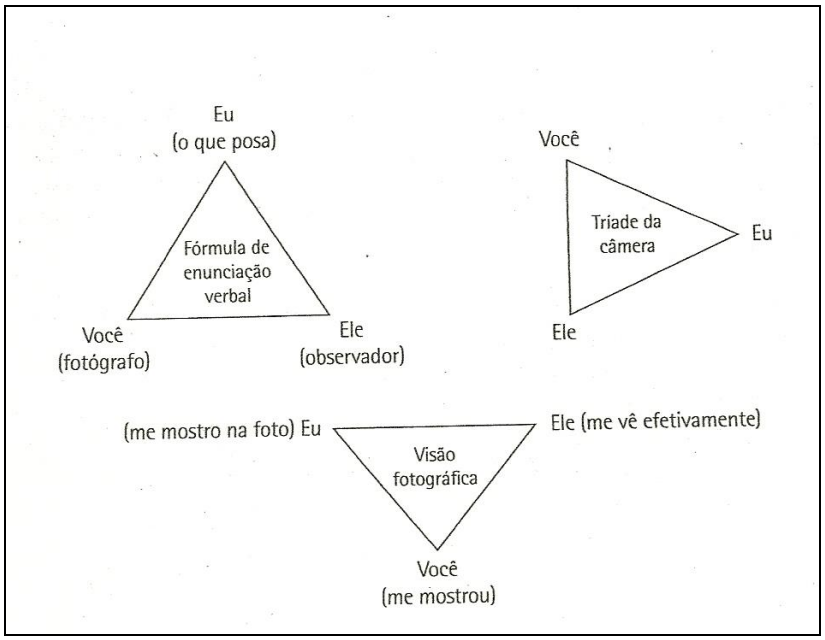

Figura 2 – Diagrama da tríade da visão fotográfica
Fonte: SILVA, 2008, p. 28.

Nesse caso, a visão fotográfica é feita a partir da pessoa, do fotógrafo e de quem observa. No entanto, os *selfies* vieram quebrar esta tríade porque não é mais necessária a presença do fotógrafo. O *selfie* representa um ato narcisista de se autofotografar e serve com o propósito de apresentar a si mesmo, seja em frente a um espelho, seja ao virar o *smartphone* para si mesmo no ato de fotografar. Para Silva (2008), o fotógrafo é o *voyeur*, pois é o observador da cena e a fotografa. Nesse caso, podemos afirmar que o *selfie* é ao mesmo tempo um *voyeur* de si mesmo.

A popularização da fotografia digital, seja através das câmeras digitais, ou através de celulares e *tablets*, trouxe uma questão para a discussão sobre o ato fotográfico: até que ponto estamos programando nossa vida para produzir fotografias dos eventos? As redes sociais, tema que falaremos logo a seguir, vieram popularizar a fotografia instantânea, aquela feita no dia a dia. Já não nos contentamos em almoçar ou assistir um *show*. É preciso registrar no *Facebook* ou no *Instagram* o prato escolhido e/ou o cantor no momento de sua *performance* no palco. Esta massificação do ato fotográfico trouxe, para a discussão sobre a visualidade na atualidade, uma outra dimensão, a do excesso de produção de "instantâneos" do nosso cotidiano. Esse excesso é tanto maior quanto maior é o

número de pessoas com acesso às tecnologias da fotografia, seja em *tablets*, *smartphones* ou mesmo máquinas fotográficas. Podemos notar a forte presença do ato fotográfico, por exemplo, na figura 3, que apresenta uma montagem feita com duas fotos da entrada lateral do Vaticano, durante a escolha de um novo Papa. Nota-se uma grande diferença entre poucos anos, em 2005 poucos celulares fotografam a cena, enquanto que em 2013 praticamente todos utilizam algum tipo de tecnologia para fotografar o novo Papa.

Figura 3 – Fotografias que mostram as escolhas de novos Papas (em 2005 e em 2013)
Fonte: Foto compartilhada no *Facebook* em 2013

2. PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS ONLINE: OS NATIVOS DIGITAIS E O FACEBOOK

> O menino pergunta: “Théo, você tem *Facebook*?”. Théo diz que não e que não sabe o que é. O amigo diz: “Eu tenho, é legal”. Detalhe: o amigo ainda não sabe ler!
> *Rosali Henriques*

Essa epígrafe é uma pequena amostra de como os jovens estão se inserindo cada vez mais cedo no mundo da *internet*. Essa conversa, que presenciei *in loco* entre meu filho e um colega de escola de seis anos, demonstra a forte presença das redes sociais no cotidiano dos jovens no Brasil atualmente. Esses nativos digitais estão sendo inseridos precocemente nas redes sociais e nos jogos *online*, e sua presença é cada vez mais constante nesses meios. Mas quem são esses nativos digitais? Como se comportam? Neste capítulo iremos trabalhar com o conceito de nativos digitais a partir de um universo de jovens da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O estudo compreende um universo de jovens estudantes do ensino médio público e da única universidade pública da cidade, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

2.1 Os nativos digitais e a memória do presente

> Somos testemunhas, colaboradores e vítimas de revolução cultural cujo âmbito apenas adivinhamos. (FLUSSER, 2008, p. 15).

Vivemos hoje o nascimento de uma geração que está aprendendo, desde a mais tenra infância, a lidar com as novas tecnologias. Esses nativos digitais possuem uma relação com a tecnologia diferente daquela vivenciada pelos imigrantes digitais que passaram sua infância e juventude sem acesso à *internet*. Obviamente, a faceta mais explícita dessa diferença se encontra na *internet*, mas não é somente esta mídia que causa o abismo entre as diferentes gerações. O uso de celulares e a mudança nas tecnologias de produção e reprodução de imagens também transformaram esses jovens em uma geração altamente conectada.

Como dito anteriormente, o termo nativo digital corresponde àqueles jovens, nascidos após o advento da *internet*, que possuem grande familiaridade com as novas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Palfrey e Gasser (2011), os jovens nativos digitais possuem características bem distintas dos imigrantes digitais, mas o que mais os diferencia é a forma como se relacionam com a informação. Por terem crescido em um ambiente altamente digital, esses jovens possuem comportamento diferenciado ao lidar com a comunicação e a informação na *web*. Em relação à questão da identidade, estes autores apontam que a diferença básica entre os dois grupos reside no fato de que a identidade pessoal e a identidade social são coisas distintas entre os imigrantes digitais. Ao contrário, entre os jovens nativos digitais não há uma distinção clara entre o que é identidade pessoal e identidade social, pois “a internet é um laboratório virtual para experimentos no desenvolvimento da identidade” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 36). A verdade é que a *internet* tem mudado alguns comportamentos identitários, possibilitando aos nativos digitais experimentar múltiplas identidades. Nesse sentido, “cada vez mais, a identidade de qualquer um que viva em uma era digital é compreendida através de uma combinação do que ele expressa no espaço real e o que ele diz sobre si mesmo” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 45).

O educador canadense Prensky (2001a), ao cunhar a expressão “nativo digital”, para definir aquelas pessoas que nasceram após o advento da *internet*, do celular e do MP3, levanta a questão de como esses nativos digitais possuem uma relação diferenciada com a *internet*. Quem nasceu anteriormente a este período é um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com a tecnologia em sua fase adulta. Ele levanta uma série de características dos nativos digitais, tais como: são multitarefas, gostam de processos paralelos, preferem informações gráficas a textos e funcionam melhor quando estão ligados em rede. Para este autor, há um conflito de gerações, pois os professores querem usar os mesmos métodos de ensino, pelos quais aprenderam a se relacionar com o mundo, aos seus alunos, enquanto os jovens pensam de forma diferente. Cria-se dessa forma um dilema e só há duas alternativas: ou os professores aprendem a trabalhar com os jovens na escola, ou então haverá sempre o conflito de gerações. Nesse sentido, Gómez (2006) aponta as incertezas que ocorrem no processo educativo provocadas pelas mídias e as novas tecnologias. O livro do professor em sala de aula não é mais a “última palavra”, mas é a tela do computador que legitima as informações dos jovens, pois “desde as interações midiáticas, os sujeitos-educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, diante da abundância representacional e policromática dos ecossistemas comunicativos” (GÓMEZ, 2006, p. 96).

Prensky (2001a) afirma que, da mesma forma que os imigrantes podem até aprender uma determinada língua do país onde moram, mas vão sempre apresentar um sotaque, assim também é o processo de aprendizado da *internet*. Por mais que os imigrantes digitais adquiram desenvoltura com as novas tecnologias, sempre haverá uma espécie de “sotaque” ao lidar com os aplicativos da *internet*, com o celular, os videogames ou qualquer *gadget* tecnológico. Ele cita, como exemplo dessa falta de desenvoltura, o hábito que algumas pessoas têm de telefonar para avisar sobre o envio de determinado *e-mail*. Esse comportamento é impensável para os jovens digitais.

Partindo do conceito de nativos digitais de Prensky, podemos inferir que a relação dos jovens com a *internet* é uma relação de desenvoltura e de proximidade. O

que para nós, imigrantes digitais, torna-se uma grande dificuldade, para os jovens nativos digitais é simples como o clicar de um *mouse* ou o arrastar de uma tela. Prensky (2001b) chega a afirmar que essa proximidade dos jovens com as novas tecnologias deve-se ao desenvolvimento diferente do cérebro das crianças. Este autor aponta como causa dessa diferença o hábito de leitura diferenciada que, nos imigrantes digitais foi adquirido a partir dos livros, enquanto que a leitura dos jovens seria a partir dos hipertextos. E não só a *internet* é causadora dessas mudanças, mas também os jogos de videogames teriam um papel fundamental nas mudanças cognitivas dos jovens nativos digitais.

Mamede-Neves (2006), no estudo que fez sobre a interação dos jovens com a *internet*, aponta quatro atrativos que a rede mundial exerce sobre esse público. Em primeiro lugar, a *internet* oferece trilhas que atiçam a curiosidade; em segundo lugar, ela estabelece redes simbólicas de troca; em terceiro lugar, dá a ilusão de um espaço de acolhida; e o quarto atrativo é a disponibilidade, pois a *internet* parece estar disponível o tempo todo. A *internet*, no entanto, oferece muito mais do que a simples opção de entretenimento e de pesquisa para os jovens. Ela passa a ser o principal veículo de comunicação com o mundo, uma vez que esses jovens passam boa parte do dia conectados, seja através do computador, seja através de celulares com conexões à *internet*.

Para entendermos como os jovens usam a *internet*, verificamos um estudo efetuado pelos pesquisadores Palfrey e Gasser. Professores da Universidade de Harvard, eles desenvolvem uma pesquisa com vários jovens nativos digitais para entender o universo dessa geração altamente conectada. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, boa parte dos resultados foi publicada em livro em 2008 (a edição brasileira é de 2011), no qual eles apontam como os jovens estão utilizando a *internet* e quais são as características que mais os atraem[23]. Os pesquisadores apontam que a existência de um espaço de interação é um incentivo à criatividade dos jovens. Na *internet*, qualquer pessoa com custos mínimos pode editar um vídeo e postá-lo no *YouTube*, criar uma charge ou postar

[23] Os resultados parciais da pesquisa encontram-se disponíveis no *site* http://youthandmedia.org/projects/digital-natives/. Acesso em 03/03/2014.

informações em algum *blog* próprio ou nas redes sociais. A possibilidade de se transformar em uma celebridade instantânea através de conteúdo postado no *YouTube* atrai cada vez mais os jovens nativos digitais e incentiva a produção de conteúdo digital.

Um segundo ponto apontado por estes autores é em relação à distribuição e o compartilhamento de arquivos de mídia, tais como vídeos e músicas. Através de serviços P2P, disponibilizados por sistemas informáticos, tais como o *Napster*, *Grokster* e *KaZaa*, e mais recentemente o *eMule* e o *Megaupload*[24], os jovens nativos digitais baixam músicas e filmes, burlando, muitas vezes, as leis de proteção aos direitos autorais. Outro atrativo apontado pelos autores é a possibilidade que a *internet* oferece aos jovens de se transformarem em empreendedores, transformando ideias simples em negócios lucrativos na *web*. Além disso, a *internet* é, também, a maior fonte de informação dos jovens nativos digitais. Conforme veremos a seguir, em relação ao público brasileiro, os jovens preferem pesquisar, ler e se informar em mídia *online*. E, por último, um grande atrativo é a possibilidade de uso da *internet* para a mobilização para uma determinada causa. Segundo Palfrey e Gasser (2011), a *internet* possui um potencial de mobilização que atrai cada vez mais os jovens, pois possibilita uma conexão rápida com seus amigos. Para estes autores, "os nativos digitais estão deslocando muitas das suas atividades sociais básicas do espaço *off-line* para o mundo híbrido *online*/*offline*", e questionando as mídias tradicionais de radio-teledifusão (PALFREY; GASSER, 2011, p. 295).

Gostaríamos de salientar, no entanto, que nosso estudo debruçou-se apenas sobre a realidade brasileira. Embora o perfil dos nativos digitais seja o mesmo ao redor do mundo, o uso da *internet* tem um aspecto diferenciado de país a país. Conforme dissemos anteriormente, o Brasil é um dos países mais conectados no mundo. Ao estudar o perfil dos nativos digitais no Brasil, é preciso evidenciar em primeiro lugar a importância da *internet* no dia a dia dos jovens. Na verdade, a *internet* está cada vez mais acessível aos brasileiros. E o que mais cresce não é

[24] A maioria desses serviços já foi desativada por questões judiciais, mas de vez em quando aparecem novos substitutos.

exatamente a conexão residencial, mas o uso dos celulares com acesso à internet 3G ou *wi-fi*. Nesse sentido, podemos verificar que está ocorrendo também uma migração do uso dos *e-mails* e comunicadores instantâneos (tais como *MSN*) para os chats do *Facebook* e as comunicações via celular, por meio de aplicativos como o *Whatsapp*, por exemplo. Com base nessas pesquisas efetuadas recentemente, podemos verificar que os jovens utilizam cada vez mais a *internet* no seu dia a dia, seja como forma de se informar sobre o mundo, seja para a troca de ideias e experiências através das redes sociais. E que a *internet* tem adquirido um espaço muito grande na vida dos jovens nativos digitais. Esse espaço não é somente o do entretenimento e da diversão, mas, igualmente, o do namoro virtual, da pesquisa e da informação.

2.2 Estudo de caso: os alunos do ensino público da cidade de Juiz de Fora

Juiz de Fora é uma cidade de porte médio, com 545.000 habitantes[25], localizada na região da Zona da Mata, no estado de Minas Gerais. A cidade possui um perfil voltado para o setor terciário, principalmente comércio, serviços e com uma vocação de cidade estudantil. Atualmente, conta com uma universidade pública federal (UFJF) e 12 universidades privadas. Possui uma grande população jovem[26], muitos deles originários de outros lugares de Minas Gerais e de outros estados, que moram na cidade para efetuar seus estudos universitários. A escolha de Juiz de Fora teve como critério a facilidade em poder aplicar os questionários, presencialmente, através de contatos com os professores da UFJF e da rede pública estadual.

Para entendermos o perfil dos nativos digitais na cidade de Juiz de Fora, efetuamos uma pesquisa quantitativa entre alunos do ensino médio e superior da rede pública da cidade. A pesquisa realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2011 abrangeu um universo de 405 alunos entre 15 e 25 anos, sendo 275 alunos do ensino médio e 130 alunos do ensino superior, estes últimos distribuídos em vários cursos[27]. A seguir iremos analisar cada item do questionário (Anexo I) para entendermos o perfil dos alunos e o uso que eles fazem da *internet*.

Por uma questão metodológica optamos por trabalhar apenas com alunos do ensino público das escolas estaduais da cidade e da única universidade pública da cidade, a UFJF. As quatro primeiras questões do questionário diziam respeito ao perfil do aluno que, juntamente com as informações pessoais, completam o escopo do grupo estudado. Em relação ao total de alunos, podemos verificar, no gráfico 1, que 26% do total se concentra na faixa etária de 15 anos, sendo que

[25] Informações retiradas do site do IBGE. **Informações sobre municípios brasileiros**. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php. Acesso em: 03/03/2014.
[26] Os dados da pesquisa IBGE, de 2010, indicam o maior percentual da população na faixa etária de 15 a 24 anos (4,4%), predominando o número de mulheres em relação aos homens.
[27] O questionário aplicado encontra-se nos Anexos. Verificar modelo aplicado no Anexo I.

21% equivale à faixa etária de 16 anos. As outras faixas etárias apresentam menores porcentagens. Isso se deve ao número de questionários aplicados no ensino médio ser maior do que aqueles aplicados na UFJF. Além disso, foram aplicados mais questionários em turmas da 1ª série do ensino médio (55% do total).

Em relação ao perfil dos alunos, a primeira pergunta do questionário diz respeito à idade em que esses jovens começaram a utilizar a *internet*. Conforme podemos verificar no gráfico, 2,50% dos jovens teve acesso à *internet* com a idade entre 10 e 12 anos, em seguida vem a porcentagem de 31% do total de jovens que acessou a *internet* com a idade entre 4 e 9 anos. A menor porcentagem é de jovens que acessou a internet com mais de 13 anos (18%). Podemos verificar que esses jovens conheceram a *internet* muito cedo, entre o fim da infância e o início da adolescência. Não podemos afirmar, entretanto, que esses jovens possuem grande literacidade na *internet* pelo simples fato de terem se iniciado muito jovens nesse meio. Se analisarmos o estudo que Livingstone (2011) efetuou com jovens de Londres, vemos que nem sempre o uso precoce da *internet* resulta em um uso mais eficaz.

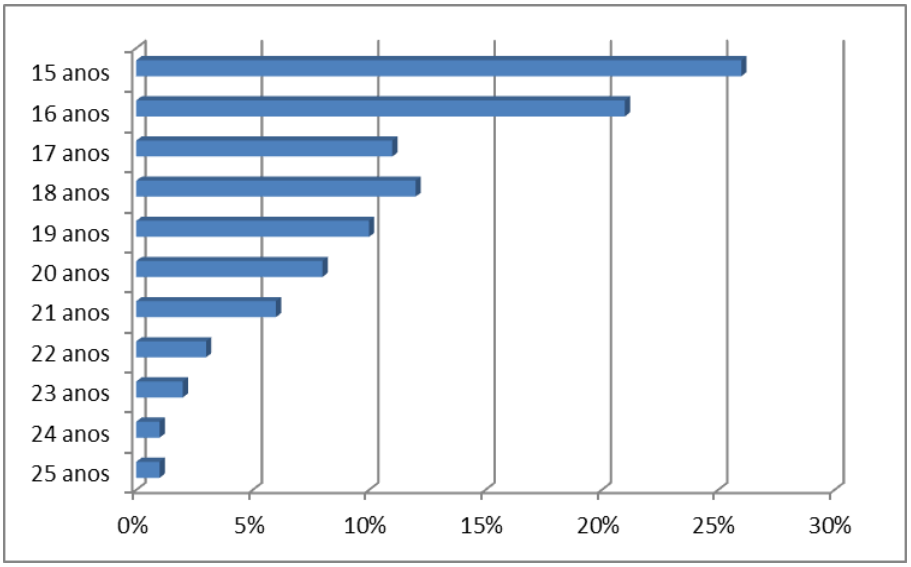

Gráfico 1 – Número de alunos por faixa etária.
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

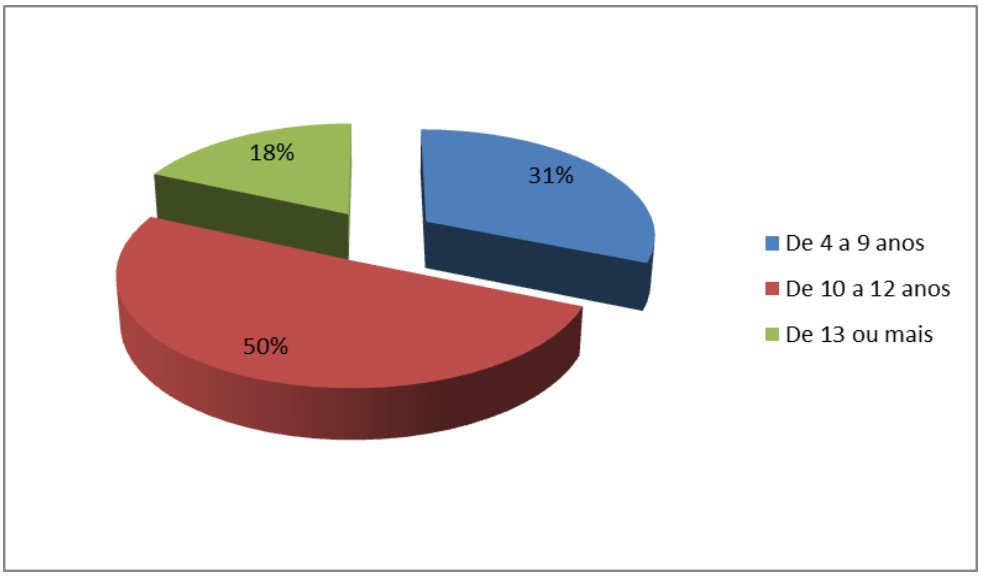

Gráfico 2 – Idade em que acessou a *internet* pela primeira vez
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

Ainda continuando a análise sobre o acesso desses jovens à *internet*, a segunda pergunta do questionário diz respeito ao local em que os mesmos acessaram a *internet* pela primeira vez. Conforme podemos verificar no gráfico 3, de um total de 364 respostas, 35% respondeu que teve acesso em sua própria casa, 20% em *lan houses* e 19% em casa de parentes, como principais lugares de acesso. Podemos ver que, embora o total de respostas para a alternativa *lan houses* foi bem expressivo (20%), ela não ultrapassou o acesso em sua própria residência. O acesso realizado em residências de parentes foi em torno de 19% e 12% do total de entrevistados teve seu primeiro acesso na escola.

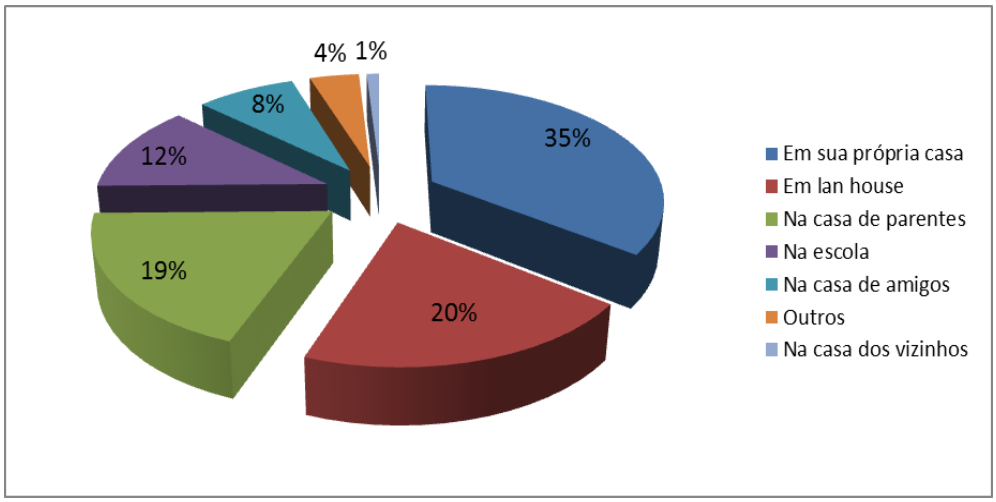

Gráfico 3 – Local de acesso à *internet* pela primeira vez
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

A terceira pergunta sobre o acesso era sobre a regularidade do uso. O jovem teria que marcar quantas vezes acessava a *internet* por semana. No gráfico 4, podemos verificar que mais da metade (56%) dos jovens acessa a *internet* todos os dias e que o acesso esporádico está bem distribuído nas outras respostas. O que chamou nossa atenção foi verificar que 3% respondeu que não acessa a *internet*. No entanto, com os dados obtidos não foi possível verificar porque esses jovens não a acessam, se por falta de interesse ou por outros fatores (acesso, motivos religiosos, etc.).

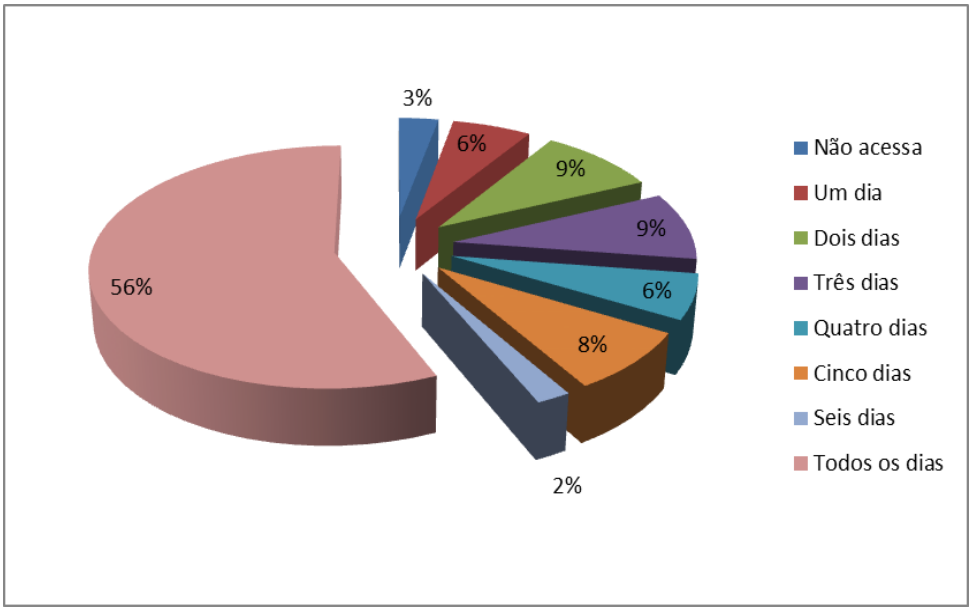

Gráfico 4 – Frequência de acessos à *internet*
Fonte: Questionário aos nativos digitais – Anexo I

2.3 A presença da *internet* no cotidiano dos nativos digitais

Efetuamos uma série de perguntas sobre o uso da *internet* com o objetivo de entender como ela é utilizada pelos jovens entrevistados. Para uma melhor compreensão, dividimos as perguntas em quatro fatores de uso, a partir das respostas às perguntas 9 a 19. Nesse caso, os jovens deveriam marcar a resposta que mais se encaixava no seu entendimento, ou seja: concordar, concordar parcialmente, ser indiferente, discordar ou discordar totalmente.

Analisando as respostas definimos os seguintes fatores: a *internet* como meio de socialização, a *internet* como meio de informação, a internet como meio de diversão e pouco interesse pela *internet*. O primeiro fator diz respeito ao uso da *internet* enquanto uma mídia de socialização e aglutinaria as perguntas 9, 10, 12, 15 e 17. Para esses jovens, a *internet* é um meio de se comunicar com o mundo. Eles priorizam a comunicação como o fator mais importante no uso da *internet*. As respostas às perguntas 16 e 18 nos mostram a *internet* como meio de informação. Nesse caso, a ênfase é dada ao uso da *internet* para a pesquisa e busca de informações em portais de notícias. O terceiro fator englobaria as respostas às perguntas 11 e 13 e a prioridade do uso é o divertimento. Por último, ao responder afirmativamente à pergunta 14, os jovens demonstram que a *internet* não é uma mídia tão importante no seu dia a dia, como podemos supor.

Com base nas respostas à pergunta 6, e ao conjunto de perguntas de 9 a 19, criamos três segmentos de perfil de usuário da *internet*. O primeiro perfil seria o que denominamos de perfil Conectados. O Conectado é aquele jovem que usa a *internet* de forma parcial. A *internet* é parte de sua vida, mas ela não tem um papel tão preponderante no seu dia a dia. O segundo grupo denominamos os Muito Conectados. O jovem desse perfil passa boa parte de seu dia conectado à internet. É fã das redes sociais. O terceiro grupo seria dos Pouco Conectados. Eles utilizam a *internet* para pesquisas de trabalhos de escola, no cotidiano no

trabalho, mas usam pouco as redes sociais e dizem poder prescindir da *internet* em suas vidas.

A seguir iremos analisar quais os aplicativos de comunicação os usuários de cada grupo mais utiliza. Selecionamos os seguintes aplicativos e redes sociais: *MSN*, *Google Talk*, *Google+*, *Skype*, *E-mail*, *Twitter*, *Facebook* e *Orkut*, e perguntamos aos jovens com quais aplicativos ele troca mensagens com seus amigos e qual a periodicidade da troca de mensagens. Em primeiro lugar, vamos analisar o uso do *MSN*. Conforme dissemos anteriormente, é um aplicativo que já foi muito utilizado para comunicação instantânea e que caiu em desuso a partir da implantação do bate papo no *Facebook* e no *Orkut.* Em 2013, a *Microsoft* extinguiu o *MSN,* logo após adquirir o *Skype*.

Conforme podemos verificar no gráfico 5, o grupo que mais utiliza o *MSN* todos os dias é de perfil Conectados, sendo que as porcentagens de uso diário do MSN são iguais para os grupos Muito Conectados e Pouco Conectados. O grupo de jovens nomeado como Pouco Conecatos utiliza o *MSN* de uma a três vezes por semana em média. Um sintoma da caducidade do *MSN* pode ser visto pelas porcentagens baixas de uso pelo grupo de jovens altamente conectados.

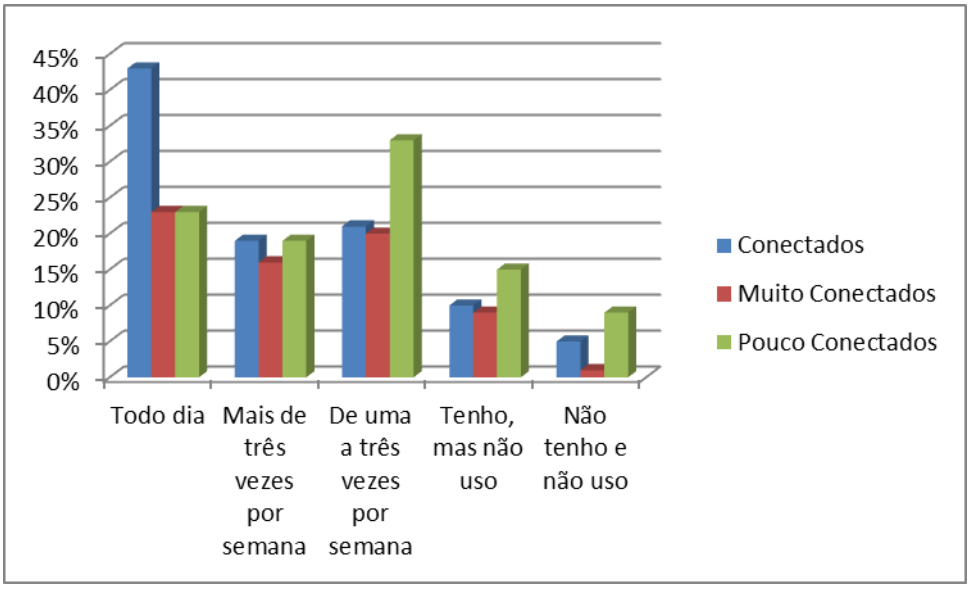

Gráfico 5 – Uso do *MSN* pelos grupos de jovens
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

Em relação aos aplicativos *Google Talk* (chat do *Gmail*) e *Skype*, à rede social *Google+* e ao *microblog Twitter*, as respostas dos jovens foram na sua maioria de desconhecimento (em todos os grupos), e portanto não iremos analisar as respostas.

Uma de nossas hipóteses, corroborada com alguns amigos nativos digitais, é de que o e-*mail* está caindo em desuso nas camadas mais jovens dos nativos digitais. Embora seja ainda um aplicativo de comunicação muito usada no ambiente do trabalho, no dia a dia, os jovens estão substituindo o *e-mail* por outros aplicativos, tais como *chats* das redes sociais, as mensagens privadas dentro do próprio Facebook e mensagens via celular (*Whatsapp*). Em pesquisa recente realizada no Estados Unidos apenas 6% do total de jovens pesquisados utiliza o *e-mail* para trocas de mensagens entre os amigos[28]. Na pesquisa realizada com o público jovem da cidade de Juiz de Fora também obtivemos resultados que estão em acordo com a pesquisa realizada nos Estados Unidos, embora a proporção seja um pouco diferente. Conforme podemos verificar no gráfico 6, o *e-mail* é pouco utilizado pelos três grupos no dia a dia. Mesmo o jovem de perfil altamente conectado troca poucas mensagens via *e-mail* com seus amigos (25% do total do grupo). Podemos ver que uma parcela desses jovens do grupo dos Muito Conectados (15%) respondeu que tem *e-mail*, mas nunca usa.

[28] Pew Research Internet Project. **Teens 2012: Truth, Trends, and Myths About Teen Online Behavior.** Disponível em: http://pewinternet.org/Presentations/2012/July/Teens-2012-Truth-Trends-and-Myths-About-Teen-Online-Behavior.aspx. Acesso em: 03/04/2014.

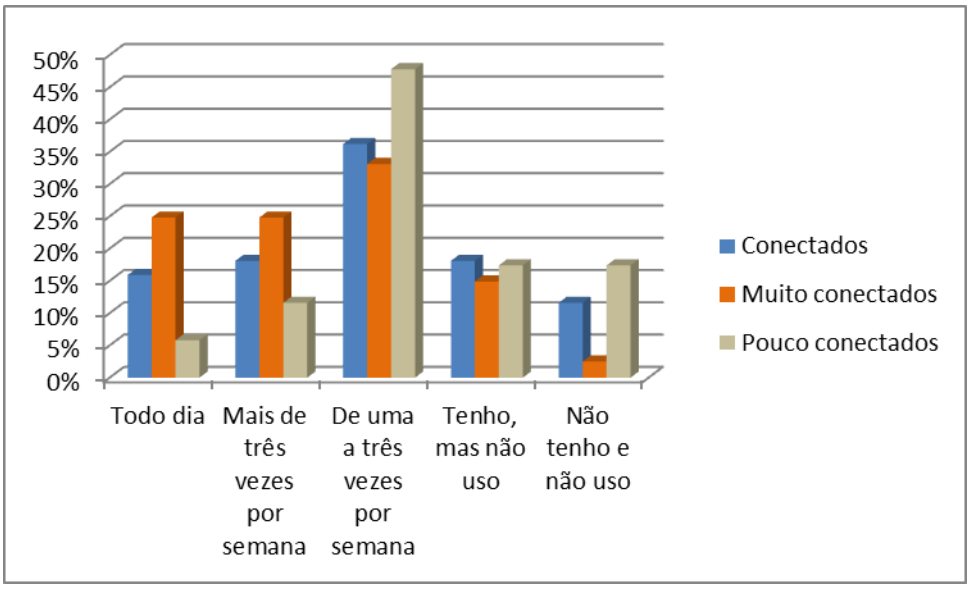

Gráfico 6 – Uso do *e-mail* pelos jovens
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

Em relação ao *Facebook*, podemos notar, no gráfico 7, que os jovens Muito Conectados são os que mais utilizam essa rede social para enviar mensagens aos amigos todos os dias (59%). E que, no extremo oposto, podemos verificar que os jovens do grupo dos Pouco Conectados são aqueles que desconhecem ou não se interessam pelo *Facebook* (com 39% das respostas). As respostas do grupo Conectados são mais altas nos dois extremos. Se por um lado, 38% utiliza o *Facebook* diariamente, 27% afirma não ter e não utilizar o *Facebook*. Esse equilíbrio demonstra que os jovens com este perfil, embora utilizem bastante a *internet*, não são tão atraídos pelo *Facebook* e preferem o *Orkut*, como veremos a seguir.

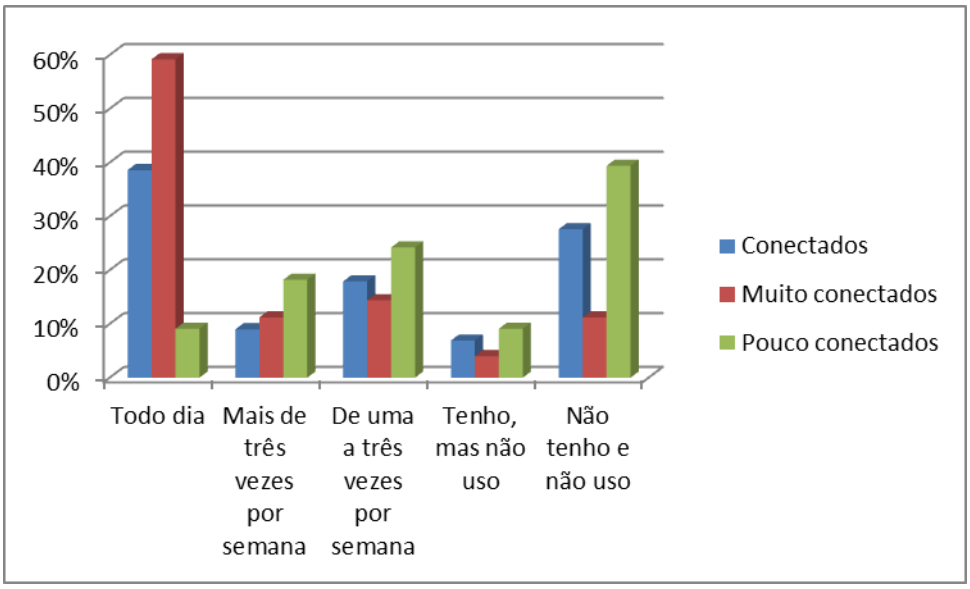

Gráfico 7 – Uso do *Facebook* pelos jovens
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

Fazendo uma comparação do uso do *Facebook* com o do *Orkut* (gráfico 8), podemos notar que os jovens mais conectados pouco utilizam o *Orkut* e que o grupo considerado Conectados é aquele que mais utiliza essa rede social (38%) no seu dia a dia para a comunicação com os amigos. O gráfico do uso do *Orkut* é aquele que se encontra mais equilibrado em termos de porcentagem, mas podemos notar que o grupo dos Muito Conectados é o que tem menor porcentagem em quase todas as opções. Isso demonstra o que as pesquisas sobre as redes sociais já apontaram, que o *Facebook* substitui o *Orkut* na preferência dos brasileiros no quesito redes sociais.

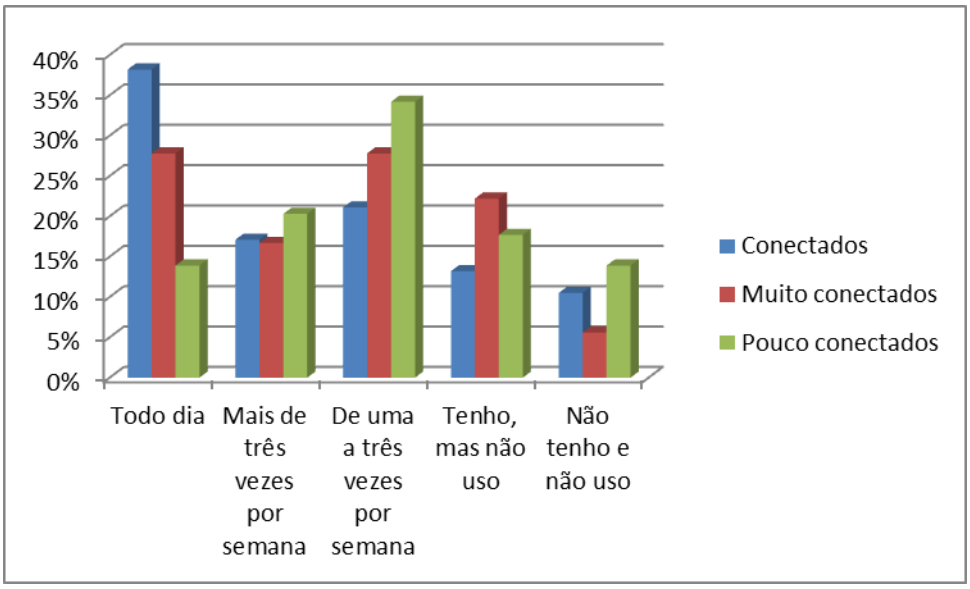

Gráfico 8 – Uso do *Orkut* pelos jovens
Fonte: questionário aos nativos digitais – Anexo I

Podemos concluir, com base nas respostas ao questionário, que os jovens estão cada vez mais utilizando as redes sociais como meio de comunicação entre os amigos e que algumas práticas de comunicação, ainda comuns entre os imigrantes digitais, estão caindo em desuso (tais como o *MSN* e o *e-mail*). Aplicativos, tais como o *Google Talk*, que só pode ser utilizado por quem possui o *e-mail* do *Gmail*, é pouco utilizada. Não temos informações necessárias para afirmar se isso se deve ao desconhecimento do aplicativo ou pela oportunidade de utilizar as redes sociais na comunicação.

Quando escolhemos estudar os jovens nativos digitais é preciso ter claro que o processo de mudança de comportamento é visível nessa geração escolhida para a pesquisa, entre 15 e 25 anos, mas que está cada vez mais rápido nas crianças, que estão sendo expostas cada dia mais cedo às novas tecnologias. E que eles estão presentes até mesmo nas redes sociais, embora teoricamente sejam proibidos de participar. Como as redes sociais, principalmente o *Facebook*, estão afetando o comportamento dos jovens é o que veremos a seguir.

PARTE II – RASTROS MEMORIAIS NAS REDES SOCIAIS

3. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NO *FACEBOOK*

> Uma rede social, por si, já é uma metáfora estrutural. (RECUERO ET AL, 2013, p. 115).

Este capítulo é dedicado a analisar o objeto empírico de nossa pesquisa e traz reflexões sobre os processos de lembrança e esquecimento nas redes sociais. Ao escolher utilizar o *Facebook* como campo de análise, tivemos como objetivo entender qual é a configuração dessa rede social, como ela é utilizada pelos jovens nativos digitais e como seu uso pode mudar comportamentos. Em primeiro lugar, queremos entender como as redes sociais surgiram e qual a sua configuração, discutindo também como as pessoas são representadas e se apresentam nas redes sociais. No item seguinte, identificamos o significado de curtir e de compartilhar nas redes sociais, para em seguida apresentar os resultados de nosso campo de pesquisa, no qual analisamos o conteúdo postado por jovens no *Facebook*.

Quando indagamos se o jovem nativo digital possui um desejo de memória ao usar o *Facebook* como repositório de registros do seu cotidiano, chegamos ao segundo capítulo deste estudo. Nele, estudamos a configuração do *Facebook*, a forma como as redes sociais atuam, além de trazer as informações coletadas junto ao grupo de pesquisa. A ideia é traçar um perfil de quem é esse jovem, como ele acessa a *internet* e qual o uso que faz da rede social.

No terceiro capítulo, da segunda parte de nosso estudo, vamos nos debruçar sobre um estudo da *fan page* “O Machismo nosso de cada dia”. Trata-se de uma página de mobilização feminista no *Facebook*, criada por uma das jovens que pertencem ao grupo de jovens nativos digitais, objeto dessa pesquisa. A sua análise serve para apontar um caminho sobre os usos que o *Facebook* tem proporcionado aos jovens nativos digitais: a mobilização de uma causa.

3.1 As redes sociais e a representação do “eu”

O fenômeno das redes sociais *online* é bem recente e foi uma tendência natural do crescimento da *internet* em relação à criação de espaços de participação dos usuários. No início da *internet* a participação e a interação dos usuários estava restrita à produção de alguma página pessoal, em código *HTML*. Com a evolução das mídias de comunicação os usuários passaram, primeiro, a contar com espaços de comentários em matérias de *sites* de notícias. Em seguida, vieram os *blogs*, espaços onde qualquer usuário da *internet* poderia colocar suas experiências *online*. O *boom* dos *blogs* deu-se a partir de 1999, mas ainda continua sendo um meio muito utilizado pelos usuários, sejam eles de caráter pessoal, jornalístico ou temático. O *blog* acabou por se tornar uma espécie de diário virtual, em que as experiências vividas são narradas no decorrer do dia. A experiência com os *blogs* veio ratificar o que já dizia Benedikt (1991) sobre o ciberespaço. Segundo o autor, os egos e seus múltiplos papéis têm uma nova existência no ciberespaço, pois a *internet* possibilita aos usuários uma maior comunicabilidade com o mundo. Os *blogs* evoluíram para os *fotologs* e *videologs*, experiências de deixar seus registros na *internet*, seja por meio de textos, fotos ou vídeos.

A etapa seguinte na evolução histórica da *internet*, com relação à interação com os usuários, foi o surgimento da *web* 2.0. A ideia por trás do conceito da *web* 2.0 é justamente a possibilidade de interação do público com a *internet*, através de *wikis*, postando vídeos no *YouTube* ou comentando assuntos em *sites* de notícias. A criação de espaços de autoria na rede mundial de computadores incentivou o registro e a disponibilização das memórias, sejam elas em forma de texto ou de imagens. As redes sociais substituíram, em larga escala, a experiência das pessoas com os *blogs* e os comunicadores instantâneos (tais como *MSN*, *ICQ*), que eram os grandes atrativos da comunicação mediada pelos computadores na internet 1.0.

Em 2002 surgiu a primeira rede social *online*, o *Friendster,* criado por Jonathan Abrams. Não teve sucesso inicial e acabou por ser fechada por problemas

técnicos e por falta de capacidade do sistema de suportar vários acessos ao mesmo tempo. A rede social *Myspace* surgiu em 2003 e foi a rede social mais utilizada pelos usuários da *internet* no mundo inteiro até perder espaço para o *Facebook*. Usada principalmente pelas celebridades de *Hollywood* como um meio de divulgação de seus trabalhos, e por músicos que queriam compartilhar músicas *online*, ela acabou se transformando numa rede de troca de informações e contatos. Em novembro de 2007 iniciou suas atividades no Brasil, mas nunca teve grande aceitação pelo público brasileiro. Em junho de 2011 a rede social foi adquirida pela americana *Specific Media*, empresa de mídia interativa. Atualmente, concentra muitos perfis de músicos que utilizam a rede para divulgar seus trabalhos. Em janeiro de 2004, surgiu a rede social *Hi5*, fundada por Ramu Yalamanchi. O *Hi5* cresceu no Brasil em paralelo ao crescimento do *Orkut*, como uma alternativa à superlotação do *Orkut*, mas acabou perdendo espaço para o *Facebook* na preferência dos internautas.

A rede social online *Orkut* iniciou suas atividades em janeiro de 2004 e foi criado por Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco, funcionário do *Google*. Surgida como uma de suas atividades nas horas vagas, a rede social acabou por ser incorporada ao *Google* que investiu na compra de servidores e na implementação da rede. Embora o alvo inicial tenha sido os Estados Unidos, o *Orkut* rapidamente se alastrou para o Brasil, tornando-se a principal rede social do país até outubro de 2011, quando foi ultrapassada pelo *Facebook* em número de usuários no país[29]. Em 2008, a empresa *Google* transferiu a sede do *Orkut* para o Brasil, devido ao elevado número de brasileiros participantes. Os países com maior número de usuários são o Brasil e a Índia. Com a perda de usuários do *Orkut*, o *Google* investiu em aplicativos de bate-papo, além de integrar o sistema de e-*mails*, de busca e de mapas já existentes no motor de buscas do *Google*. Em 2011, o *Google* lançou uma nova rede social chamada *Google+* (*Google Plus*), para competir com o *Facebook*. Embora seja independente do *Orkut*, existe a

[29] G1 Tecnologia e games. **Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope**. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html. Acesso em: 04/03/2014.

possibilidade de interligação entre essas duas redes sociais, através do mesmo cadastro.

O *Facebook* foi fundado em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard com o objetivo de conectar estudantes dessa universidade e que, posteriormente, se estendeu a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro. Possui atualmente 1,15 bilhões de usuários ativos no mundo inteiro, sendo que 76 milhões desses usuários estão no Brasil[30].

O Brasil é o segundo país com mais usuários que entram diariamente no *Facebook* e em número de pessoas é o terceiro país, atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia[31]. Além disso, em pesquisa divulgada em janeiro de 2013, o Brasil foi o país com maior número de novos usuários em 2012, com 29 milhões de novos usuários[32].

[30] Revista Veja *online* do dia 30/07/2013. Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil. Acesso em: 04/03/2014.
[31] G1 Tecnologia e Games. Brasil é o segundo país com mais usuários que entram diariamente no *Facebook*. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html. Acesso em: 04/03/2014.
[32] Tecmundo. Brasil foi o país com maior número de novos usuários do *Facebook* em 2012. Tecmundo. Disponível: http://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm. Acesso em: 04/03/2014.

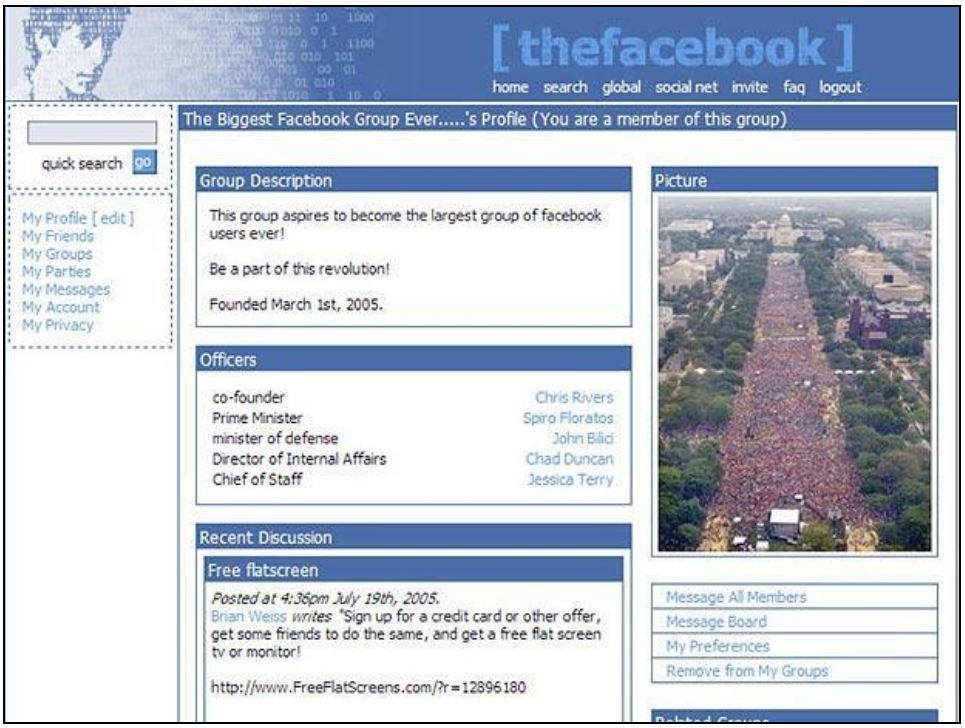

Figura 4 – Primeira versão do *Facebook*[33]
Fonte: Portal Terra Online

O *Facebook* surgiu por iniciativa de quatro estudantes da Universidade de Harvard, encabeçados por Mark Zuckerberg, estudante de Psicologia daquela universidade. A primeira experiência foi a criação de um *site* chamado *Facemash*, que consistia em um aplicativo pelo qual era possível votar na pessoa mais atraente entre as jovens universitárias. Com o sucesso do *site* entre os estudantes de Harvard, Zuckerberg teve a ideia de criar o site *The Facebook*. O objetivo era criar uma rede social que conectasse os alunos de Harvard, facilitando o intercâmbio e a interação entre os jovens (KIRKPATRICK 2011). Inicialmente, o *Facebook* estava restrito aos estudantes de Harvard, mas com o sucesso do *site*, seus criadores resolveram levar a experiência a outras universidades americanas e, em 2006, tornou-se aberto à participação de qualquer pessoa acima dos 18 anos[34] (JOINSON, 2008).

[33] Imagem retirada da matéria sobre os 10 anos do *Facebook*, no portal Terra: http://tecnologia.terra.com.br/facebook-lanca-video-com-melhores-momentos-de-cada-usuario,879a77ead9cf3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html. Acesso em: 04/03/2014.
[34] Atualmente o *Facebook* aceita qualquer pessoa acima de 13 anos, mas na prática muitas crianças criam o seu perfil adulterando a data de nascimento.

Em seu estudo sobre a dinâmica do *Facebook*, pesquisando o uso da rede social pelos alunos da universidade de Michigan, Lamp et alii (2006) distinguiram dois tipos de uso: *social searching* e *social browsing*. No primeiro caso, os estudantes usavam o *Facebook* para encontrar e saber mais sobre pessoas que não estavam conectadas à rede, enquanto que no segundo uso, a rede social era utilizada com a finalidade de conhecer novas pessoas e organizar eventos. Na mesma linha desse estudo, Joinson (2008) aponta sete motivações para o uso do *Facebook*: *social connection*, *shared identities*, photographs, *content*, *social investigations*, *social networking surfing* e *status updates*. Resumindo as motivações, podemos dizer que a maioria delas está ligada à atividade social (encontrar amigos, organizar eventos, observar virtualmente as pessoas e conhecer novas pessoas). Esta conclusão está de acordo com a pesquisa realizada por Bumgarner (2007), na qual ele aponta que a principal motivação para o uso da rede social é justamente a interação social.

Em setembro de 2011, o *Facebook* lançou uma nova versão em que o usuário cria e alimenta a sua própria linha do tempo. Além disso, o antigo "mural" também foi transformado em linha do tempo, possibilitando uma visualização mais limpa ao conteúdo. Com a linha do tempo "histórica" disponível, o usuário pode acrescentar fatos e fotos anteriores ao seu ingresso na rede social, tais como o ano em que casou e começou a estudar em determinada escola ou universidade. A ideia é criar um espaço de registro dessa memória do passado, mas também do presente. Mark Zuckerberg, criador do *Facebook*, durante o evento de lançamento deste novo aplicativo fez a seguinte afirmação: "Criamos um jeito de contar todas as histórias importantes de sua vida em uma única página"[35]*.* A ideia é que a vida de qualquer pessoa do *Facebook* possa ser disponibilizada na linha do tempo, tornando a rede social um espaço de memórias. Continua Zuckerberg (2011):

> É a história de sua vida e tem três pedaços. Seus aplicativos, suas histórias e um jeito de expressar quem você é. Queremos fazer do Timeline um lugar que você se orgulha de chamar de "casa". Queremos que você expresse quem você realmente é.

[35] Frases retiradas da fala de Zuckerberg na matéria sobre o lançamento da linha do tempo em 22 de setembro de 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html. Acesso em: 04/03/2013.

O *Facebook* assumiu um papel de aglutinador de registros das memórias das pessoas ao lançar esta nova versão. No entanto, como em qualquer instituição ou empreendimento comercial, o objetivo inicial do *Facebook* não era o de suportar as memórias das pessoas, mas criar um espaço de socialização. No entanto, é lícito afirmar que o *Facebook* está se tornando um "lugar de memórias", ou de um livro de caras (face), se transformando em um livro de memórias? Segundo Strecker (2012), o *Facebook* está se tornando uma espécie de "Catálogo da Terra Inteira"[36], com as histórias e fotos que as pessoas vão voluntariamente alimentando na rede social. Este catálogo aglutinaria as experiências das pessoas, suas memórias e suas narrativas sobre o mundo.

Com a ajuda de seus usuários e através do aplicativo linha do tempo, o *Facebook* está adquirindo um perfil de uma grande enciclopédia de histórias e memórias, memória do momento presente e memória dos momentos passados. Seria uma espécie de museu de si mesmo. Nesse sentido, a criação de um aplicativo capaz de emular um museu de si mesmo, como o *Museum of Me*[37], reitera essa faceta do *Facebook*. A evolução das redes sociais nesta direção era previsível, uma vez que a tendência da Web 2.0 é transformar cada pessoa em autor, criando o seu próprio *broadcast*, tornando-se o centro de um meio de comunicação cada vez mais voltado para o individuo e suas individualidades.

Um outro exemplo de uma narrativa pessoal efetuada através das redes sociais é o vídeo que cada usuário do *Facebook* pode fazer com seu acervo. Por ocasião de seu aniversário de 10 anos, no dia 4 de fevereiro de 2014, o *Facebook* disponibilizou um aplicativo com o qual os usuários poderiam produzir um vídeo de 1 minuto com a sua própria trajetória na rede social. Chamado de "*Look Back*" (Relembrando), o filme é dividido em alguns tópicos e extrai da conta do usuário informações sobre o início de seu ingresso no *Facebook*, os primeiros momentos, uma seleção de fotos, as publicações mais curtidas e fotos compartilhadas com seus amigos. Tendo como base uma trilha sonora que leva o espectador à

[36] Catálogo da Terra Inteira, ou "*Whole Earth Catalog*", é um nome de um catálogo publicado entre os anos de 1968 e 1972 por Stewart Brand.
[37] *Museum of Me* é um aplicativo da Intel que permite transformar o conteúdo de imagens que circulam em nossa página no *Facebook* é uma espécie de museu virtual.

emoção, o filme tem o objetivo de traçar a trajetória de vida do usuário, fazendo-o rememorar fatos e eventos que compartilhou com seus amigos. Nos primeiros dias após o lançamento ainda não era possível editar o vídeo, o que causou certo desconforto em algumas pessoas que queriam mudar as fotos que apareciam. Na semana seguinte, o *Facebook* disponibilizou um aplicativo no qual é possível escolher quais fotos do seu perfil serão usadas. Os vídeos rapidamente viraram a "modinha" da vez no *Facebook* e se espalharam como um vírus pela rede social.

Figura 5 – Imagem do vídeo da minha história pessoal no *Facebook*
Fonte: minha página pessoal no *Facebook*

Este espécie de "viral", que acontece muitas vezes no *Facebook*, é chamada por Bumgarner (2007) de *herd instincts*, ou efeito manada (ROSA; SANTOS, 2013), ou seja, não ficar fora do grupo, seguir a "onda". Se um amigo faz, os outros também querem fazer. Muitas vezes trata-se de um *meme*[38], ou uma determinada imagem ou status que circulam por um determinado período no *Facebook*. Todo ano, por ocasião do outubro rosa (mês de combate ao câncer de mama), as usuárias do *Facebook* colocam em seus status alguma informação, tal como uma charada, que só aqueles que participam da brincadeira (no caso, as mulheres) vão compreender. Em outubro de 2013 foi a vez de mudarmos nossa foto de perfil

[38] O termo "*meme*" de *Internet* é usado para descrever um conceito que se espalha via *internet*.

para uma girafa se não conseguíssemos responder a um desafio lançado por um amigo. O desafio era o seguinte: “São 3 horas da manhã, alguém bate na porta da frente e você acorda. Visitas inesperadas, são seus pais e eles querem café da manhã. Você tem geleia de morango, mel, vinho, pão e queijo. Qual a primeira coisa que você abre?”[39]. A pessoa que não acertava a charada era obrigada a trocar a foto do perfil para um desenho ou foto de uma girafa. Mas, diferentemente de outras “ondas” ou “modinhas”, que têm como objetivo alertar ou apenas divertir, a ideia por trás do vídeo de nossa história no *Facebook* era marcar a comemoração dos 10 anos da empresa, mas também produzir uma síntese da passagem de cada usuário pela rede social. Ao possibilitar a produção de uma retrospectiva sobre a nossa história pessoal na rede social, o *Facebook* abre espaço para que as pessoas possam produzir uma narrativa sobre a sua própria história. Uma narrativa sim, mas controlada pelo próprio Facebook, pois só é possível trocar as fotos e os *posts* que aparecem, nem a música e nem a ordem das informações é passível de mudança. No entanto, é uma iniciativa que pode suscitar outras similares, uma vez que nossos registros estão disponíveis nas bases de dados da rede social, só é preciso compilá-los.

Contudo, podemos falar em representações de nós mesmos quando falamos em identidade nas redes sociais? Segundo Sibilia (2008), este foco no individuo e em suas representações na *internet* teve início com os *blogs*, passa pelas redes sociais, mas encontra seu terreno mais fértil no *Second Life*[40], no qual é possível viver uma vida completamente diferente da sua. Segundo a autora, a *internet*:

> Se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricas e megalomaníacas, mas outras vezes (ou ao mesmo tempo) se atolam na pequenez mais rasa que se pode imaginar (SIBILIA, 2008, p. 27).

Analisando os conteúdos das redes sociais, não é possível deixar de discutir o conceito de representações. Podemos afirmar que o que postamos nas redes

[39] Facebook: descubra o motivo de usarem fotos de girafas em perfis. Disponível em: Leia mais em: http://www.tecmundo.com.br/facebook/46342-facebook-descubra-o-motivo-de-usarem-fotos-de-girafas-em-perfis.htm#ixzz2v65lGUx2. Acesso em: 04/03/2014

[40] *Second Life* é um ambiente virtual e tridimensional, criado em 1999 e no qual as pessoas interagem através de *avatares*.

sociais são representações do nosso "eu", uma vez que se trata de nossa persona social? Primeiro, é preciso verificar o conceito de representação social. Segundo Moscovi (1979, p. 18),

> A representação é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens fazem inteligível a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes de sua imaginação.

Estas representações de nós mesmos, que não são exclusivas dos ambientes virtuais, mas fazem parte da vida, estão presentes na *internet*, seja através de avatares[41], como no *Second Life*, por exemplo, seja nas redes sociais. É o que Moscovici chama de ciber-representações. Ele discute o conceito de ciber-representação, cujo objetivo não é ser um simulacro do real, "mas uma concretização da própria representação" (MOSCOVICI, 2006, p. 78). Nesse raciocínio, as normas, regras e "dialetos" da *internet* favorecem a representação e segundo o autor, a memória.

Em relação à questão da identidade pessoal nas redes sociais, Rosa e Santos (2013) afirmam que existe um processo de negociação de identidades que segue o padrão estabelecido pelo próprio *site*, na medida em que resultam dos dados do usuário, solicitados pelo próprio *Facebook*. Os autores trabalham com a concepção de identidade enquanto negociação, com base na linha de pensamento que enfatiza não a reprodução virtual de nossas identidades, mas no exercício realizado pelos atores sociais sobre si mesmos. Dessa forma, "as identidades se constroem e se negociam por intermédio da relação com a alteridade e com os modelos socioculturais" (ROSA; SANTOS, 2013, p. 52). Para eles, "a diferença entre o mundo real (sic) e o virtual é que, neste, é maior a possibilidade de seleção, omissão e de dissimulação do que será exposto ou publicado" (ROSA; SANTOS, 2013, p. 73). Estes autores estão em sintonia com Nicolaci-da-Costa (2005), ao estudar as identidades virtuais no *Facebook*, afirmando que os usuários acabam por se apresentar no ambiente virtual com identidades variadas, que não são necessariamente suas identidades reais, mas também não se tratam de *avatares*.

[41] A palavra *avatar* é uma manifestação corporal na cultura Hindu. Foi utilizada a partir dos anos 80 para personificar uma determinada pessoa em um jogo de computador.

O diferencial do *Facebook*, em relação às outras redes sociais *online*, e que o fez líder mundial, foi a disponibilização de um mural onde os internautas podem "postar" comentários que são facilmente visualizáveis pelo círculo de amigos do usuário e, dessa forma, possibilitar uma maior interação entre os amigos. Além disso, possibilitou o compartilhamento de informações sobre qualquer assunto, seja um link de uma notícia lida em algum portal ou um vídeo visualizado no *YouTube*. Com a possibilidade de compartilhar, criou-se uma forma de mobilização *online*, muito utilizada por movimentos sociais.

O fato é que as redes sociais, assim como os *blogs*, distribuíram o poder de comunicação e mobilização entre um maior número de pessoas. A comunicação não é mais unilateral, através dos grandes portais de notícias, pois qualquer pessoa pode ser fonte e irradiador de notícia, seja através de um *blog* ou das redes sociais, incluindo o *Twitter*. O sujeito já não é mais mero espectador, mas participante do processo de comunicação. Estamos de acordo com Malini e Antoun (2013, p. 153) quando afirmam que o que se discute hoje é "o poder das mídias irradiadas de massa em relação às mídias distribuídas de multidão. Hoje cada vez mais se explora e se esgarça o confronto entre os veículos da informação massiva e as interfaces da comunicação coletiva". Segundo o autor, com o surgimento da *internet*, principalmente da *web* 2.0, há uma quebra do monopólio da informação, pois qualquer usuário pode se comunicar utilizando a *internet*.

Podemos apontar um exemplo de uso eficiente das redes sociais nas mobilizações. Trata-se do movimento por democracia nos países árabes, mais conhecido como Primavera Árabe, no qual as redes sociais, dentre elas o *Twitter*, tiveram um papel importante na mobilização para as manifestações realizadas no Egito e na Tunísia em 2011. Ao estudar o fenômeno, Lotan et al (2011) apontam que não podemos deixar de ressaltar a evolução que houve em relação ao papel das mídias tradicionais ao cobrir um determinado fato dos atores emergentes que produzem e interpretam as notícias, compartilhando-as no *Twitter* e no *Facebook*. Para os autores, as redes sociais, sobretudo o *Twitter*, possibilitam comunicação

rápida e ágil, qualidades essenciais quando se trata de mobilizar um maior número de pessoas. Marlow (2005), que estudou a dinâmica da comunicação nos *blogs* e redes sociais, descreve como a "contaminação" acontece nessas mídias. Para este autor, as trocas informais entre amigos, familiares e conhecidos desempenham um papel crucial na disseminação de notícias e opinião, por isso a importância das redes sociais na mobilização de uma causa. Obviamente não podemos afirmar que as redes sociais foram sozinhas responsáveis pela mobilização, mas foram importantes no processo de comunicação entre os grupos de revoltosos, devido à própria agilidade da comunicação. No entanto, seria ingenuidade crer que uma mobilização *online* (seja através de um abaixo-assinado via *Avaaz* ou pelo *Facebook*) tenha a força de uma manifestação física, mas cada ferramenta ou instrumento possui uma força que lhe é própria.

Para efetuar com sucesso uma mobilização, seja na *internet* ou fora dela, o importante é abranger um maior número de pessoas. E para isso, quanto maior o número de conexões que a pessoa possui, maior é a força de mobilização de uma rede. Barabási (2009), em obra publicada originalmente em 2002, estudou a questão dos conectores em um sistema de redes. Utilizando a teoria dos Seis Graus de Separação, formulada por Frigyes Karinthy em 1929 e retomada por Stanley Milgram em 1967, Barabási afirma que alguns nós das redes possuem mais conexões do que outros nós. Estes seriam os conectores (*hubs* em inglês), por onde trafegam mais informações do que em outros nós[42]. Nas redes sociais *online* o sistema é o mesmo. Quanto mais contatos o usuário tem em sua rede de amigos, maior é a possibilidade de seus *posts* serem compartilhados e curtidos por um maior número de pessoas.

> A Internet gerou uma mídia livre impulsionada por milhões de blogueiros e fermentada pelas redes sociais. A *internet* se revelou um megaespaço público onde qualquer um tem voz e pode falar por si mesmo. Isto permitiu que os movimentos sociais falem diretamente através de seus manifestantes sem precisar que líderes e porta-vozes sequestrem seus interesses em nome de fanatismos ideológicos e voracidade econômica. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 174).

[42] Sobre isso, ver interessante estudo de Doerr et al (2012) analisando como um boato se espalha nas redes sociais, utilizando um diagrama matemático proposto por Réka & Barabási (2002).

No *Facebook* quando você curte ou compartilha um determinado conteúdo de um amigo, você está dando aval àquele conteúdo. Este tipo de ação transformou a forma como as pessoas lidavam com as redes sociais. A interação entre as histórias e as pessoas passa a ser transversal e não linear e possibilita trabalhar o conteúdo em forma de cadeias de informações. No entanto, essa interação depende da apropriação das redes sociais pelos sujeitos, pois, segundo Recuero (2009, p. 25), “Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

Quando estudamos as redes sociais não podemos deixar de falar sobre a questão do público e do privado. Conforme vimos anteriormente, no capítulo sobre os rastros digitais, ao postar informações na *internet*, seja através das redes sociais, seja através de *blogs* ou *sites*, essa informação fica disponível para acesso por qualquer pessoa. Às vezes, muitas pessoas não têm consciência de que a *internet* é pública e que, portanto, não existe diferença entre o que é privacidade ou falta de privacidade. Em maio de 2011, o cantor Ed Motta causou polêmica ao postar comentários ofensivos a mulheres e a alguns músicos no *Facebook*. Na ocasião, ao justificar os seus comentários, disse ao jornal Folha de São Paulo que “que não sabia que seu perfil no *Facebook* estava aberto ao público” (PRETO, 2011). Essa é uma questão que sempre aparece quando está em pauta a privacidade na *internet*, mas, nomeadamente nas redes sociais, porque as pessoas não têm consciência de que o que postam pode ser consultado por qualquer pessoa. Na teoria, só tem acesso ao perfil e, portanto ao conteúdo postado, aquela pessoa que pertence ao grupo de amigos do usuário, se assim for a sua opção de privacidade. No entanto, na prática, o *Facebook* permite que qualquer conteúdo que for curtido ou compartilhado por seus amigos possa ser visualizado pelos amigos dos seus amigos. Dessa forma, uma informação postada “em privado” poderá ser visualizada e compartilhada por qualquer pessoa que tenha perfil na rede social, desde que ela seja compartilhada. E quanto maior o número de compartilhamento, maior será a probabilidade do conteúdo ser conhecido fora da sua rede de amigos.

Em 2011, com a polêmica da disponibilização das fotos da atriz Carolina Dieckmann na *internet*, surgiu uma discussão sobre o fim da privacidade na internet[43]. Segundo Palfrey e Gasser (2011), possivelmente a privacidade, tal qual a conhecemos, não é mais a mesma depois do advento da *internet* e que a distinção entre o público e o privado está cada vez mais confusa. No entanto, sabemos que com a *internet* cada vez mais o privado deixa de ser privado e torna-se público, pois uma linha tênue separa essas duas distinções. O que postamos nas redes sociais já não é mais de foro íntimo, mas é passível de ser curtido e compartilhado pelos nossos amigos e consequentemente por toda a rede. E a ideia é justamente essa: mostrar como você é popular. Nesse sentido, Flusser (2008, p. 47) recorre a uma analogia da tecla de um equipamento (máquina ou computador) para definir a diferença entre público e privado. Para este autor existem dois tipos de teclas: "o primeiro emite, o segundo recebe. O primeiro publica o privado, o segundo privatiza o público. E ambos os tipos estão sincronizados". Para o autor, a distinção entre as teclas emissoras, no escopo privado, e teclas receptoras, no escopo público, é superficial e não definitiva. Ele vaticina que no futuro, com o avanço da informática, a sociedade seria composta de tateadores de teclas em busca de informações novas. Estamos caminhando para uma situação que é ele chama de cibernetizada, e que a sociedade atualmente está repleta de indivíduos dispersados, aqueles que não enxergam distinção entre o "dentro" (privado) e o "fora" (público). Nesse caso, a dispersão "seria resultado da busca geral de felicidade: imagens nos tornariam mais e mais felizes, porque nos dispersam e nos divertem sempre mais perfeitamente" (FLUSSER, 2008, p. 93). Sobre esta questão Sibilia (2008) afirma que cada vez mais ocorre a privatização dos espaços públicos e a publicização do privado, tendo a *internet* um papel fundamental em tornar o cotidiano um espetáculo midiático. Para Garde-Hansen (2009), as redes sociais projetam espaços de desinibição e seria ingenuidade achar que os usuários das redes sociais não têm consciência de como ficam vulneráveis ao postar fotos e textos para os amigos. No entanto, é preciso não demonizar o papel da *internet* na superexposição das

[43] Em dezembro de 2012 foi sancionada a Lei nº 12.737 de 2012, chamada Lei "Carolina Dieckmann" que, entre outras coisas, torna crime a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares.

pessoas. A *internet* nada mais é do que um reflexo das mudanças na sociedade, cada vez mais acelerada, conectada e vigiada.

3.2 Lembrar e esquecer no *Facebook*: análise do material coletado

Quem são esses jovens?

Em primeiro lugar, gostaríamos de caracterizar o perfil desse grupo de jovens que escolhemos acompanhar no *Facebook*. Ao fim do acompanhamento virtual, em março de 2012, aplicamos um questionário aos jovens do grupo para entendermos o perfil e o uso da internet e do *Facebook* (Anexo II).

No grupo selecionado predomina o sexo feminino, com 65% do total de entrevistados, e na faixa etária de 15 a 19 anos com 55% do total. Em relação à distribuição nos estados brasileiros, a amostragem abrange somente os estados da região Sudeste e Sul, sendo que o estado em que concentra maior número de pessoas é o estado de Minas Gerais com 13 pessoas, em seguida vem o estado de São Paulo com 8 jovens, o estado do Rio de Janeiro com 7 jovens e Santa Catarina com 3 jovens. Em relação à ocupação principal, 45% afirmou que só estuda, 42% estuda e trabalha e 13% só trabalha. Dentre aqueles que são estudantes, a maior parte está cursando uma universidade (43%). Em relação ao uso da internet, 58% respondeu que teve o primeiro acesso entre os 6 e os 10 anos, enquanto que 42% acessou entre os 11 e 17 anos. Em relação ao local, podemos verificar que a maioria teve acesso em sua própria residência (45%) ou na escola (26%).

Na terceira pergunta o objetivo era verificar com que frequência os jovens acessavam a *internet*. Embora houvesse sete alternativas de respostas, podemos verificar, no gráfico 9, que os jovens se dividem em 3 grupos: aqueles que se conectam todos os dias (80%), os que ficam o dia inteiro conectados (13%) e aqueles que entram dia sim, dia não (6%). O fato das respostas ter se concentrado em uma frequência maior de assiduidade deve-se ao fato de termos escolhido jovens com grande presença no *Facebook*. Este perfil era necessário para podermos efetuar uma análise do material postado.

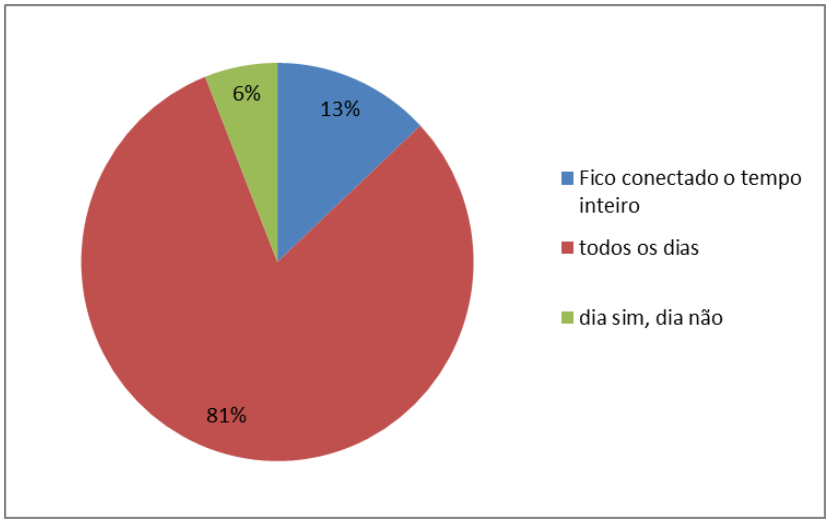

Gráfico 9 – Frequência de acesso à *internet*
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo II

Para entender como os jovens pesquisados utilizam a *internet*, efetuamos a pergunta nº 4 que permitia resposta múltipla. No gráfico 10 podemos notar que 97% dos jovens respondeu que utiliza a *internet* para acessar as redes sociais, dado superior ao número de acessos para enviar *e-mails* (58%), que se encontra na sexta posição de preferência dos jovens. Este dado corrobora o que afirmamos no capítulo anterior sobre o fim do uso do *e-mail* como forma de comunicação entre os nativos digitais. É sintomático que os jovens usem cada vez menos o *e-mail* e mais as redes sociais. Para nós, imigrantes digitais, talvez seja impensável que o *e-mail* possa ser substituído por outras formas de comunicação na *internet*, mas para esta nova geração de nativos digitais o e-*mail* é um aplicativo em processo de extinção.

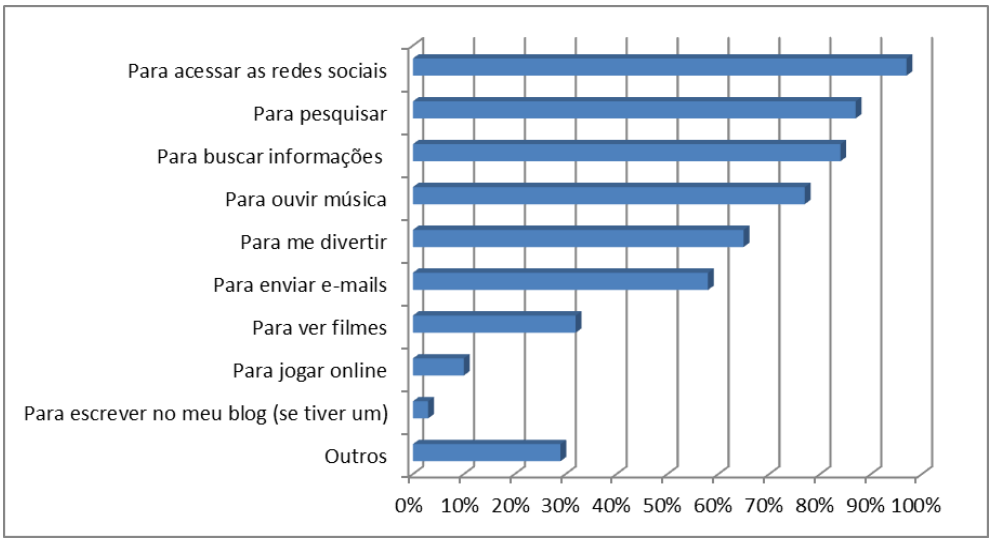

Gráfico 10 – Uso da *internet*
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do Facebook – Anexo II

Um dos objetivos do questionário era entender como os jovens pesquisados utilizam a *internet* como meio de comunicação, na troca de mensagens com amigos. Para isso disponibilizamos a questão número 5, onde eles deveriam marcar a frequência de troca de mensagens em cada meio de comunicação. De todas as respostas que foram disponibilizadas (ver Anexo II), a maior porcentagem de troca de mensagens diárias é feita através do *Facebook*, com 73% das respostas, seguida pelo e-mail com 62% e o *MSN* com 42%. Estes números vieram ratificar a informação já dita anteriormente que a troca de mensagens pelo *Facebook* (através do sistema de bate-papo ou nas mensagens privadas) é maior nos jovens nativos digitais do que o uso do *e-mail* e do *MSN*.

Em relação ao tempo em que possuem conta no *Facebook*, 61% marcou a resposta há mais de 12 meses, seguida da resposta mais de 24 meses, com 23% das respostas. Como podemos ver esses jovens utilizam a rede social já há algum tempo, demonstrando desenvoltura com a mesma. A pergunta número 9 dizia a frequência de uso do *Facebook*, no gráfico 11 podemos notar que 61% acessa todos os dias, seguido de quem fica conectado o tempo inteiro com 19% das respostas. Interessante notar que somente 3% desses jovens utiliza uma vez por semana. Trata-se de jovens com alto índice de uso do *Facebook*, seja postando, lendo ou comentando registros dos amigos.

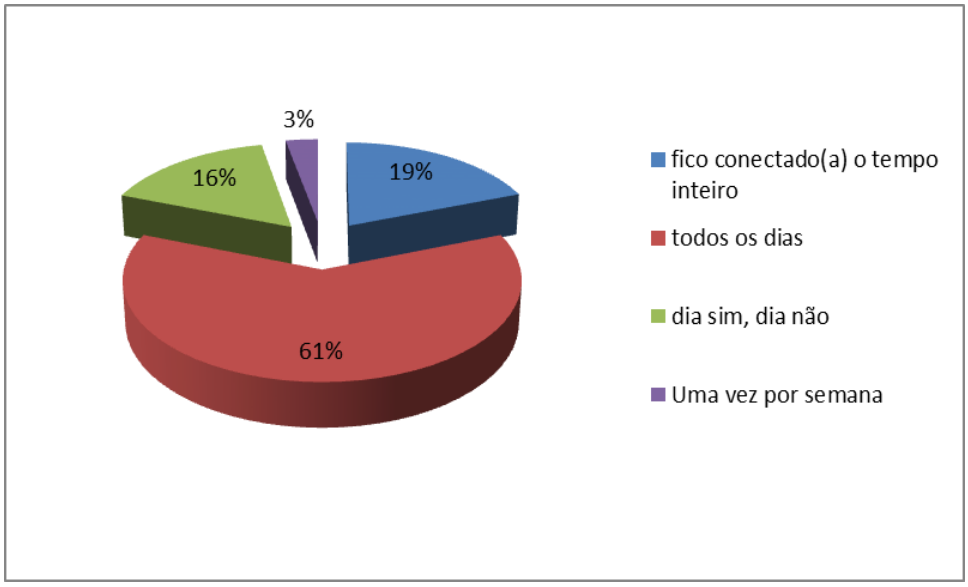

Gráfico 11 – Frequência no *Facebook*
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo II

Um de nossos objetivos, ao aplicar o questionário aos jovens pesquisados, era verificar o uso do *Facebook*, mas também de outras redes sociais. Escolhemos o *Orkut* para fazer um comparativo, pois ele já foi líder nas redes sociais no Brasil. Sobre o *Orkut*, 52% respondeu que possui o perfil, mas não usa mais, 32% disse que tinha o perfil e o cancelou, 13% usa esporadicamente e somente 3% ainda usa frequentemente a rede social. Embora a amostra da pesquisa não seja grande, pois nosso objetivo não era fazer uma pesquisa quantitativa, mas agregar atributos à nossa pesquisa qualitativa, é sintomático que apenas 16% dos jovens ainda use o *Orkut*, ou seja, estes jovens mantêm as duas contas nas redes sociais, mas preferem o *Facebook* no seu dia a dia.

Da mesma forma que procedemos com a pesquisa dos jovens nativos digitais de Juiz de Fora, a partir das perguntas 6 e 10 do questionário respondido pelo grupo de controle da pesquisa, podemos dividir o mesmo em dois grupos. Um grupo que estamos chamando de proativos e um grupo de reativos. Chamamos de proativos aqueles jovens que usam intensamente o *Facebook*, principalmente como meio para uma determinada mobilização. Nesse caso, o *Facebook* é uma grande mídia de comunicação, na qual se pode divulgar o próprio *blog* e alimentar sua rede de mobilização. No segundo grupo, encontramos os reativos. Nesse grupo estão aqueles que não podem prescindir do *Facebook* no seu dia a dia. Normalmente

se conectam com mais assiduidade e transformam a rede social num espaço não somente de relato do cotidiano, mas de comunicação com seus amigos.

O que os jovens postam no *Facebook*?

Quando a pessoa se conecta ao *Facebook*, a primeira coisa que aparece é a pergunta “No que você está pensando?”. A motivação principal é sempre descrever o que estamos pensando e sentindo naquele momento. Nesse sentido, a ideia da rede social é transformar-se numa espécie de diário virtual, em que cada passo de nossa existência é registrado: se vamos ao dentista, se nasceu nosso filho, em qual cidade gozamos nossas férias, o que vamos comer no almoço (com a foto do prato, claro) e todas as nossas conquistas. A ideia é fazer com que as pessoas fiquem o tempo todo conectadas, não somente para atualizar o seu perfil, mas para ler o que outros postam e ficar por dentro do que está acontecendo no mundo, na *internet* e fora dela. Além de um certo *voyeurismo*, as redes sociais possibilitam uma imersão no cotidiano das pessoas. Da mesma forma que em registros de história de vida o que passamos é sempre o melhor de nós mesmos, a nossa persona social. Conforme vimos no item anterior, o que está registrado não é a nossa personalidade, mas o que queremos que os outros saibam de nós.

Efetuamos um acompanhamento *online* com os jovens durante o mês de março de 2012. O total de conteúdo postado durante o mês de março foi de 1369 registros, que dividimos em três ações básicas: curtir, compartilhar e postar (vide listagem Anexo IV)[44]. Além do tipo de ação, cada conteúdo recebeu uma classificação por assunto (a partir de uma lista com 39 assuntos) e por formato, sendo seis formatos: texto, imagem, vídeo, áudio, *link* e página do próprio *Facebook*. O objetivo da classificação era analisar os conteúdos postados pelos jovens, entender que tipo de material eles postam e quais os caminhos que a pesquisa deveria trilhar em sua segunda fase.

[44] Fizemos um acompanhamento virtual dos jovens no período de outubro a dezembro de 2012, no entanto, os resultados obtidos foram muito similares aos obtidos no projeto-piloto.

Em primeiro lugar, gostaria de dar alguns exemplos do que os jovens postam. No *Facebook* proliferam comentários, anúncios e as mesmas diversas formas de desabafos. Para categorizar por assunto, tivemos que analisar cada tipo de conteúdo, não somente pela forma, mas pelo significado do conteúdo. Um exemplo é o *post* abaixo, onde um dos jovens faz uma análise de como o tempo está passando:

> Eu fico pensando às vezes, como o tempo é...
> Eu tenho 15 anos, sou o mais novo sempre...
> Eu fico vendo que sou muito responsável por já ter vivido o que vivi e ainda ter 15 anos...
> Esse posso afirmar que foi um ano de muitos aprendizados, um ano que vivi esperando e não me arrependi! Quem espera, quando alcança fica muito feliz, encontra a felicidade em sua perseverança, na sua escolha única. Para que viver em um mundo de várias escolhas. Tendo várias a chance de errar é maior, vai no simples, no óbvio, no que VOCÊ ACHA CORRETO, na sua verdade. TUDO BEM SIMPLES, TUDO NATURAL...
> Fiz isso nesse meu ano 15. Tenho do dia 5 até o dia 14 o "privilégio" de ser o único aluno na classe com 15 anos. Isso me fez um pouco PENSATIVO. Vou formar nesse ano, essa fase vai acabar... E ainda tenho a idade de meus colegas quando entraram no ensino médio.
> Esse TEMPO, essa invenção do homem às vezes nos atrapalha...
> Ano 15, contagem regressiva:
> 10
> 9
> 8
> 6 . Postado por J.C.C.[45], 15 anos, no dia 8 de março de 2012.

Conforme podemos verificar no gráfico 12 em relação ao formato da ação, durante o mês de março os jovens pesquisados manipularam 1369 tópicos, sendo que o maior número de ações de compartilhamento, de *posts* ou de curtição foram com imagens (495 ocorrências), seguida de textos (486 ocorrências).

[45] Optamos por não identificar os jovens, para resguardar a privacidade dos mesmos.

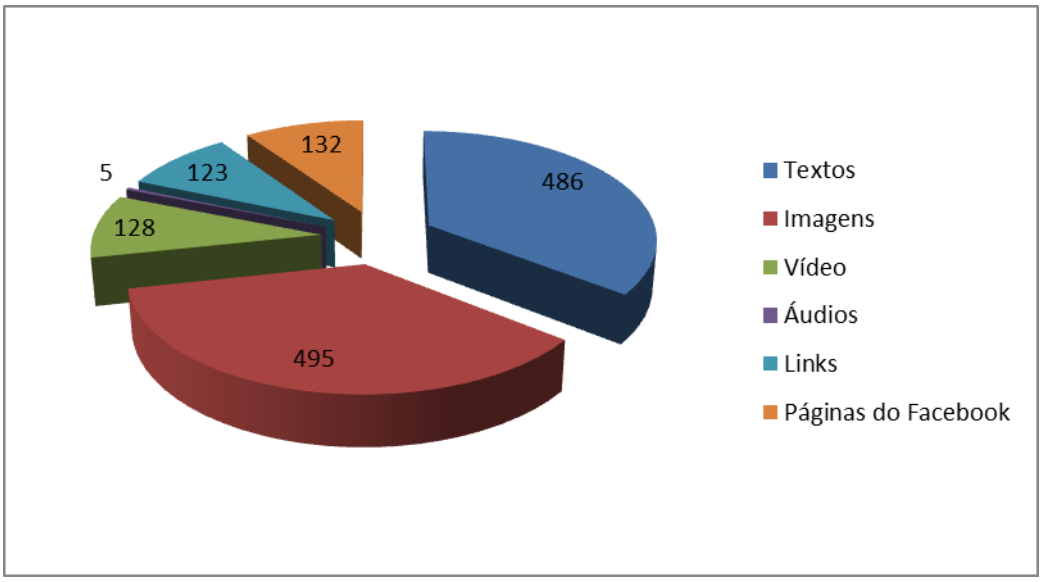

Gráfico 12 – Números dos formatos das ações
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo II

Em relação ao tipo de ação, vemos no gráfico 13 que postar conteúdo é a ação mais realizada pelos jovens com um total de 743 ocorrências, seguida do compartilhamento com 487 ocorrências. Podemos notar que a opção curtir é a menos utilizada pelos jovens, num total de 139[46]. A partir desses dados podemos analisar que o desejo de deixar sua marca, postando uma mensagem ou uma foto atrai mais os jovens do que compartilhar ou curtir um *post* alheio. E há ainda aqueles que curtem o próprio *post*, em uma espécie de narcisimo.

[46] Infelizmente não há possibilidade de resgatar a opção curtir quando ela é feita em relação a comentários de outras pessoas e sim quando a ação é realizada sobre uma determinada página do *Facebook*.

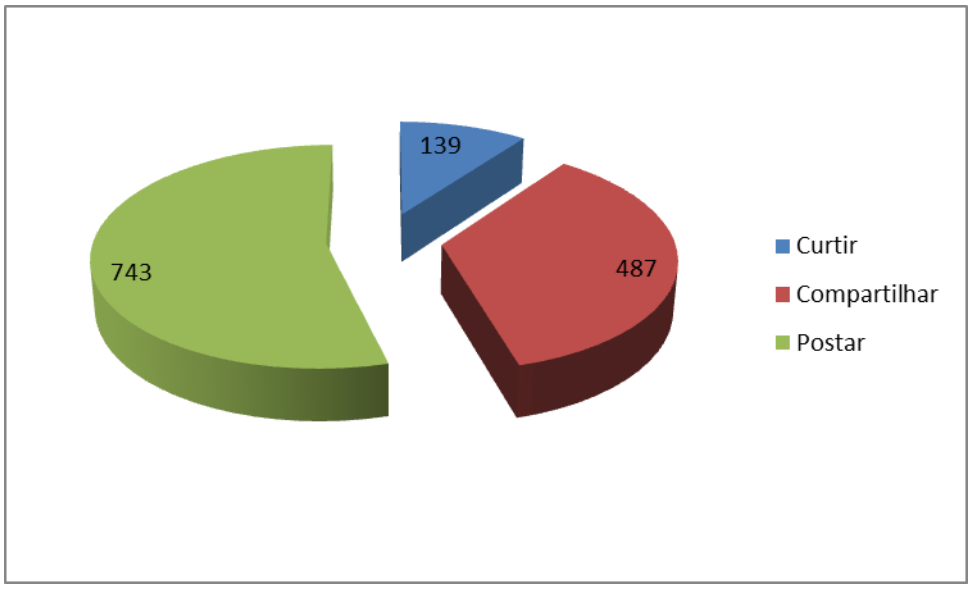

Gráfico 13 – Ações no *Facebook*
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* - Anexo II

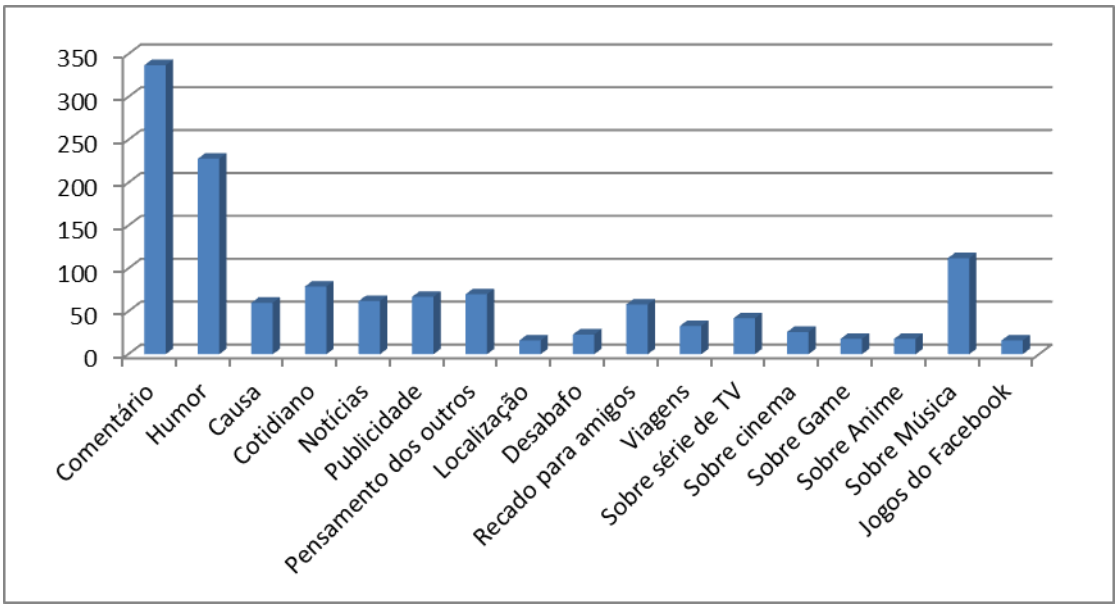

Gráfico 14 – Assuntos mais postados no *Facebook*
Fonte: 1º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo II

Em relação aos assuntos postados, embora tivéssemos uma relação de 39 assuntos, fizemos uma seleção do que foi citado e colocamos no gráfico 14 apenas quando o assunto recebeu mais de 15 registros.

Podemos notar no gráfico 14 que o maior número de registros trata-se de comentários sobre si mesmo, ou pensamento próprio (337 registros). Nesse caso, são

expressões de como a pessoa está se sentindo naquele momento, se está triste, alegre ou se tem alguma novidade para informar aos amigos. É igualmente significativo o número de posts e compartilhamentos de humor, através de imagens ou textos, com um total de 228 registros.

Figura 6 – Charge postada no *Facebook*, em 25/04/2012

3.3 Podemos falar de preservação da memória no *Facebook*?

Para continuar nossa análise sobre os jovens nativos digitais, nos propusemos a aplicar um segundo questionário ao grupo (Anexo III). Dessa vez, nosso objetivo era analisar como os jovens lidavam com questões de preservação de seus registros de memória no *Facebook*.

O segundo questionário deveria ser aplicado a 31 jovens da pesquisa, no entanto, somente 22 deles continuaram com perfil no *Facebook* após o fim da pesquisa. O resultado que apresentamos diz respeito aos jovens que permaneceram no *Facebook* até o período de aplicação do segundo questionário (junho de 2013). A primeira pergunta do questionário era sobre o uso do *Facebook*. Elencamos seis opções para que eles pudessem marcar qual era o uso mais intenso do

Facebook. Das 22 respostas aos questionários, 16 pessoas marcaram como primeira opção o uso do *Facebook* para jogar, sendo seguida pela opção “relatar cotidiano” com 11 respostas.

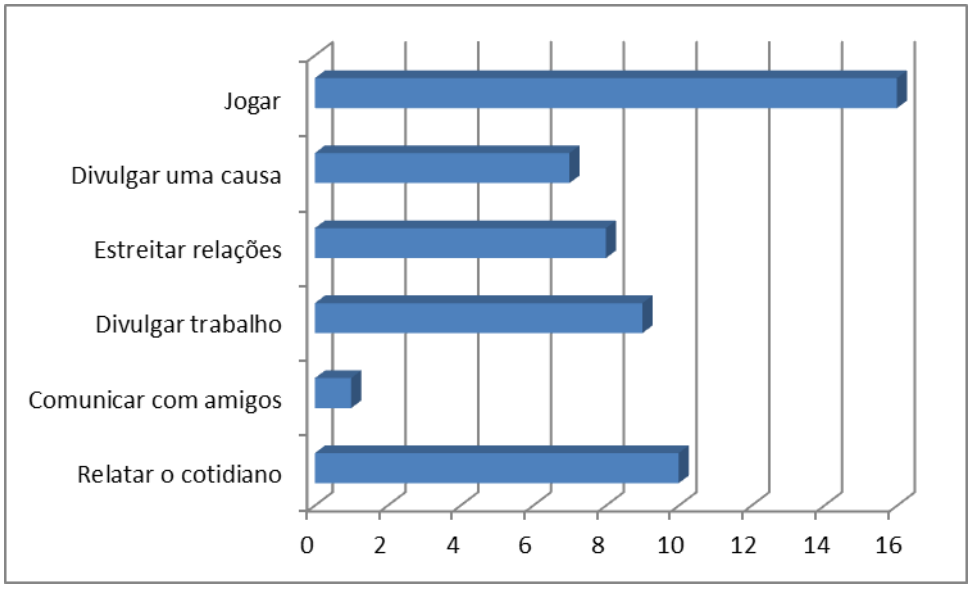

Gráfico 15 – Uso mais intenso do *Facebook*
Fonte: 2º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo III

A segunda pergunta do questionário (Anexo III) diz respeito à frequência de uso do *Facebook*. Nossa intenção era entender se estes jovens aumentaram ou diminuíram a intensidade de uso desde a aplicação do primeiro questionário em março de 2012, até o fim da pesquisa, em junho de 2013. De um total de 22 respostas, 11 pessoas afirmaram que diminuíram a frequência no *Facebook*, seis afirmaram que aumentaram o uso e cinco pessoas continuam com a mesma frequência de uso. Para entender os motivos da mudança (ou não) de hábitos em relação à frequência de uso do *Facebook*, pedimos que os jovens justificassem suas respostas. Muitos deles responderam que intensificaram seu período de estudo por ter entrado em uma universidade ou mudado de emprego, mas alguns falaram sobre o desinteresse pelo *Facebook* devido ao excesso de informações compartilhadas pelos amigos. Em relação ao uso mais intenso, muitos deles justificaram a intensidade por questões de mobilização e uso como meio de comunicação. Listamos abaixo algumas das respostas do uso mais intenso e menos intenso:

Uso menos intenso

> De um tempo para cá tenho utilizado bem menos o *Facebook* porque cada dia mais as pessoas tem escrito coisas inúteis ou vem relatando sua vida diária, descrevendo qualquer atividade que fazem, o que me deixa muito irritada. Por tal motivo só utilizo o *Facebook* para ver notícias diárias da USP, Pró-Reitoria de Pesquisa e coisas relacionadas à Pesquisa, ou trocar mensagens com amigos. M.A.

> Por conta do excesso de informações pessoais compartilhadas, meu interesse pelo *Facebook* caiu bastante. Além disso, tenho percebido a seleção de atualizações feita pelo *Facebook* que aparecem em minha página, o que me incomoda bastante. Por outro lado, o uso para divulgação de eventos e comunicação pessoal continua frequente. I.A.

> Acredito que o *Facebook* tem se tornado chato pelo excessivo número de compartilhamentos de mensagens inúteis e repetitivas. T.M.

Uso mais intenso

> Com a correria do dia a dia, o papo com os amigos se dá através do *Face*, uma vez que, ao final de um dia de trabalho, não estamos dispostos para os encontros físicos. É uma forma de estreitar laços, muitos estão morando em outras cidades, mas mesmo assim conversamos com muita frequência. L.S.

> Em Abril de 2012 criei uma *fanpage* sobre feminismo. Hoje a página “O Machismo Nosso de Cada” dia tem quase 90 mil seguidores e chego a fazer 6 *posts* por dia. Através dessa página já criei dois eventos, um ato contra o projeto de lei Estatuto do Nascituro e outro ato contra o projeto "Cura Gay". Minha militância aumentou muito desde que criei a página e tenho organizado diversos eventos presenciais e utilizado a rede social para divulgar os eventos. M.M.

> Devido a faculdade (que se iniciou em maio de 2013), o *Facebook* tornou-se o principal meio de comunicação entre o pessoal da sala. Por termos muito trabalho, a maioria das notificações de reunião e resultados do trabalho são divulgados em grupos específicos para trabalhos, no *Facebook*. L.M.

A ação mais realizada no *Facebook*, objeto da pergunta 4, teve as seguintes respostas: a maioria jovens se concentrou na opção “Curtir”, com 12 respostas. A segunda opção mais marcada foi “Compartilhar”, com 4 respostas, mas tanto a resposta “Comentar” quanto “Postar” não ficaram muito atrás, com 3 respostas cada. Em relação à linha do tempo, os jovens têm noção de que ela é parte de sua memória. Ao serem perguntados se têm o hábito de consultar o que postam em seus murais e linha do tempo, as resposta ficaram bem divididas, sendo 12 respostas positivas e 10 negativas.

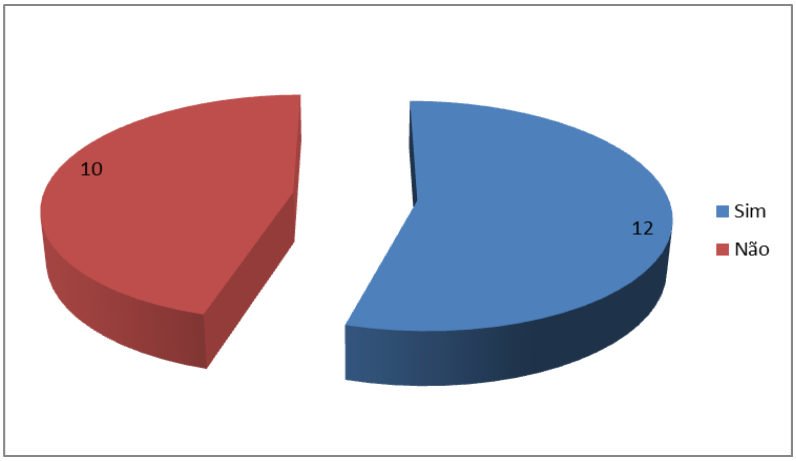

Gráfico 16 – Hábito de consultar que postou
Fonte: 2º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo III

Quando perguntamos se eles apagam os *posts* da linha do tempo, a maioria disse que não apaga (gráfico 17). Ao justificar o porquê de não apagar suas postagens na linha do tempo, a maioria alegou que não havia necessidade de fazê-lo porque a ideia é que o *Facebook* possa armazenar essas informações justamente para podermos consultá-las. Segundo uma das pessoas do grupo, a linha do tempo do Facebook possibilita mostrar quem somos:

> Minha linha do tempo traduz quem sou. Se está lá, no momento teve algo que me motivou a curtir/postar/comentar. L.S.

> Nunca pensei em fazer isso (apagar). Acho importante manter a memória dos posts antigos. Chega a ser engraçado ver o que eu postava quando comecei a usar o *Facebook*. Fora que eu não teria paciência para fazer isso. A.C.

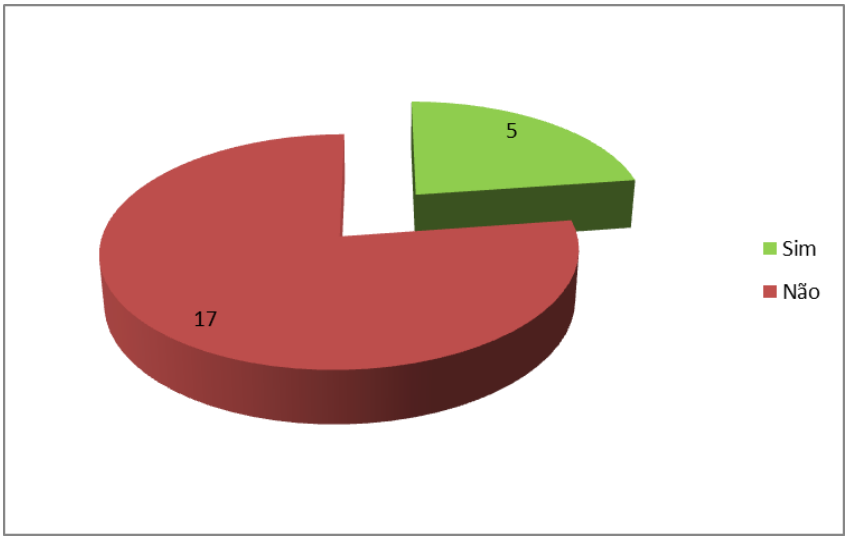

Gráfico 17 – Apaga os *posts* anteriores da linha do tempo
Fonte: 2º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo III

Podemos notar pelos resultados da pesquisa que a Linha do Tempo é uma referência importante para estes jovens. Da mesma forma que a maioria não apaga os *posts* anteriores, esses jovens estão interessados em consultar a linha do tempo de seus amigos. Ao perguntar se eles consultavam a linha do tempo de alguém que acabaram de adicionar ao seu rol de amigos, 15 jovens responderam que sim, e 7 responderam que não, o que demonstra o interesse em consultar esses registros de memória do cotidiano.

Para entender o processo do uso do *Facebook* como espaço de preservação da memória fotográfica dos jovens, elaboramos a seguinte pergunta: Você posta fotos pessoais no *Facebook*? A maioria afirmou que posta suas fotos (19 respostas positivas e 3 negativas). Ao pedirmos para justificarem suas respostas, muitos deles afirmaram que o papel da rede social é justamente divulgar seus registros fotográficos (e no caso, a memória) para seu grupo de amigos. Entre as respostas positivas selecionamos algumas que julgamos interessantes:

> Sim, tenho álbuns meus com diversos temas. Confesso que gostaria de criar mais. Acho interessante que meus amigos possam ver e acompanhar a minha vida através de fotos de eventos do meu cotidiano. J.M.

> Posto fotos da minha gata, lugares que frequento, coisas que vejo na rua, etc. Posto para compartilhar esses momentos com meus amigos do *Facebook*. M.M.

> Uma vez que é uma rede SOCIAL, logicamente formada por pessoas, fotos fazem parte do complemento visual para essa rede. Acho que a foto aumenta sua interação com as pessoas. L. M.

Outra questão que queríamos explorar com os jovens é a compreensão sobre a preservação de suas imagens digitais. Para isso, efetuamos sete perguntas nas quais ele deveria responder qual era a postura frente a esta abordagem. A primeira delas tinha como objetivo entender qual era o equipamento utilizado para fotografar. Somente duas pessoas utilizam câmera fotográfica, exclusivamente para fotografar. A maioria (12) usa, além da câmera fotográfica, celular e *tablet*. Oito jovens somente utilizam o celular para fotografar.

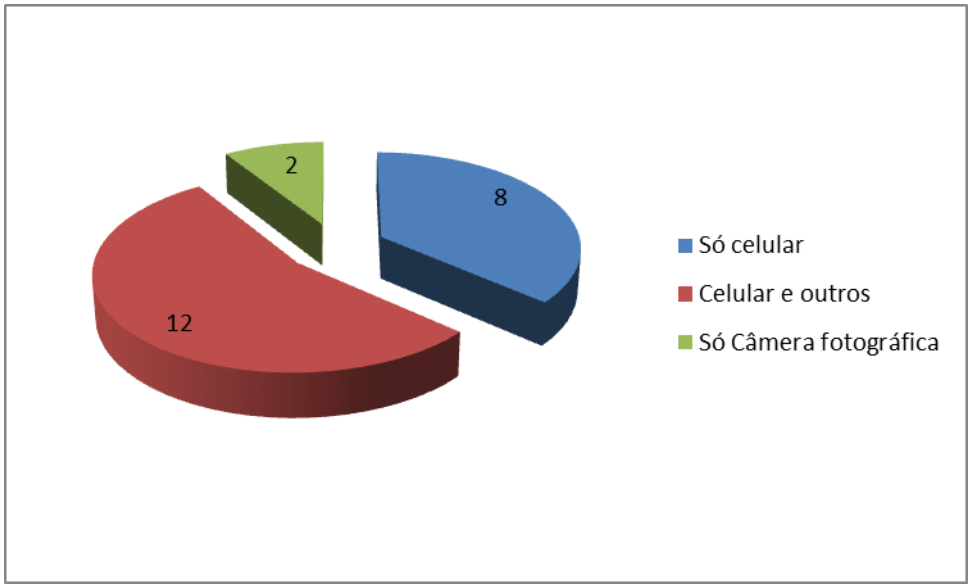

Gráfico 18 – Equipamento utilizado para fotografar
Fonte: 2º Questionário aplicado aos jovens do *Facebook* – Anexo III

Dezenove dos jovens pesquisados postam suas fotos no *Facebook*, apenas três deles disseram que não expõe suas imagens na rede social. Sobre o acesso ao *Facebook*, a maioria dos jovens respondeu que acessa por computador (ou *notebook*, ou *tablet*), num total de 20 respostas, apenas 2 pessoas responderam que acessam somente pelo celular. Selecionamos algumas respostas daqueles que postam suas fotos:

> Uma vez que é uma rede SOCIAL, logicamente formada por pessoas, fotos fazem parte do complemento visual para essa rede. Acho que a foto aumenta sua interação com as pessoas. L. M.

> Não tenho nada a esconder dos meus amigos de *Facebook*, acho bacana postar algumas fotos. A. L.

Quando questionados sobre o que fazem com as fotos, apenas uma jovem disse que faz *backups* de suas fotos digitais logo que descarrega no computador. A maioria respondeu que salva no computador e posta, ou não, no *Facebook*, mas que não faz nenhum tipo de impressão em papel. A maioria respondeu que não faz nenhuma espécie de *backup* de suas fotos digitais (14) e apenas 8 responderam que faz *backup* utilizando *drives* externos. Nenhum deles utiliza *softwares* de *backup*, tais como *Dropbox* ou *Picasaweb*. No entanto, ao serem questionados se salvam alguma foto em que foi marcado no perfil de um amigo, 7 deles responderam que sim, o que demonstra que para estes jovens o fato de salvarem em seu computador estão preservando as imagens. Como o questionário foi aplicado em meio às manifestações que assolaram o país no mês de junho de 2013, foi nosso interesse verificar se os jovens postaram no *Facebook* fotos de suas participações no movimento. Apenas quatro jovens responderam que sim à pergunta, sendo que cinco deles disseram que não participaram das manifestações.

Finalizando o questionário, perguntamos aos jovens o que significava o *Facebook* para eles. O objetivo da pergunta era entender se os jovens têm consciência de que suas memórias são registradas cotidianamente na rede social. Dividimos em dois grupos: os otimistas e os pessimistas. Consideramos 18 respostas otimistas em relação ao papel do *Facebook* e 4 pessimistas. Selecionamos algumas respostas que consideramos bem interessantes:

Otimistas

> Representa uma mesa redonda de amigos que estão distantes fisicamente. Um estreitamento dos fatores externos a favor da continuidade dos relacionamentos, mas não substitui a presença física, apenas apazigua. L.S.

> Atualmente é o meu maior canal de comunicação com o mundo. J. M.

> *Facebook* é uma grande arma de relacionamentos, amizade, divulgação e diversão. É um grande meio da propagação da real informação, sem manipulação da mídia. A. L.

> Um espaço de interação social no qual fortaleço vínculos em geral pessoais, também é uma plataforma na qual tenho a oportunidade de dividir conhecimento e experiências profissionais. G. R.

Pessimistas

> Uma versão nova, aprimorada e modista de um *Orkut*. Nada mais do que pessoas interessadas na vida do próximo. G. M.

> Bom, hoje em dia não significa nada, estou até pensando em desativar. E.D.

> Já fui mais ativa no *Facebook*, mas as mobilizações virtuais não têm me entusiasmado muito. Uso o *Facebook* mais para saber de eventos e ler textos do que para discutir. Tenho a impressão de que o espaço para o debate diminuiu muito e os usuários estão cada vez mais fechados em seus grupos virtuais, sem abertura para discussão. Além disso, a censura e a possível venda de meus dados pessoais pela empresa me fazem pensar em sair da página. I. R.

> É uma ferramenta útil para divulgar ideias e conhecer pessoas. Mas, apesar disso, dá pra fazer um uso bastante superficial e perder muito tempo com isso. J. D.

Conforme pudemos verificar, esses jovens possuem uma postura ambígua em relação ao *Facebook*. Se, por um lado, ressaltam a importância da rede social para a sua sociabilidade, ao mesmo tempo sentem que enquanto espaço de trocas, o aplicativo está esgotando as suas possibilidades, devido ao excesso de compartilhamentos.

4. “O MACHISMO NOSSO DE CADA DIA”: ANÁLISE DA FAN PAGE DE UMA JOVEM NO FACEBOOK

O objetivo desse capítulo é analisar o surgimento e a dinâmica da *fan page* “O machismo nosso de cada dia”, mas também a inserção de uma de suas autoras, a jovem paulistana M.M.[47], nas lutas feministas, a partir de sua vivência de mobilização virtual. Para esta análise iremos trabalhar não somente com os dados das postagens efetuadas na *fan page*, durante o mês de setembro de 2013, e as estatísticas administrativas da página, mas também com uma entrevista realizada com uma de suas criadoras. Não é nossa pretensão esgotar o assunto, mas entender como a dinâmica das redes sociais pode contribuir para ampliar e repercutir as pautas e causas feministas e como os registros desse ativismo é parte da memória da jovem M.M. Mas o que tudo isso tem a ver com a memória dos jovens no *Facebook*, objeto deste estudo? Ao realizar uma entrevista em profundidade com uma das jovens do grupo focal, verificamos que a riqueza de informações obtidas daria um excelente estudo de caso sobre o que os jovens postam nas redes sociais. Assim, ao analisar um caso específico de postagem realizada por uma das jovens da pesquisa, queremos evidenciar o papel das redes sociais como mobilizadoras, mas também como lugares de memória do ciber-ativismo.

Para este estudo a autora da página nos franqueou os dados e relatórios referentes ao mês de setembro e que serão objeto de análise nesse capítulo. Trabalhamos com o conceito de Silveira, que define o ciberativismo como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na *internet*” (SILVEIRA, 2010, p. 31).

[47] M.M. possui atualmente 26 anos, é formada em História, mora sozinha, trabalha em uma editora e possuiu uma namorada que é sua companheira na vida e na militância feminista.

4.1 Surgimento e configuração

> O objetivo não é mais se tornar tão semelhante aos homens quanto possível, mas transformar radicalmente as relações de gênero, projeto político que, por sua vez, requer a superação de todas as formas de desigualdade. (Verena Stolcke)

Com a epígrafe acima, a *fan page* “O Machismo nosso de cada dia” se apresenta como uma página feminista no *Facebook*. Criada em abril de 2012 por um casal de namoradas, ela nasceu de uma atitude machista de uma empresa de publicidade. A ação começou quando as duas jovens fizeram uma intervenção no cartaz de uma publicidade machista do remédio Anador, na estação Belém, do metrô de São Paulo.

Figura 7 – Foto da intervenção em publicidade no metrô Belém em São Paulo.
Fonte: página pessoal no *Facebook* de M.M. em 18/04/2012

Em entrevista, M.M.[48] nos contou como surgiu a ideia da criação da *fan page* feminista no *Facebook*:

> O ato inaugural foi uma propaganda que vimos no metrô do remédio Anador e que estava escrito assim: "O seu cartão de crédito estourou, mas a sua mulher ficou linda". E todo dia eu passava por esta propaganda e ficava muito irritada. Aí eu fiz um cartaz enorme escrito assim: "O machismo nosso de cada dia" e eu e a minha namorada colamos na propaganda, tiramos uma foto e fomos embora. A gente pensou assim: vamos criar uma página no *Facebook* para a gente divulgar essa foto e estimular outras meninas para fazerem intervenções assim também. Aí na mesma semana criamos a página.

Elas fotografaram o cartaz adulterado, publicaram a foto no *Facebook* em seus perfis pessoais e enviaram a foto para uma blogueira feminista, que imediatamente publicou um *post* sobre o assunto em seu *blog*[49]. Através da caixa de comentários do *blog*, várias pessoas se interessaram em criar um grupo de discussão sobre o assunto. Durante a discussão sugeriu-se a criação de uma página no *Facebook* de críticas ao machismo e às publicidades sexistas. Nasceu então a página "O machismo nosso de cada dia". Através dessa página, as jovens postam conteúdo de repúdio ao machismo e outras formas de discriminação à mulher e aos *gays*. Começa então o envolvimento de M.M. com o movimento feminista.

M.M. se diz feminista, mas apenas em 2009 começou a se despertar para a causa feminista:

> Eu acho que eu sempre fui muito questionadora em relação ao sexismo. Na infância, por exemplo, eu questionava muito meus pais sobre a diferença na educação que eles davam para mim e para o meu irmão. Mas eu me descobri feminista mesmo com a Heci, lá no Museu da Pessoa, porque ela me deu de presente "O Segundo Sexo", da Simone de Beauvoir. Isso foi em 2009. Foi aí que eu comecei a me envolver mais, entrava em *blogues*, comecei a ler mais sobre o tema, fiz um curso na USP de Antropologia e Gênero. Aí eu comecei a ir atrás e participei de um projeto no Museu Paulista com propagandas do Mappin sobre a distinção de gênero dentro da propaganda, de 1913 a 1930. Era um envolvimento pessoal. Eu não tinha nenhuma amiga feminista. Eu não conhecia ninguém. Eu tinha uma amiga, a Isabela, que a gente conversava sobre as coisas, só isso.

[48] Entrevista realizada em 12 de setembro de 2013, em São Paulo, na residência da jovem M.M., uma das criadoras da página no *Facebook*.

[49] Informações do *blog* Escreva Lola Escreva. Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/04/tolerancia-zero-para-intolerancia.html?spref=fb. Acesso em: 20/10/2013.

Após a criação da *fan page*, M.M. e sua namorada despertaram para os movimentos feministas na cidade de São Paulo e começaram a participar de coletivos feministas.

> E no mesmo mês, acho que isso foi no começo de abril, duas semanas depois da criação da *fan page*, eu fiquei sabendo pelo *Facebook* que tinha uma reunião das Marchas das Vadias lá na Paulista, para organizar a Marcha de 2012. Aí eu fui sem conhecer ninguém. Eu e a minha namorada, a gente não conhecia ninguém, foi pelo *Facebook* que a gente ficou sabendo e aí a gente entrou para o Coletivo. A gente participou da organização das Marchas das Vadias o ano passado e este ano, e daí começamos nossa militância na causa.

Podemos notar pela sua fala que o envolvimento nos coletivos e nos movimentos feministas só aconteceram após a imersão no feminismo através do gerenciamento da página virtual. E a partir daí, M.M. mergulha no universo da militância feminista, não somente através do *Facebook*, mas presencialmente através dos coletivos. O *Facebook*, nesse caso, foi o detonador do processo de imersão de M.M. na causa feminista. E, para ela, o *Facebook* deixou de ser apenas uma rede de amigos, mas é essencial na comunicação entre seus pares:

> Meu *Facebook* virou praticamente um *mailing* feminista, eu só tenho contato feminista, então é o tempo inteiro na minha *timeline* só coisa feminista, o tempo todo. Hoje é bem mais fácil, eu compartilho muito as coisas que as pessoas gostam. E pelo *Facebook* eu consegui conhecer gente de diversos lugares do Brasil, feministas do sul, de Londrina, feministas da Bahia, de Salvador, que vem para São Paulo e ficam na minha casa. A gente já criou uma rede. No *Facebook* eu participo de mais de 10 grupos feministas. Grupos que as meninas postam para conversar, grupos sem homens para que as meninas se sintam mais seguras, são grupos secretos, só convidados conseguem ver. Eu estou conectada o tempo inteiro. Durante a semana, por exemplo, no trabalho, eu trabalho com o *Facebook* aberto, piscou uma janelinha, alguém veio falar comigo, eu já estou aí ligada.

Lidando com as questões feministas no *Facebook*, mas também no seu dia a dia, no envolvimento com os coletivos, M.M. vê mudar a sua forma de ver o feminismo e analisa que ele sofreu alterações durante este período. Hoje, ela se enxerga uma feminista mais radical do que era no início do processo, mas alerta para a necessidade de ser moderada quando se administra uma página com tantos seguidores:

> Já faz mais de um ano que eu tenho a página, a minha cabeça, o meu feminismo mudou muito. Eu acho que hoje eu sou uma feminista muito mais radical, mas na página tenho que ser totalmente moderada, ser um feminismo mais palatável para as pessoas, se eu publico uma coisa mais radical eu já sou criticada. Por exemplo, esta semana saiu a notícia da

> Diana, caçadora de motoristas, que é uma mulher em Juarez, no México, que assassinou dois motoristas que agrediram colegas dela. Ela se vingou e matou os caras. E eu publiquei assim na nossa página: “Todo nosso apoio a Diana, caçadora de motoristas”. Eu comecei a receber um monte de mensagens, denúncias no Ministério Público, na Polícia Federal, no Safernet, no *Facebook*, as pessoas me mandando mensagens assim: “Vocês vão ser processadas, isso é apologia ao crime”, mandando o código do protocolo da denúncia. Então tem que tomar muito cuidado com o que fala. Na verdade, eu não estou incentivando o crime, estou falando assim: “Olha, a que ponto chegamos, estamos tendo que fazer justiça com as próprias mãos porque o Estado não dá conta”.

No entendimento de M.M., os movimentos feministas no Brasil estão crescendo e surgem cada vez mais grupos e coletivos interessados em discutir a temática da violência contra a mulher, pela legalização do aborto e pela pressão ao legislativo federal com o objetivo de aprovar leis que favoreçam a mulher.

> Eu ainda não sei explicar o porquê, mas eu acho tem crescido muito o feminismo jovem no Brasil, as mulheres têm falado muito mais sobre isso. A gente tem falado muito sobre assédio, está tudo mundo cansado de sofrer assédio, não importa aonde: na academia, dentro de casa, no trabalho. As pessoas estão passando a reconhecer mais os tipos de violência doméstica, não só violência física, violência psicológica também, violência patrimonial. Mas eu não sei explicar porque as mulheres estão se despertando tanto para isso de três anos para cá. Eu acho que esse *boom* foi, principalmente, com a Marcha das Vadias, que no Brasil a primeira foi em 2011. Mas ainda é um pouco anterior. O blog Blogueiras Feministas surgiu em 2009, por causa da candidatura da Dilma, quando começaram várias discussões e as pessoas estavam fazendo vários comentários machistas sobre mulheres na política e tinha a temática do aborto, que a Dilma teve que assinar a carta se comprometendo a não legalizar o aborto. As meninas criaram o blog por causa da candidatura da Dilma porque elas queriam escrever sobre isso. Isso foi em 2009, que também foi o período em que o blog da Lola começou a fazer sucesso, então é nesse período assim. 2009, 2010 para cá que o feminismo jovem tem crescido muito.

Embora a página seja muito voltada ao público brasileiro, a *fan page* possui 973 pessoas que residem em Portugal que curtiram a página e que se interessam pelo conteúdo. Além disso, embora seja uma página com conteúdo exclusivo em língua portuguesa, podemos verificar pelo gráfico nº 19 que o número de fãs em outras línguas é considerável. No gráfico 19 verificamos também que São Paulo é a cidade com maior número de fãs da página, seguida pela cidade do Rio de Janeiro.

Geografia e idiomas

A localização aproximada das pessoas que curtiram sua Página e suas configurações padrão de idioma.

País	Número de fãs	Cidade	Número de fãs	Idioma	Número de fãs
Brasil	106.972	São Paulo, Brazil	16.955	Português (Brasil)	99.586
Portugal	973	Rio de Janeiro, Brazil	7.511	Inglês (EUA)	5.587
Espanha	480	Brasília, Distrito Federal, ...	4.148	Inglês (Reino Unido)	1.767
Estados Unidos da América	379	Salvador, Bahia, Brazil	3.292	Português (Portugal)	1.424
Argentina	322	Belo Horizonte, Minas Ger...	3.261	Espanhol	1.156
México	230	Porto Alegre, Rio Grande ...	3.095	Francês (França)	525
França	173	Curitiba, Parana, Brazil	2.798	Espanhol (Espanha)	489
Reino Unido	154	Fortaleza, Ceara, Brazil	2.537	Italiano	190
Alemanha	139	Recife, Pernambuco, Brazil	2.250	Galego	148
Itália	124	Goiânia, Goias, Brazil	1.715	Alemão	132

Gráfico 19 – Localização dos fãs
Fonte: *fan page* “O machismo nosso de cada dia”

O público da *fan page* está distribuído da seguinte forma: 83% são mulheres, predominando as mulheres jovens, sendo 40% delas com idades variando entre 18 a 24 anos, e 23% com idades variando entre 25 e 34 anos. A faixa etária de 18 a 24 corresponde ao perfil explicitado por M.M. em sua entrevista, na qual ressalta o interesse cada vez maior de jovens em buscar informação sobre o feminismo na *internet*. Conforme podemos verificar no gráfico 20, embora o público feminino seja em maior número, podemos verificar que 17% são homens e também na faixa de jovens entre 18 a 24 anos. Isso demonstra que, embora em menor número, os homens também se interessam pelas causas feministas.

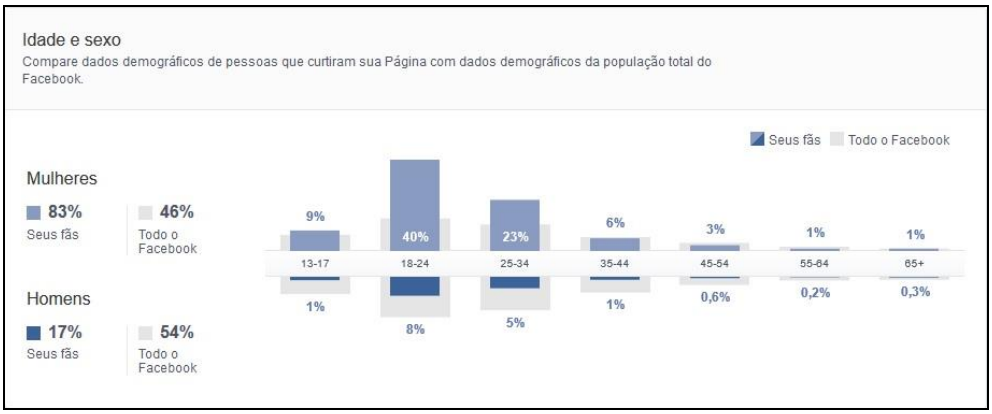

Gráfico 20 – Quadro comparativo: gênero dos fãs
Fonte: *fan page* “O machismo nosso de cada dia”

4.2 Análise do conteúdo

Embora tenha começado de uma forma tímida, a *fan page* “O machismo nosso de cada dia” possui atualmente mais de 129 mil seguidores, tornando-se a segunda página feminista brasileira com maior público no *Facebook*. As postagens são diárias e obedecem a dois critérios: a pauta em discussão no momento, que pode ser um evento ou uma mobilização, e as matérias “frias” sobre o feminismo ou causas correlatas, tais como racismo, homofobia, discussão sobre gênero, etc. Não há, no entanto, um critério rigoroso de postagem. Há dias que são feitas até seis postagens e há dias em que nenhuma postagem acontece. A média, no entanto, é de três postagens diárias.

Através da figura 7 apresentamos um tipo clássico de postagem feita pela *fan page*. Trata-se de uma frase, já muito conhecida no meio feminista, e que foi divulgado juntamente com um desenho para chamar a atenção do público da *fan page*. Este cartaz, produzido pelas autoras para marcar o dia internacional contra a violência de gênero é atualmente o que teve o maior número de compartilhamentos (52 mil compartilhamentos), além de 2.864 curtidas e 187 comentários. Ao analisar o porquê do sucesso do *post*, podemos verificar que se

trata de um tema não tão polêmico e que tem ganhado cada vez mais espaço na mídia: a violência contra a mulher.

Figura 8 – *Post* compartilhado pela *fan page* em 25/11/2012
Fonte: "O machismo nosso de cada dia"

Durante todo o mês de setembro de 2013 acompanhamos as postagens efetuadas pela *fan page* e nos propomos a analisar o tipo de conteúdo postado e a reação dos internautas ao material divulgado. Nesse período as autoras publicaram um total de 100 *posts* sobre os mais variados assuntos, com ênfase para a discussão sobre a descriminalização do aborto, com 17 postagens. Podemos verificar, no gráfico 21, que de um total de 66 principais assuntos dos *posts*, a distribuição dos temas são é a seguinte: 17 posts sobre o aborto, 14 sobre a imagem da mulher e 13 sobre estupro. Ao analisarmos o número maior de postagens sobre Estupro e Aborto podemos verificar que dois fatores foram fundamentais para este número: o reinício do julgamento da Banda *New Hit*[50], o que elevou o número de postagens sobre o assunto Estupro, e o Dia Latino-Americano e Caribenho de Luta pela Descriminalização do Aborto, comemorado

[50] Os 10 integrantes da Banda New Hit, uma banda de pagode, foram acusados em agosto de 2012 pelo estupro de duas adolescentes que estavam no ônibus da banda durante turnê na Bahia. O julgamento dos integrantes, que se encontram atualmente presos, foi destaque no mês de setembro de 2013 quando aconteceram algumas audiências do processo.

no dia 28/09. Além disso, são dois grandes temas priorizados pela *fan page*, no seu dia a dia.

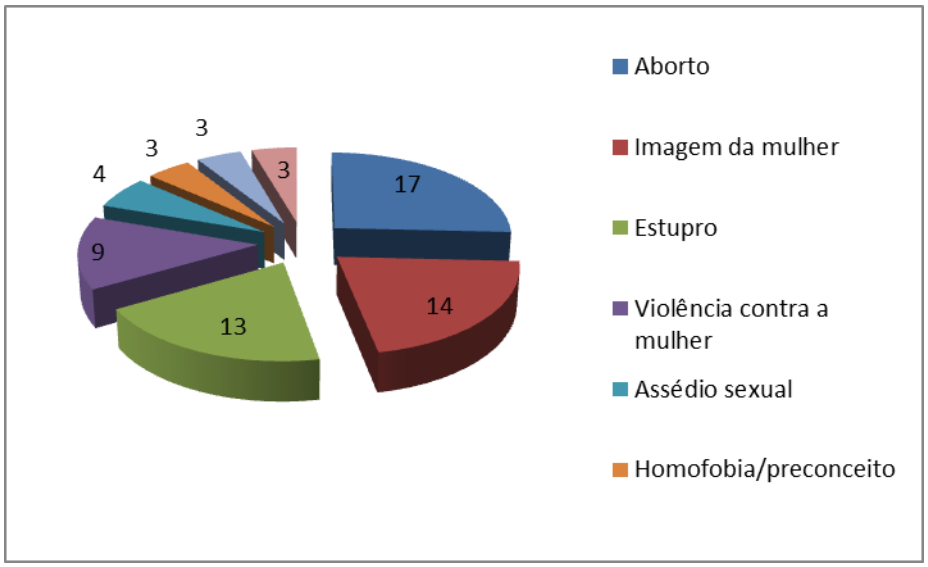

Gráfico 21 – Postagens do mês de setembro
Fonte: *fan page* "O machismo nosso de cada dia"

Durante o mês de setembro de 2013 a *fan page* teve um total de 38.074 *posts* compartilhados, com média de 423 compartilhamentos por *post*. Além disso, teve 88.137 "curtidas", tendo uma média de 979 "curtidas" por *post* e 4.303 comentários, com média de 47 comentários por *post*.

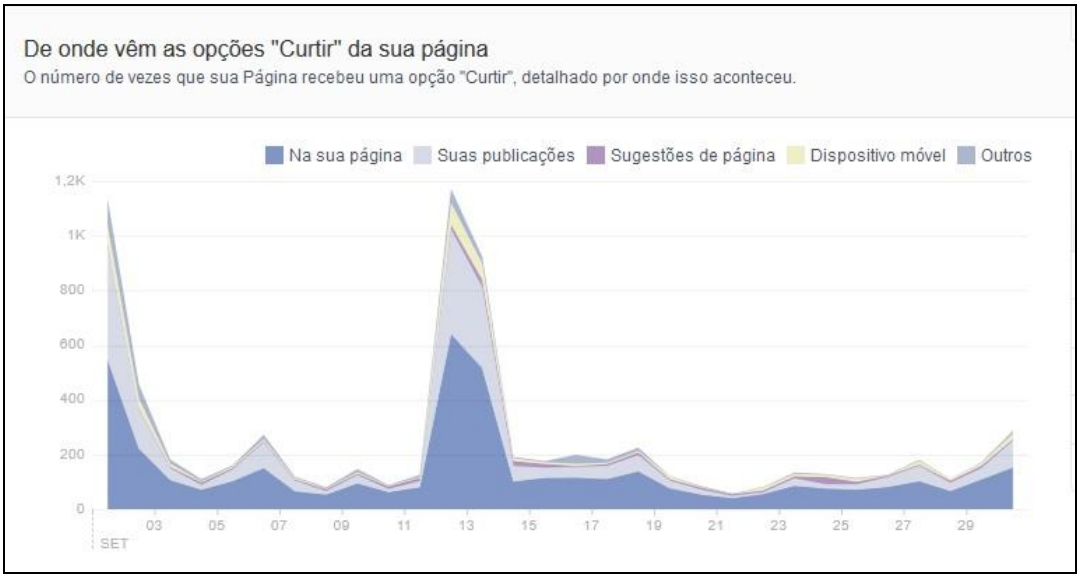

Gráfico 22 – Pico do "curtir" durante mês de setembro
Fonte: *fan page* "O machismo nosso de cada dia"

Conforme podemos ver no gráfico 22, a *fan page* teve dois picos de audiência durante o mês de setembro, no início do mês e no dia 13, quando os internautas “curtiram” mais o conteúdo postado.

Para entendermos o pico de audiência da página, verificamos o que foi postado nesses dias. O *post* mais compartilhado, comentado, e que teve maior número de curtidas no mês de setembro, foi um *post* sobre a igualdade de gêneros, publicado justamente no dia 1º de setembro. Trata-se de uma reprodução de uma postagem de um perfil de uma jovem no *Facebook* sobre um garoto que, ao ter que engessar o braço, pediu que ele fosse cor de rosa. Esse fato aconteceu nos Estados Unidos, em outubro, período da campanha “Outubro Rosa”, alertando para o combate ao câncer de mama e cuja cor símbolo, o rosa, foi compartilhado pela *fan page*. O *post* da *fan page* teve um total de 9.526 compartilhamentos, 17.428 “curtidas” e rendeu 547 comentários. Nesse caso, muitos comentários foram respostas a outros comentários postados por pessoas que não gostaram ou questionaram o *post*. Esse procedimento é muito comum na página, fãs respondem a outros fãs através da caixa de comentários.

Figura 9 – *Post* mais comentado e compartilhado do mês de setembro, publicado 01/09/2013
Fonte: *fan page* “O machismo nosso de cada dia”

Em relação ao dia 13, o *post* mais “curtido” foi sobre bruxaria, o que destoa um pouco do perfil dos usuários da página. Este *post* teve um total de 2.690 “curtidas”, mas somou-se a outros dois *posts* publicados no dia e que tiveram grande aceitação entre o público. Um deles era sobre a diferença de gênero e outro sobre a imagem da mulher. A somatória dos três *posts* trouxe grande audiência para a página no dia 13/09, totalizando 6061 “curtidas”.

Coincidindo com o número de “curtidas”, a visualização da *fan page* no mês de setembro teve dois grandes picos, no início do mês e no dia 13/09, conforme podemos verificar no gráfico 23.

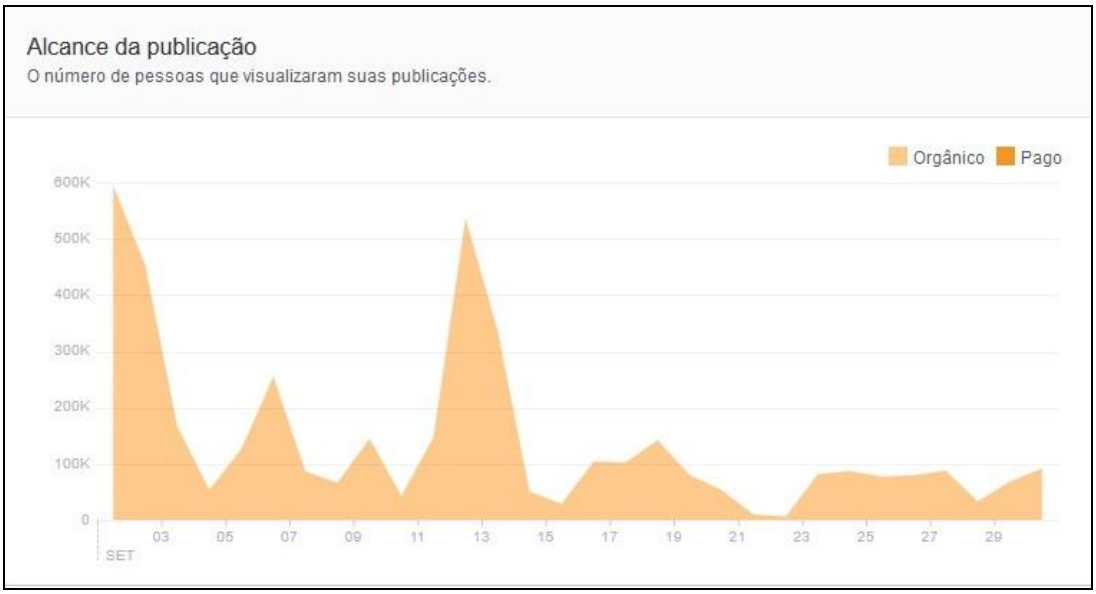

Gráfico 23 – Alcance da publicação
Fonte: *fan page* “O machismo nosso de cada dia”

Analisando os dados e as informações disponíveis na *fan page*, queríamos também verificar a questão da rejeição da página como um todo, ou de algum *post* específico. Embora com alguns *posts* polêmicos, tais como o citado por M.M. sobre a Diana, a caçadora, a *fan page* possui uma baixa rejeição pelo público. Como podemos verificar no gráfico 24, o maior número de ações “negativas” dos fãs, no mês de setembro, é a de desfazer o “curtir” de determinado conteúdo ou da página. O número de denúncias como *spam* é baixo, levando-se em consideração o teor de alguns *posts* que geram polêmica entre os fãs.

Gráfico 24 – Denúncias e ocultar publicações, mês de setembro
Fonte: *fan page*: "O machismo nosso de cada dia"

Em complemento a este gráfico apresentamos o gráfico 25, que apresenta um histórico de "descurtidas" do mês de setembro de 2013. Com um total de 293 "descurtidas" no mês, o dia em que houve um maior número foi no dia 18/09. No entanto, como nesse dia foram publicados 8 *posts*, não tivemos condição de analisar a causa específica do volume de "descurtidas" nesse dia.

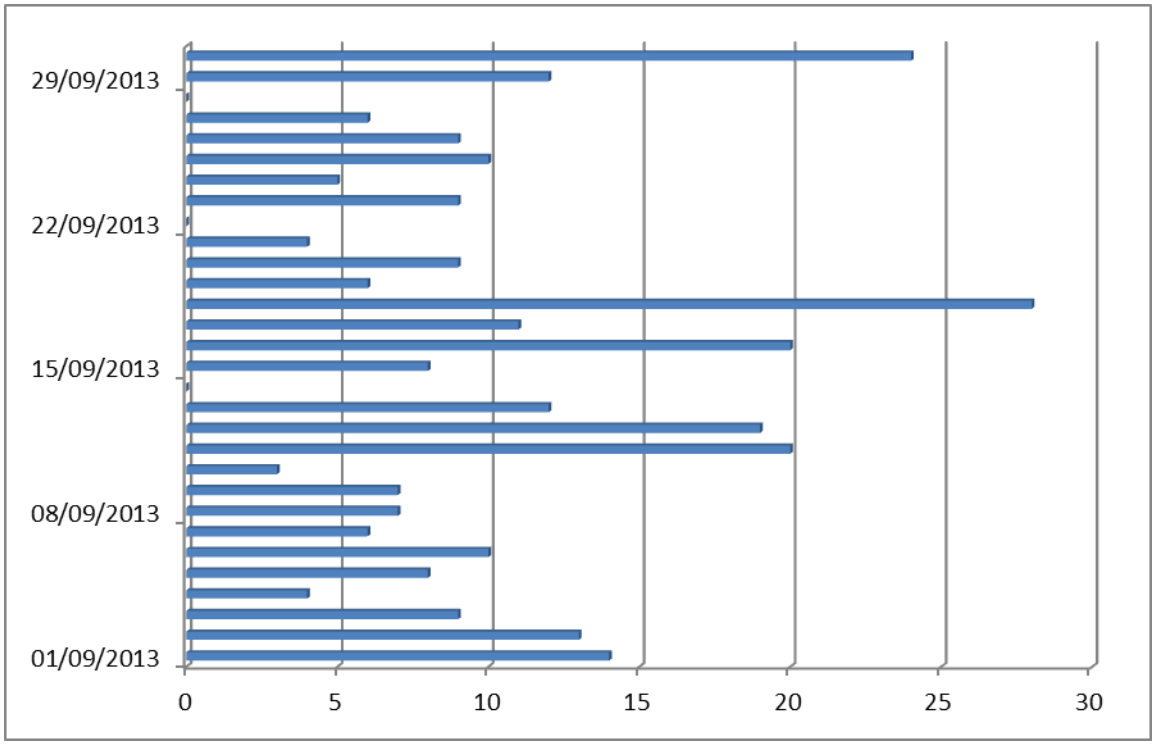

Gráfico 25 – Números de "descurtidas" do mês de setembro
Fonte: *fan page* "O machismo nosso de cada dia"

Finalizando nossa análise da *fan page* “O machismo nosso de cada dia”, podemos nos perguntar, mas em que o *Facebook* pode ser importante para estes tipos de grupos de mobilização, principalmente entre os jovens? Acreditamos que o papel do *Facebook* é dar espaço para que estes grupos se comuniquem, troquem experiências que possam levar à reflexão das pautas reivindicatórias. M.M. analisa a importância do *Facebook* para a sua causa e ressalta a facilidade na comunicação:

> Eu acho que o *Facebook* é a grande ferramenta do momento. Quando eu criei a página tinha a página Blogueiras Feministas e uma, chamada Feminismo na Rede, eram as duas únicas *fans pages*. Depois que a gente criou a página, eu percebi que começaram a surgir um monte de páginas, hoje tem muita página, se eu for olhar a quantidade de páginas que eu sigo no *Facebook*, deve dar umas 200 páginas, tem muita coisa. Tem o “Machismo chato de cada dia”. Elas viram a foto do Anador, da intervenção que a gente fez e criaram o grupo também, no dia seguinte elas criaram um grupo de 60 de meninas trocando e-mails, criaram um *blog*, um *tumblr* e a página. Do ano passado para cá, as pessoas começaram a perceber que elas podem criar uma página, criar um *blog* e falar sobre o feminismo e saírem um pouco de serem espectadoras e poderem compartilhar suas experiências também, compartilhar o que elas pensam. Eu vejo que cada vez mais tem meninas que se sentem empoderadas para falar o que elas pensam sobre o feminismo no *Facebook*. Uma crítica que o feminismo tem é ser muito academicista. Eu acho que o *Facebook* consegue tirar isso um pouco, divulgar textos, divulgar autores, se você digitar no Google: biblioteca feminista, vai aparecer vários *blogues*, com vários *links*, vários PDFs. É muito mais fácil você ter acesso a estes textos, mas você muda a linguagem, você deixa a linguagem acessível para todo mundo também.

Analisando o papel do *Facebook* no processo de mobilização do feminismo, M.M. aponta a importância dessa comunicação instantânea com o grupo e o poder de mobilizá-lo com a rede social:

> Eu nunca pensei em criar um *blog* porque eu posto na minha página principalmente durante o trabalho. Então é o que dá tempo de fazer, de virar um cartaz, eu vejo um texto legal e dá tempo de publicar. O *blog* demanda mais tempo, sentar, fazer umas leituras e pesquisar para escrever um texto. No *Facebook* é tudo mais instantâneo. E o *Facebook* é muito bom para mobilização. Então eu tenho 109 mil seguidores, se eu quero fazer um ato, por exemplo, eu organizei contra o Estatuto do Nascituro e eu chamei praticamente sozinha este ato. Teve 2.500 pessoas na Praça da Sé e foram feministas que a gente chama assim jurássicas, feministas históricas e elas falaram que nunca tinham visto um ato pela legalização do aborto, cujo pano de fundo era essa tema, tão cheio, com tanta gente. Porque é um tema muito polêmico, geralmente é esvaziado. Então, quer dizer, em questão de mobilização você consegue sim mobilizar muita gente.

No entanto, ela mesmo ressalta que não é uma mídia que possibilita o diálogo, pois as pessoas estão mais preocupadas em emitir uma opinião do que contribuir para uma discussão mais sólida.

> No *Facebook* você tem uma resposta muito rápida. Mas em questão de construir o movimento, de construir uma pauta, aí você tem seu pessoal, você tem que sentar, conversar, não dá para dialogar pelo *Facebook*. É muito difícil, fica todo mundo comentando e não percebo se as pessoas param para ler e repensar o que elas estão falando, fica cada um falando o que acha e, muitas vezes, acontece até briga, acabo excluindo e banindo gente que começa a xingar e vai para o pessoal. O que fortalece mesmo é o presencial. Mas em questão de mobilização é incrível.

Esta questão, levantada por M.M., aponta para a superficialidade das discussões nas redes sociais. Na verdade, a rede social é importante para mobilizar e divulgar uma causa, mas não é o espaço para fomentar discussões mais profundas sobre determinado tema. Nesse caso, o ato de curtir e compartilhar torna-se uma forma de mostrar posicionamento e afirmação de um determinado fato, objeto do *post*. Mesmo em relação aos eventos, o fato de um grande número de pessoas confirmarem presença não significa presença física no evento, mas um apoio ao mesmo. Aqueles que trabalham com mobilização *online* devem estar cientes de que o número de pessoas no evento não passam de 10% daqueles que confirmaram sua presença.

A partir da análise da experiência da *fan page* “O machismo nosso de cada dia” é possível lançar pressupostos sobre o uso do *Facebook* enquanto meio de mobilização. A primeira delas é a questão da abrangência. Atualmente, o *Facebook* é a rede social com maior número de usuários no Brasil, com 65 milhões de seguidores[51]. Por se tratar de uma rede com alta capilaridade, o *Facebook* possui um atrativo para quem quer utilizar seus aplicativos para a mobilização. No entanto, como podemos verificar pela fala de M.M., as redes sociais não são os espaços indicados para discussão e troca de ideias, pois a própria dinâmica da rede social impossibilita o diálogo pleno. Em sua experiência com os coletivos nas quais está engajada, M.M. alerta para a necessidade do

[51] Informações retiradas do site Tecmundo. Disponível em: http://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm. Acesso em: 20/10/2013.

encontro presencial para reforçar os laços e empreender discussões sobre os rumos do movimento.

A segunda questão sobre o uso do *Facebook* nas causas sociais diz respeito à superficialidade das discussões. As redes sociais não são redes de discussão de ideias. O objetivo é a socialização e a comunicação, e não a troca de experiências ou discussões sobre um determinado tema. Nesse sentido, o *Orkut* com o aplicativo Comunidades estava mais próximo do que seria uma comunidade de discussão. No entanto, por seu esgotamento, acreditamos que o seu esvaziamento não possibilitou a criação de outras alternativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Cada segundo que passa é como uma porta que se abre para deixar entrar o que ainda não sucedeu, isso a que damos o nome de futuro, porém, desafiando a contradição com o que acabou de ser dito, talvez a ideia correcta seja a de que o futuro é somente um imenso vazio, a de que o futuro não é mais que o tempo de que o eterno presente se alimenta. José Saramago (2002, p. 212-213).

A personagem Luke Gibson, interpretada pelo ator Cuba Gooding Jr., acorda no hospital após um acidente de carro no qual morreu sua esposa, e descobre que não se lembra de nada do seu passado. Assombrado por estranhas visões de um passado desconhecido e com um *chip* implantado em seu cérebro, Luke percebe que sua única chance de sobrevivência é aliar-se a um grupo de *hackers* para lutar contra a Hexx Corporation, empresa de tecnologia que implantou o *chip* em sua mente e que foi responsável pelo seu acidente de carro. Mas antes terá que se lembrar do seu passado.

Esta é a sinopse do filme “Invasor de Mentes” (*HardWired*, no original), do diretor Ernie Barbarash, uma co-produção EUA/Canadá, lançado em 2009. Não foi um sucesso de bilheteria e nem se trata de um grande filme, mas traz uma questão interessante para o nosso estudo. Como os *hackers* poderão recuperar a memória do ex-*marine* Luke e conseguir sua adesão para a causa em que lutam: evitar que a Hexx Corporation domine o mundo? Eles irão vasculhar as redes sociais (tais como *Facebook* e *Instragram*), o *YouTube* e os *sites* de armazenamento e compartilhamento de fotos na *internet*, tais como *Picasaweb* e *Flickr*, à procura dos rastros digitais de Luke e de sua esposa. Recuperados dos servidores onde estão armazenados, estes rastros servirão como estímulo à memória de Luke. Tal como a *madeleine*, que faz reviver a memória da infância de Proust, os vídeos e as fotos de sua esposa devolverão a Luke a memória perdida no acidente. De posse de suas lembranças, Luke assume a liderança do grupo e vai lutar contra a dominação da Hexx Corporation.

Este filme nos despertou para o papel da *internet*, principalmente das redes sociais, na preservação desses rastros e vestígios de nossa memória. Estamos diariamente alimentando as redes sociais com parte de nossa memória: com fotografias, vídeos e informações sobre nós mesmos. Mas o que vai restar de nossa memória armazenada nos servidores das redes sociais? A Pedra de Roseta[52] permanece preservada nos dias de hoje, mas quem garante o que vai ser preservado e como vai ser preservado o conhecimento e o patrimônio que estão sendo produzidos na *internet*? Três inquietações sobre o que pesquisamos se apresentam: a primeira delas diz respeito ao conteúdo do que deve ser preservado, ou seja, o que nós e, principalmente os jovens nativos digitais, estamos produzindo como vestígios nas redes sociais. Além disso, é preciso evidenciar outro aspecto que é o da seleção: o que vai ser preservado e sob quais critérios.

A segunda inquietação se refere a qual instituição caberia esse papel de preservação do patrimônio digital. Obviamente esta nossa pesquisa não se propôs a responder essas questões, mas gostaríamos de dar a nossa contribuição ao debate. Algumas colocações devem ser elencadas: a primeira delas diz respeito à volatilidade dos *sites*. Ao contrário dos museus e de outras instituições de memória, os *sites* não são instituições permanentes. Eles podem ter começo, meio e fim. Quem garantirá a preservação dos nossos dados registrados nos servidores do *Facebook,* se amanhã a empresa fechar e seus servidores de dados forem desligados? Não há garantias de uma preservação efetiva das informações disponibilizadas nos *sites* e redes sociais.

A terceira inquietação diz respeito ao profissional que fará esta espécie de arqueologia digital. No nosso entendimento, os *hackers,* ou os profissionais de TI, seriam uma espécie de arqueólogos digitais que, tal como no filme, sairiam em busca de vestígios da memória de Luke na imensidão dos servidores da *internet*. A busca pelos nossos vestígios, rastros digitais de nossa memória, não caberia aos historiadores, incapazes, pela própria formação, de vasculhar em códigos

[52] Bloco de Granito negro encontrado pelos soldados do Exército de Napoleão, no Egito, e que foi utilizado por Jean-François Champollion para decifrar o código de escrita do Antigo Egito (hieróglifos).

binários e complicados algoritmos de *softwares*, mas aos profissionais cuja formação e interesse seriam despertados por esta espécie de caça ao tesouro digital.

Mas como falar em conclusões quando se trata de uma pesquisa, cujo objeto empírico está em constante mutação? Por isso, é melhor falarmos em considerações finais, baseando-se naquela premissa de que não concluímos uma pesquisa, mas apenas colocamos um ponto final no trabalho de sistematização. O que pretendemos nessas considerações finais é trazer algumas luzes para o tema discutido. O uso que as pessoas fazem da *internet* e, consequentemente das redes sociais, está em constante mutação, por isso o que prevalece neste momento é a síntese do que pesquisamos e as conclusões a que chegamos. Este é um retrato do dia de hoje, do ano de 2014. Como o *Facebook* estará sendo utilizado nos próximos anos, se ele continuará existindo e de que forma as pessoas irão lidar com as questões de lembrança e esquecimento na *internet* é algo que, no momento, pertence ao escopo da futurologia. Alguns especialistas já vaticinaram o fim do *Facebook*, tal como vaticinaram o fim do *Orkut* (LONDON, 2013). No entanto, é preciso esclarecer que as atitudes dos jovens frente às redes sociais não se encerram quando um *site* deixa de existir ou se esvazia, como no caso do *Orkut*. Se há ou não um esgotamento das redes sociais, isso é parte do processo de transformação constante da *internet*, uma mídia em constante mutação. As atitudes que resultam do uso das redes sociais é que nos interessa analisar, e não outra rede social, em específico.

Quando iniciamos a nossa pesquisa sobre o uso do *Facebook* pelos jovens, algumas questões pairavam sobre a nossa cabeça: há uma intenção de memória nos nativos digitais ao postar conteúdo na *internet*? Qual é a percepção de memória dos nativos digitais? Ao finalizarmos nossa análise podemos responder a algumas indagações. A primeira delas é sobre a intencionalidade da memória. Conforme verificamos anteriormente, a memória não é uma equação exata, algo pronto, mas sim um cenário de disputa. Alguns elementos estão sob nosso controle, outros não. Nesse caso, estariam os jovens imbuídos de um “desejo de memória” tal como nos aponta Ricoeur (2007)? Com base nas informações

colhidas nos questionários aplicados e na observação sobre o conteúdo postado, verificamos que não há uma intenção explícita de registrar a memória pelos jovens. Embora existam no *Facebook* páginas que evoquem a memória, principalmente a nostalgia sobre o passado, não foi verificada uma intencionalidade dos jovens em preservar sua memória ao postarem seus registros *online*. O uso do *Facebook* pelos jovens demonstra ter um caráter predominantemente comunicacional e de interação social, seja na troca de mensagens (via bate-papo) ou na publicação de um *status* (com imagens ou não). Os registros memoriais dos jovens fazem parte do caldeirão de informações nas redes sociais, transformando-as em lugar de rastros de memória e vestígios de nossa existência.

Com base na pesquisa que realizamos, verificamos que as redes sociais, principalmente o *Facebook*, encontraram no público brasileiro um campo fértil de uso. Se, e até quando, essa "onda" vai durar não sabemos, mas a verdade é que o fenômeno que foi o *Orkut* hoje é suplantado pelo *Facebook* pelos atrativos que o mesmo oferece ao seu público. Mesmo em relação às redes sociais, podemos afirmar que elas são sazonais e sofrem mutações ao longo de sua existência. Embora migrar os dados para outras plataformas seja quase sempre possível, como por exemplo entre o *Orkut* e o *Google Plus*, o medo dos usuários é o da perda do conteúdo digital, uma vez que, conforme vimos, há pouco interesse por parte dos jovens em produzir *backups* de suas fotos pessoais, por exemplo. Essa é uma questão que sempre é a tônica da discussão quando se trata de redes sociais: a preservação dos nossos registros de memória em seus bancos de dados. As redes sociais, principalmente o *Facebook*, passam a ideia de ser uma espécie de repositório de nossas memórias e que sua existência será eterna.

Os diários íntimos de adolescentes, que eram moda em outros tempos, foram trocados pelos relatos nas redes sociais. Nesse sentido, os jovens mudaram não só o formato dos diários, mas também a privacidade deles, o que nos diários íntimos pertencia ao escopo do privado, nas redes sociais pertence ao escopo público. A publicização da vida privada, efetuada através dos registros do cotidiano no *Facebook*, traz para o campo da preservação da memória um fator a

considerar: a preservação, pela disseminação ou compartilhamento. Se, de fato, poucos diários sobreviveram às gerações que os produziram, os registros de memória no *Facebook*, a princípio, terão mais probabilidade de se eternizarem devido à sua multiplicidade de compartilhamentos. Nesse sentido, a ação de registro dessa memória, para além da própria ação de registro, torna-se parte do processo de preservação da memória. O compartilhamento de um registro, seja nas redes sociais, nos *blogs* ou em *sites* de armazenamento e distribuição de mídias digitais (tais como *Flickr* e *YouTube*) geram, como efeito, a "viralização" e, consequentemente, a possibilidade maior de preservação desses registros. Se pensarmos neste tipo de redundância ou excesso, o *Facebook* seria um "lugar de memórias", tal como preconiza Nora (1994), pois é um lugar de encontro, de afetividades, de trocas e, sobretudo, de memória. Diferentemente dos museus virtuais, em que há uma intencionalidade preservacionista, e o patrimônio é o foco de sua atuação, o *Facebook* é um lugar dessa memória efêmera, produzida, registrada e compartilhada em tempo real. O conteúdo gerado por esta imensidão de perfis nas redes sociais está sendo armazenado em seus servidores, possibilitando aos pesquisadores fazer uma espécie de arqueologia digital dessa memória registrada. Assim também, o excesso, que tanto preocupa Huyssen (2000), serviria ao propósito da preservação dessa memória registrada em seus servidores, pois quanto maior for o número de compartilhamentos de registros, maior será a possibilidade de que estes sejam descobertos.

Por fim, constatamos que os aplicativos de *e-mail* e outros comunicadores instantâneos (tal como foi o MSN um dia) estão caindo em desuso entre os jovens nativos digitais e é um caminho, nos parece, sem volta. A onda do momento é o *Whatsapp*, aplicativo com o qual os jovens conversam o tempo todo com seus amigos pelos *smartphones*. Como pudemos verificar, a comunicação dos jovens na, e pela, *internet* é dinâmica e está em constante mutação. Como será a comunicação desses jovens no futuro? Não sabemos e nem podemos imaginar, porque a *internet* é uma mídia dinâmica e, aliada à convergência com outras mídias, cada vez mais presentes no cotidiano da vida das pessoas, outras formas mais amigáveis de comunicação certamente surgirão. Nesse sentido, qualquer exercício de projetar o futuro é mera especulação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2010b.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked**: a nova ciência dos networks. São Paulo, Hemus, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D´Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENEDIKT, Michael. **Cyberspace: first steps**. Cambridge: MIT Press, 1991.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**: textos escolhidos. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: **Obras completas**, v. 1. São Paulo: Globo, 2000. Ficções, p. 539-546.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUMGARNER, Brett. **You have been poked:** Exploring the uses and gratifications of Facebook, among emerging adults. Disponível em: http://www.firstmonday.dk/ojs/index.php/fm/article/view/2026/1897. Acesso em: 04/03/2014.

CAMPOS, Marta. **O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava.** Fortaleza, Edições UFC, 1992.

CANAVILHAS, João. A internet como memória. BOCC: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2004. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf. Acesso em: 05/03/2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área de documentação. In: **Museália**. Rio de Janeiro: JC. Editora, 1996. p. 37-52.

CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D´Água, 2000.

DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**: vers un éthique des nouvelles images. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DODEBEI, Vera. Espaços mítico e imagético da memória social. In: COSTA, Icleia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô. (Orgs.). **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 63-71.

DODEBEI, Vera. *Patrimônio digital: foco e fragmento no movimento conceitual*. In **Proceedings CINFORM**. VI *Encontro Nacional de Ciência da Informação*. Salvador, 2005. Disponível em: http://dici.ibict.br/archive/00000500/01/VeraDodebei.pdf. Acesso em: 04/03/2014.

DODEBEI, Vera. *Digital virtual: o patrimônio no século XXI*. In DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (org). **E o patrimônio**? Rio de Janeiro: Contra Capa/ Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio, 2008.

DODEBEI, Vera. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. In: **Aurora**: revista de arte, mídia e política. Nº 10: 2011. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614. Acesso em: 17/03/2014.

DOBEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação - v. 9 n.5, outubro de 2008. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out08/Art_02.htm . Acesso em 17/02/2014.

DOERR, Benjamin et al. **Why Rumors Spread Fast in Social Networks**. Disponível em: http://www.mpi-inf.mpg.de/~tfried/paper/2012CACM.pdf. Acesso em 17/01/ 2014.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1993.

ECHEVERRÍA, Javier. **Un mundo virtual**. Barcelona: Nuevas Ediciones de Bolsillo, 2000.

ECO, Umberto. **O Bug da Memória**. Entrevista publicada no site da Folha. Biblioteca Folha, 1999. Disponível em: http://biblioteca.folha.com.br/1/02/1999080801.html. Acesso em: 03/04/2014.

ESCREVA LOLA ESCREVA. **Tolerância zero para a intolerância**. 19/04/2012. Disponível em: http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/04/tolerancia-zero-para-intolerancia.html. Acesso em: 03/03/2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FELINTO, Erick. Matrizes. *Em busca do tempo perdido. O sequestro da história na cibercultura e os desafios da teoria da mídia*. **Matrizes**. Ano 4 – nº 2, jan./jun., 2011. São Paulo, p. 43-55.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D´Água Editores, 1998.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

PRETO, Marcos. Ed Motta ofende mulheres e músicos e cria polêmica no Facebook. **Folha Ilustrada**. 13/05/2011. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2011/05/915375-ed-motta-ofende-mulheres-e-musicos-e-cria-polemica-no-facebook.shtml. Acesso em: 03/03/2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A escrita na internet: nova forma de mediação e de desenvolvimento cognitivo? FREITAS, Maria Teresa Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

G1 Mundo. **“Selfie” é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford** – 2003. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html. Acesso em: 04/03/2014.

G1 Tecnologia e games. ***Facebook* ultrapassa *Orkut* em usuários únicos no Brasil, diz Ibope**. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html. Acesso em: 04/03/2014.

G1 Tecnologia e games. ***Facebook* muda página pessoal para linha do tempo e altera botão “curtir”**. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html. Acesso em: 03/03/2014.

G1 Tecnologia e games. **Brasil é o 2º país com mais usuários que entram diariamente no *Facebook***. 2013. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html. Acesso em: 03/03/2104.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, Campinas: Fapesp, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARDE-HANSEN, Joanne. *MyMemories?: Personal Digital Archive Fever and Facebook*. In: GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna. **Save as… digital memories**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GUBERN, Román. **Del bisonte a la realidad virtual**: la escena y el laberinto. 2ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999.

HAIR JR, Joseph et al. **Análise multivariada de dados**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Bibliothèque de “L´Évolution de l´Humanité”, 8. Paris: Albin Michel, 1994.

HARTOG, François. Patrimoine et histoire: les temps du patrimoine. In : ANDRIEUX, Jean-Yves (org). **Patrimoine et Societé**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1998. p. 3-17.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa**. Dissertação de Mestrado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2004.

HERNANDEZ, Francisca. **El patrimonio cultural: la memoria recuperada**. Gijón: Ediciones Trea, 2002.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. **Informações sobre municípios brasileiros**. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php. Acesso em: 03/03/2014.

INVASOR DE MENTES (filme). Ernie Barbarash. 2009. Color. 1h35 min.

JOINSON, Adam. "Looking at”, "Looking up” or "Keeping up with” People? Motives and Uses of Facebook. In: **CHI 2008 Proceedings. Online Social Networks**. April 5-10, 2008. Florence, Italy. Disponível em: http://digitalintelligencetoday.com/downloads/Joinson_Facebook.pdf. Acesso em: 04/03/2014.

JOST, François. *Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias*? **Matrizes**. Ano 4, nº 2, jan./jun. 2011. São Paulo, p . 93-109.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LAMP, Cliff; ELLISON, Nicole; STEINFELD, Charles. A Face(book) in the Crowd: Social Searching vs. Social Browsing. In: **Computer-Supported Cooperative Work, ACM Press** (2006). Disponível em: https://www.msu.edu/~nellison/lampe_et_al_2006.pdf. Acesso em: 04/03/2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEROI-GOURHAM, André. **O gesto e a palavra**. Vol 2. Memória e ritmos. Lisboa, Edições 70, 1983.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIVINGSTONE, Sonia. *Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line*. **Matrizes**. Ano 4, nº 2, jan./jun., 2011. São Paulo, p. 11-42.

LONDON, Jack**. Adeus, Facebook**: o mundo pós-digital. Rio de Janeiro: Valentina, 2013.

LOTAN, Gilad et alii. *The Revolutions Were Tweeted*: Information Flows During the 2011 Tunisian and Egyptian Revolutions. **International Journal of**

Communication 5 (2011). Feature 1375-1405. Disponível em : http://www.aish.es/files/laura/Revoluciones%20tuiteadas%281%29.pdf. Acesso 03/01/2014.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

MACHADO, Arlindo. Apresentação. In: FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D´Água Editores, 1998.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. *O jovem no centro da dimensão oculta da internet.* In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças Digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Editora PUC / São Paulo: Loyola, 2006. P. 181-189.

MARCONDES, Ciro F. (org). **Pensar-pulsar**. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.

MARLOW, Cameron A. **The Structural Determinants of Media Contagion**. Massachusetts Institute of Technology, 2005. Disponível em: http://pubs.media.mit.edu/pubs/papers/marlow.pdf. Acesso em: 04/03/2014.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOSCOVI, Serge. **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

MOSCOVI, Serge. Memórias, rituais e ciber-representações. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidade e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no cibersespaço**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú/Unesp, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **Ser digital**. Lisboa: Caminho, 1996.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede:** os impactos íntimos da rede. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia e Sociedade**. V. 17, n. 2, p. 50-57. Porto Alegre mai./ago., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27044.pdf. Acesso em: 03/03/2014.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: **Les lieux de mémoire**. Vol. 1. La République. Paris : Gallimard, 1984. p. XV-XLII.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis. **A sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-98.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3-15.

POMIAN, Kryysztof. Memória: Atlas, Coleção, Documento/monumento, Fóssil, Memória, Ruína/restauro. In: GIL, Fernando (Coord.). **Sistemática**. Enciclopédia Einaudi, v. 42. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p. 507-516.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants – Part II:** Do They Really *Think* Differently?. In: MCB University Press, Vol. 9 No. 6, December 2001a. Disponível em: http://www.marcprensky.com/writing/Prensky. Acesso em: 03/02/2014.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants – Part I**. In: MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001b. Disponível em: http://www.marcprensky.com/writing/Prensky. Acesso em: 03/02/2014.

QUÉAU, Philippe. **Lo virtual**: virtudes y vértigos. Barcelona: Paidós, 1995.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RÉKA, Albert; BARABÁSI, Albert-László. Statistical mechanics of complex networks. **Reviews of Modern Physics**. Volume 74, January 2002. Disponível em: http://www.nd.edu/~networks/Publication%20Categories/03%20Journal%20Articles/Physics/StatisticalMechanics_Rev%20of%20Modern%20Physics%2074,%2047%20(2002).pdf. Acesso em: 04/03/2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSA, Gabriel A. Marra; SANTOS, Benedito R. dos. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

RÜDIGER, Francisco. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. **Matrizes**. Ano 5, nº 1, jul./dez. 2011. São Paulo. p. 45-61.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes**. São Paulo, ano 1, número 1, jul.-dez. 2007, p. 75-97.

SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado**. Lisboa: Caminho, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: Edições Senac, 2008.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. **Sociedade da Diferença**: funções identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2009.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Ciberativismo, cultura *hacker* e o individualismo colaborativo. **Revista USP**. São Paulo, v. 1, p. 28-39, 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811/15629. Acesso em: 20/10/2013.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STRECKER, Marion. Novo "Catálogo da Terra inteira", Facebook faz das pessoas marqueteiros de si mesmos. **UOL Tecnologia**. 2012. Disponível em: http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/18/novo-catalogo-da-terra-inteira-facebook-transforma-pessoas-em-marqueteiros-de-si-mesmos.htm. Acesso em: 03/03/2014.

TECMUNDO. **Brasil foi o país com maior número de novos usuários do *Facebook* em 2012**. Disponível em: http://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm. Acesso em: 04/03/2014.

TECMUNDO. **Facebook: descubra o motivo de usarem fotos de girafas em perfis**. 2014. Disponível em: http://www.tecmundo.com.br/facebook/46342-facebook-descubra-o-motivo-de-usarem-fotos-de-girafas-em-perfis.htm#ixzz2wSGaCOWG. Acesso em 03/03/2014.

TEIXEIRA, Carlos Alberto. Rastros digitais são difíceis de eliminar e muitas vezes é preciso desativar o e-mail. **Globo Tecnologia**. 2011. Disponível em: http://oglobo.globo.com/tecnologia/rastros-digitais-sao-dificeis-de-eliminar-muitas-vezes-preciso-desativar-e-mail-2792219#ixzz23RvaCo00. Acesso em: 24/02/2014.

TERRA ONLINE. **Facebook lança vídeo com "melhores momentos" de cada usuário**. 04/02/2014. Disponível em: http://tecnologia.terra.com.br/facebook-lanca-video-com-melhores-momentos-de-cada-usuario,879a77ead9cf3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html. Acesso em: 03/03/2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: teoria social da mídia. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Madrid: Paidós, 2000.

TURKLE, Sherry. Fronteiras do real e do virtual. Entrevista com Federico Casalegno. **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 11, dezembro 1999, p. 117-123.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidade e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

UNESCO. **Concept of Digital Heritage**. Disponível em: http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/access-to-knowledge/preservation-of-documentary-heritage/digital-heritage/concept-of-digital-heritage/. Acesso em: 03/04/2014.

VAN DIJCK, José. **Mediated memories in the digital age**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

VEJA ONLINE. Facebook alcança marca de 76 milhões de usuários no Brasil. **Veja Online**. Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil. Acesso em: 03/03/2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIGOTSKI, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIRILIO, Paul. *O paradoxo da memória do presente na era cibernética*. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ANEXOS

Anexo I - Questionário aplicado aos nativos digitais

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Memória Social

Doutorado em Memória Social
Doutoranda: Rosali Maria Nunes Henriques
Pesquisa sobre uso da internet por nativos digitais

Dados Gerais do Aluno(a) [Preencher EM LETRA DE FORMA o quadro abaixo com suas informações]

Escola/Universidade: _____

Série (ano)/Curso:

_____

Idade: _____ anos

1. Quantos anos você tinha quando usou a internet pela primeira vez? _____ anos
2. Em que lugar estava esse computador quando você usou a internet pela primeira vez? **(APENAS UMA RESPOSTA)**

( )Em sua própria casa ( ) Na escola ( ) Na casa de amigos ( ) Na casa dos vizinhos
( ) Na casa de parentes ( ) Na igreja ( ) Lan house ( ) ONG
( ) Trabalho ( ) Telecentro ( ) Outros. Qual? _____

3. Com que frequência você acessa a internet por semana? **(APENAS UMA RESPOSTA)**

( ) não acessa ( ) um dia ( ) dois dias ( ) três dias
( ) quatro dias ( ) cinco dias ( ) seis dias ( ) todos os dias

4. Marque a quantidade de horas por semana que você gasta em cada lugar em que você usa a internet. **(DEIXE EM BRANCO SE NÃO ACESSA NO LUGAR)**

Lugar	Número de horas por semana [Estimativa]
Sua própria casa	
Casa de parentes	
Casa dos amigos da escola	
Casa dos vizinhos	
Escola	
Trabalho	
Lan house	
Telecentros	
Outros. Qual?_____	

5. Usando os **números de 1 a 5**, assinale abaixo as cinco alternativas que correspondem aos cinco principais tipos de **atividades que você mais gasta tempo na internet semanalmente no computador**, sendo **"1" a atividade que você mais gasta tempo** e **"5" a atividade em que você menos gasta tempo entre as cinco principais**. [Número máximo de respostas = 5]

	Buscadores (Google, Yahoo, etc)
	Portais (UOL, Terra etc)
	Comunidades virtuais (Orkut, Facebook,Twitter etc)
	Serviços bancários (pagamentos de contas e impostos, acesso a saldo e extrato etc)
	Wikipedia (fazendo trabalhos escolares)
	E-mail
	MSN, Google talk
	Skype
	Blogs

	Sites de notícias (UOL, Folha, Estadão, GloboNews etc)
	Sites de esporte (Lance,Gol etc)
	Sites de informação sobre programas de televisão (site da TV Globo, RedeTV, TV Cultura, Fantástico, novelas, SportTV etc)
	Sites de conteúdo religioso
	Sites de informações culturais (cinema, teatro, shows de música, exposições)
	Informações sobre trabalho (procura por trabalho)
	Informações sobre computadores e informática
	Serviços do governo (sites dos governos municipais, estaduais e federal para busca de informações sobre impostos, saúde, cultura)
	Outros Qual? _____

6. Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos através de: **[Resposta múltipla. Assinalar com "X"]**

	1-Todo dia	2- Mais de três vezes por semana	3- De uma a três vezes por semana	4- Tenho, mas não uso	5- Não tenho e não uso
MSN					
Google Talk					
Google +					
Skype					
E-mail					
Twitter					
Facebook					
Orkut					

7.Você **gasta quanto tempo (em horas) por semana** acessando as seguintes mídias?

	Horas por semana **[Estimativa. Zero para aquelas mídias que você não acessa]**
Televisão	
Rádio	
Jornais impressos	
Revistas	
Internet	

8.**Nos últimos 12 meses** você:

	Número de vezes [Estimativa. Zero para nenhuma vez.]
Foi quantas vezes ao cinema?	
Leu quantos livros?	
Foi quantas vezes ao teatro?	
Foi a quantos shows de música, dança etc?	
Visitou uma exposição?	
Leu revistas sobre política e economia (Carta Capital, IstoÉ etc)	
Leu revistas sobre atualidades (Veja, Época, Semana etc)	
Leu revistas sobre curiosidades (Superinteressante, Galileu etc)	
Leu revistas e/ou livros sobre vestibular	
Leu alguma revista em língua estrangeira	

Cada uma das seguintes frases expressa o sentimento que as pessoas têm em relação à internet. Assinale com X uma das cinco possibilidades colocadas à direita da frase (Discordo totalmente **DT**; Discordo **D**; Indiferente **I**; Concordo **C** e Concordo Totalmente **CT**)

	DT	D	I	C	CT
9.A internet é excelente para descobrir coisas novas					
10.Não consigo imaginar a minha vida sem a internet					
11. Eu utilizo muito a internet para as atividades do dia a dia (pagar conta, ler notícias, pesquisar)					
12. A minha vida social melhorou muito com a internet					

13. A internet para mim é só diversão					
14. Prefiro sair com meus amigos a ficar batendo papo com eles pela internet					
15. Minhas amizades na internet são mais duradouras					
16. Eu prefiro ver meus programas de TV na internet porque vejo quando quero					
17. A internet me ajudou a conhecer pessoas fora do meu cotidiano familiar e escolar					
18. Confio mais nas informações que vejo na internet do que na TV					
19. Prefiro ouvir música através da internet (baixando ou vendo os clipes no You Tube) do que ouvir CD´s					

20. Você já ficou ou namorou com alguém que conheceu pela internet? ( ) Sim ( ) Não

Anexo II - 1º Questionário aplicado aos jovens do Facebook

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Memória Social
Doutorado em Memória Social
Doutoranda: Rosali Maria Nunes Henriques

Nome

Sexo

- Masculino
- Feminino

Data de nascimento

Cidade e estado onde mora

Qual sua ocupação principal?

- Só estuda
- Estuda e trabalha
- Só trabalha

Se for estudante, marque o grau de instrução

- Cursando ensino médio
- Ensino médio completo
- Cursando uma universidade
- Curso superior completo
- Cursando uma pós-graduação

1. Quantos anos você tinha quando usou a internet pela primeira vez?

2. Onde acessou a internet pela primeira vez? (APENAS UMA RESPOSTA)

- Em sua própria casa
- Na escola
- Na casa de amigos
- Na casa dos vizinhos

- Na casa de parentes
- Na igreja
- Em lan house ou cibercafé
- Em alguma ONG ou centro comunitário
- No trabalho
- Em algum telecentro
- Em cursos de informática

3. Com que frequência você acessa a internet? (APENAS UMA RESPOSTA)

- fico conectado(a) o tempo inteiro
- todos os dias
- dia sim, dia não
- Uma vez por semana
- de 15 em 15 dias
- 1 vez por mês
- Raramente

4. Com que objetivo você usa a internet? (RESPOSTA MÚLTIPLA)

- [ ] Para me comunicar com meus amigos através das redes sociais e troca de mensagens
- [ ] Para pesquisar
- [ ] Para me divertir
- [ ] Para ouvir música
- [ ] Para me informar sobre o que está acontecendo no país e no mundo
- [ ] Para escrever no meu blog (se tiver um)
- [ ] Para mandar emails
- [ ] Para jogar online
- [ ] Para ver filmes
- [ ] Other:

5. Quantas vezes por semana você troca mensagens (escritas ou faladas) com seus amigos através de qual sistema?

	Todo dia	Mais de três vezes por semana	De uma a três vezes por semana	Tenho, mas não uso	Não tenho e não uso
MSN					

	Todo dia	Mais de três vezes por semana	De uma a três vezes por semana	Tenho, mas não uso	Não tenho e não uso
Google Talk (Gmail)	○	○	○	○	○
Google +	○	○	○	○	○
Skype	○	○	○	○	○
E-mail	○	○	○	○	○
Twitter	○	○	○	○	○
Facebook	○	○	○	○	○
Orkut	○	○	○	○	○

6. As seguintes frases expressam alguns sentimentos que as pessoas têm em relação à internet. Para cada frase, marque a opção que melhor demonstra a sua concordância ou discordância.

	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
A internet é excelente para descobrir coisas novas	○	◉	○	○	○
Não consigo imaginar a minha vida sem a internet	○	○	○	○	○
Eu utilizo muito a internet para as atividades do dia a dia (pagar conta, ler notícias, pesquisar)	○	○	○	○	○
A minha vida social melhorou muito com a internet	○	○	○	○	○
A internet para	○	○	○	○	○

	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
mim é só diversão					
Prefiro sair com meus amigos a ficar batendo papo com eles pela internet	○	○	○	○	○
Minhas amizades na internet são mais duradouras	○	○	○	○	○
Eu prefiro ver meus programas de TV na internet porque vejo quando quero	○	○	○	○	○
A internet me ajudou a conhecer pessoas fora do meu cotidiano familiar e escolar	○	○	○	○	○
Confio mais nas informações que vejo na internet do que na TV	○	○	○	○	○
Prefiro ouvir música através da internet (baixando ou vendo os clipes no You Tube) do que ouvir CD´s	○	○	○	○	○

7. Você já ficou ou namorou com alguém que conheceu pela internet?

○ Sim

○ Não

8. Há quanto tempo você usa o Facebook? (APENAS UMA RESPOSTA)

○ Menos de seis meses

- de 6 a 12 meses
- Mais de 12 meses
- Mais de 24 meses

9. Com que frequência você acessa o Facebook? (APENAS UMA RESPOSTA)

- fico conectado(a) o tempo inteiro
- todos os dias
- dia sim, dia não
- Uma vez por semana
- de 15 em 15 dias
- 1 vez por mês
- Raramente

10. As seguintes frases expressam alguns sentimentos que as pessoas têm em relação ao Facebook. Para cada frase, marque a opção que melhor demonstra a sua concordância ou discordância.

	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Através do Facebook descubro coisas novas					
Não consigo imaginar a minha vida sem o Facebook					
A minha vida social melhorou muito com o Facebook					
Uso o Facebook somente para me divertir					
Prefiro sair com meus amigos a ficar batendo papo com eles pelo Facebook					

	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
O Facebook me ajudou a conhecer pessoas fora do meu cotidiano familiar e escolar	○	○	○	○	○
Posso usar o Facebook para defender uma causa ou divulgar meus ideais	○	○	○	○	○

11. Em relação ao Orkut. Qual a afirmação abaixo é a mais correta no seu caso? (APENAS UMA RESPOSTA)

- ○ Nunca tive perfil nessa rede social
- ○ Já tive perfil, mas já cancelei
- ○ Tenho perfil, mas não uso mais
- ○ Uso esporadicamente
- ○ Uso frequentemente

Anexo III – 2º Questionário aplicado aos jovens do Facebook

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Memória Social
Doutorado em Memória Social
Doutoranda: Rosali Maria Nunes Henriques

Nome:

1- Como você dividiria seus usos do Facebook atualmente? (marque somente um número para cada ação, sendo o número 1 o uso menos frequente e o número 6 o uso mais frequente. Não é necessário marcar todos)

	1	2	3	4	5	6
relatar o cotidiano	○	○	○	○	○	○
comunicar com amigos	○	○	○	○	○	○
divulgar trabalho	○	○	○	○	○	○
estreitar relações	○	○	○	○	○	○
divulgar uma causa	○	○	○	○	○	○
jogar	○	○	○	○	○	○

2 - Considere o período em que começamos a pesquisa (março de 2012) até o momento atual, você diria que o seu uso do Facebook foi: *

- ○ mais intenso
- ○ menos intenso
- ○ continua igual

3– Justifique a resposta anterior:

4 – Qual a sua ação mais frequente no Facebook?

- ○ postar
- ○ curtir
- ○ compartilhar
- ○ comentar

5 - O que você espera quando posta alguma coisa no Facebook? (você pode marcar mais de uma resposta)

- ☐ que as pessoas curtam
- ☐ que as pessoas se marquem nas fotos
- ☐ que as pessoas façam comentários positivos
- ☐ que as pessoas polemizem
- ☐ que as pessoas compartilhem
- ☐ que as pessoas repercutam minha postagem no ambiente off-line

6 – Você apaga postagens anteriores que se encontram em sua linha do tempo?

- ○ sim
- ○ não

7 – Justifique a resposta anterior (se sim e se não)

8 – Você tem o hábito de consultar os posts (fotos, textos e compartilhamentos) que você postou anteriormente?

- ○ sim
- ○ não

9 – Quando você adiciona um(a) novo(a) amigo(a), você tem o hábito de consultar a linha do tempo dele?

- sim
- não

10 – Qual é sua opção de privacidade no Facebook em relação às postagens? (conforme as opções abaixo listados pelo Facebook)

- público
- amigos
- amigos exceto conhecidos
- somente eu
- personalizado

11 – Você participa de algum grupo no Facebook?

- sim
- não

12 - Quantos e quais?

13 - Alguma vez você excluiu ou bloqueou alguém? Ou selecionou para não ver as suas atualizações?

- sim
- não

14 - Como você acessa o Facebook? (você pode marcar mais de uma resposta) *

- computador (desktop)
- tablet
- notebook/netbook
- celular

15 - Você usa qual equipamento para fotografar? (você pode marcar mais de uma resposta)

- ☐ celular
- ☐ tablet
- ☐ câmera fotográfica

16 - Você posta suas fotos pessoais no Facebook?

- ○ sim
- ○ não

17 – Justifique a resposta anterior (se sim e se não):

18 - O que você faz normalmente com suas fotos? (você pode marcar mais de uma resposta)

- ☐ descarrego no computador
- ☐ posto no Facebook
- ☐ salvo em alguma pasta
- ☐ imprimo em loja especializada
- ☐ Other: ____

19 - Você possui backup de suas fotos pessoais?

- ○ sim
- ○ não

20 - Se respondeu sim à pergunta anterior. Que tipo de drive (ferramenta ou sistema) você usa para armazenar suas fotos pessoais?

- ☐ Drives (cartão de memória, HD externo, CD, DVD, pen drive)
- ☐ Picasaweb
- ☐ Pinterest

- [ ] Dropbox
- [ ] Other:

21 - Quando você vê uma foto em que você foi marcado(a) postada por um(a) amigo(a) no mural dele (a). Você: (você pode marcar mais de uma resposta) *

- [ ] curte
- [ ] compartilha
- [ ] salva uma cópia no seu computador
- [ ] você desmarca
- [ ] nenhuma das respostas acima

22 - Você postou fotos suas das recentes manifestações, no Facebook?

- ( ) sim
- ( ) não
- ( ) não participei das manifestações

23 - Eu gostaria de saber o que significa o Facebook para você. Isso é muito importante para minha pesquisa. Obrigada

Anexo IV - Listagem para catalogação de dados postados no Facebook

Formato

1 Texto
2 Imagem
3 Vídeo
4 Áudio
5 Link
6 Página no Facebook

Tipo da ação

1 Curtir
2 Compartilhar
3 Postar

Assunto

1 Correntes ou hoax
2 Humor
3 Futebol
4 Dicas
5 Política
6 Entretenimento
7 Defesa de uma causa
8 Informe Pessoal
9 Cotidiano
10 Jogos e aplicativos do Facebook
11 Perguntas
12 Notícias
13 Memes
14 Moda
15 Memória
16 Religião
17 Estado de espírito/desabafo
18 Curiosidades
19 Publicidade
20 Pensamento de outros
21 Comentário
22 Recado para amigos
23 Viagens
24 Festas
25 Localização
26 Saída com amigos
27 Homenagem

28 Saudação
29 Culinária
30 hobbies
31 Interesses profissionais
32 Nostalgia
33 Anime/HQ
34 Cinema
35 Música
36 Série/Programa de TV
37 Game
38 Museu
39 Poesia